

ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DO PORTO

Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria

CONHECIMENTOS E ATUAÇÃO DOS  
ASSISTENTES OPERACIONAIS EM SITUAÇÕES DE  
VIOLÊNCIA / *BULLYING* EM MEIO ESCOLAR.  
CONHECER PARA INTERVIR!

KNOWLEDGE AND PERFORMANCE OF SUPPORTIVE  
STAFF IN SITUATIONS OF VIOLENCE / *BULLYING* AT  
SCHOOL. KNOW TO INTERVENE!

Dissertação orientada pela Professora Doutora  
Margarida Reis Santos e coorientada pela  
Professora Doutora Lúcia de Fátima Mota Ferreira  
Freitas

Neusa Micaela Amaral Coutinho

Porto | 2018



## AGRADECIMENTOS

Apesar da realização de uma dissertação de mestrado ser um processo solitário, a que os investigadores têm de se entregar, só é possível com o contributo de diversas pessoas. Neste sentido, tenho de agradecer a diversas pessoas e entidades, que me acompanharam e contribuíram para que este projeto fosse uma realidade.

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Margarida Reis Santos, por todo o apoio prestado, pelas palavras de encorajamento, de segurança e pelos conhecimentos transmitidos. A senhora foi um pilar essencial desde o início. Obrigada!

Agradeço à minha coorientadora, Professora Doutora Lúcia Fátima Mota Ferreira Freitas, pois foi uma referência, uma ajuda preciosa em toda esta caminhada, a qual foi muito solitária, característica que nos assiste pela nossa insularidade. Obrigada por estar aqui tão perto!

Agradeço aos meus superiores hierárquicos diretos pelo apoio e por me ajudarem a contornar os obstáculos que surgiram.

Agradeço à minha equipa, pelo apoio fundamental que me foi cedido, agradeço a cada uma de vós, pois sem vocês, não teria sido exequível.

Ao Conselho Executivo, à encarregada de pessoal e aos Assistentes Operacionais da Escola Básica e Integrada de Lagoa, pela autorização e colaboração na aplicação e preenchimento do pré-teste.

Aos Presidentes dos Conselhos Executivos das Unidades Orgânicas do Concelho de Vila Franca do Campo por autorizarem a realização deste estudo, assim como às encarregadas de pessoal pelo auxílio prestado na aplicação dos questionários.

Aos Assistentes Operacionais que integraram este estudo o meu muito obrigada, pois a vossa colaboração foi essencial para a sua concretização.

À minha família, obrigada por tudo, pelas horas que não consegui passar convosco, pelo amor, carinho, apoio, amparo e palavras. Vocês foram e são sempre incríveis! Sei que neste momento partilham esta alegria comigo. Tenho pena do avô já não estar aqui, viu-me iniciar este percurso, ..., sei que também estaria orgulhoso.

Para a Maria, a Beatriz e o Paulo!



## ABREVIATURAS

AO	Assistente operacional
CD	Código Deontológico
CE	Conselho Executivo
CRP	Constituição da República Portuguesa
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
DT	Diretor Turma
EBI Lagoa	Escola Básica Integrada de Lagoa
EBI PG	Escola Básica Integrada de Ponta Garça
EBS VFC	Escola Básica e Secundária de Vila Franca do Campo
ESE VFC	Equipa de Saúde Escolar de Vila Franca do Campo
ESIP	Especialista em Saúde Infantil e Pediatria
Gabinete CVPC	Gabinete de Combate à Violência e promoção da Cidadania
GCVPC	Gabinete de Combate à Violência e Promoção da Cidadania
OE	Ordem dos Enfermeiros
REPE	Regulamento do Exercício Profissional dos Enfermeiros
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
UK	<i>United Kingdom</i>
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
UNICEF	<i>United Nations Children's Fund</i>
UO	Unidade Orgânica
VFC	Vila Franca do Campo



## RESUMO

A violência e o *bullying* em meio escolar são uma realidade presente nas escolas. Afeta todos os intervenientes sejam agressores, vítimas ou espetadores e deixam sequelas para a vida. Acontece maioritariamente no espaço de recreio, que é essencialmente vigiado por assistentes operacionais. Esta problemática tem-se revelado um grande desafio para os enfermeiros considerando que as competências ligadas à promoção da saúde em contexto escolar fazem parte do seu domínio de atuação. Conhecer e ampliar o conhecimento na área da violência em meio escolar, particularmente sobre *bullying* torna-se, pois, essencial para uma intervenção mais efetiva no âmbito desta problemática.

O presente estudo de cariz exploratório e descritivo teve como objetivo, conhecer o que sabem os assistentes operacionais relativamente à problemática em estudo e como atuam face à mesma. Pretendeu, igualmente, contribuir para a elaboração de um plano de intervenção no âmbito da problemática em estudo direcionado aos responsáveis pela supervisão dos tempos livres dos estudantes no espaço escolar.

Como instrumento de colheita de dados foi utilizado um questionário, aplicado a 69 assistentes operacionais das duas unidades orgânicas escolares do Concelho de Vila Franca do Campo, da Ilha de São Miguel, Açores. O tratamento dos dados foi concretizado através de estatística descritiva e inferencial, com recurso ao SPSS versão 24, e as perguntas abertas foram sujeitas a análise de conteúdo, segundo Bardin.

Os resultados demonstraram que a maioria dos assistentes operacionais já ouviu falar de *bullying* (95,7%, n= 66). O tipo de violência que mais observam na escola é a “verbal”. A sua atuação perante situações de *bullying* varia e não obedece a nenhum padrão. A maioria (79,4%, n=50) referiu que tinha conhecimento sobre a existência de técnicos especializados na sua escola para intervir nas situações, de violência, contudo desconheciam o trabalho que realizavam com as crianças e adolescentes. São da opinião que as estratégias para a diminuição da violência e do *bullying* escolar passam por: manter os recreios escolares vigiados e orientados, pelo “trabalho colaborativo entre alunos, pais e comunidade escolar” e pelo “desenvolvimento de estratégias de prevenção da violência / *bullying* na escola”.

Os resultados evidenciam a necessidade de se investir não só na formação mas também numa abordagem estratégica e de colaboração entre o setor da saúde e da educação no âmbito da promoção da saúde em contexto escolar para uma atuação eficaz na redução deste problema – A violência e o *bullying* no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Violência, *Bullying*, Ambiente Escolar, Assistentes Operacionais, Enfermeiros



## **ABSTRACT**

Violence and bullying in educational surroundings are a reality in schools. Affects all intervenient being them the aggressors, victims or spectators and they leave scars for life. It happens mostly in the recreation space, which is essentially guarded by operational assistants. This issue has proved a major challenge for nurses whereas the skills related to health promotion in school context, are part of their field of expertise. Knowing and extend the knowledge in the area of school-based violence, particularly about bullying is therefore essential for a more effective intervention in the context of this problem.

The nature of this exploratory and descriptive study had as objective, understanding what the operational assistants know regarding the problematic under study and how they act when confronted with the situation. Also, it was intended, to contribute to the preparation of a contingency plan in the context of the issue under study being directed to the staff responsible for the supervision of the students ' leisure time in school spaces.

As a data collection instrument, a questionnaire was used and applied to 69 operational assistants of two organic units of the school municipality of Vila Franca do Campo, São Miguel Island, Azores. The processing of the data was accomplished through descriptive statistics and inferential statistics, using the SPSS version 24, and the open questions were subjected to content analysis, according to Bardin.

The results showed that most operational assistants heard of bullying (95.7%, n = 66). The kind of violence that is most observed at school is "verbal". The assistance action being before bullying situations varies and does not comply with any pattern. The majority (79.4%, n = 50) reported that they had knowledge of the existence of technicians specialized in their school to intervene in situations of violence however, they were unaware of the work being carried out with children and adolescents. Their opinion was that the strategies for reduction of violence and school bullying goes through: keeping the school playgrounds supervised and guided by the collaborative work between students, parents and school community "and the" development of strategies preventing violence/bullying at school ".

The results highlight the need to invest not only in training but also on a strategic approach and collaboration between the health sector and education under a health promotion context in school to effective actions in reducing this problem - the violence and bullying in the school surroundings.

**Keywords:** Violence, Bullying, School Environment, Operational Assistants, Nurses



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	17
1.ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	21
1.1. <i>Bullying</i> em Meio Escolar .....	21
1.1.1. As consequências .....	30
1.2. O Papel da Escola na Prevenção de Comportamentos de Risco .....	36
1.2.1. Violência em Meio Escolar .....	39
1.2.2. Violência nos Espaços de Recreio .....	41
1.2.3. Assistentes Operacionais - Que Papel no Meio Escolar? .....	43
1.3. <i>Bullying</i> – Um Desafio para os Enfermeiros .....	46
2-ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO .....	49
2.1. Justificação do Estudo .....	49
2.2. Questão de Partida .....	50
2.3. Objetivos .....	51
2.4. Tipo de Estudo .....	51
2.5. Hipóteses de Investigação .....	52
2.6. Instrumento de Recolha de Dados .....	53
2.7. Procedimento de Recolha e Análise dos Dados .....	57
2.8. Participantes .....	58
2.8.1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra .....	58
2.9. Considerações Éticas .....	59
3. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	61
CONCLUSÃO .....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	85
ANEXOS .....	95
ANEXO 1 – Questionário	
ANEXO 2 – Pedido aos presidentes dos Conselhos Executivos das Unidades Orgânicas para a realização do estudo	
ANEXO 3 – Autorização dos Presidentes dos Conselhos Executivos das Unidades Orgânicas	
ANEXO 4 – Consentimento Informado	



## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Alterações ao questionário sugeridas pelos participantes no pré-teste .....	54
TABELA 2: Tempo da frequência da última formação sobre <i>bullying</i> em meio escolar .....	61
TABELA 3: Local onde ocorreu a formação sobre <i>bullying</i> em meio escolar .....	61
TABELA 4: Duração da formação sobre <i>bullying</i> em meio escolar .....	62
TABELA 5: Opinião dos participantes sobre <i>bullying</i> .....	63
TABELA 6: Tipos de <i>bullying</i> .....	64
TABELA 7: Ações adotadas pelos AO para evitar o <i>bullying</i> entre alunos .....	65
TABELA 8: Distribuição dos tipos de violência entre estudantes observada pelos AO .....	66
TABELA 9: Situações de violência em que os AO intervêm .....	66
TABELA 10: Razões subjacentes à intervenção dos AO perante situações de violência / <i>bullying</i> .....	67
TABELA 11: Atuação dos AO face a situações de violência / <i>bullying</i> em meio escolar .....	68
TABELA 12: Locais de ocorrência de violência na escola ou imediações .....	69
TABELA 13: Pessoal que vigia os locais de ocorrência de violência na escola .....	70
TABELA 14: Orientação do tempo livre dos alunos .....	71
TABELA 15: Comportamentos observados pelos AO nos alunos vítimas de <i>bullying</i> .....	72
TABELA 16: Comportamentos observados pelos AO nos alunos agressores .....	73
TABELA 17: Técnicos que apoiam na resolução de situações de <i>bullying</i> .....	74
TABELA 18: Estratégias usadas pelos técnicos para prevenir e combater a violência escolar .....	75
TABELA 19: Opinião relativa às medidas de resolução da violência / <i>bullying</i> em meio escolar .....	76
TABELA 20: Intervenções desenvolvidas pelos AO para evitarem situações de <i>bullying</i> em função do sexo .....	77
TABELA 21: Intervenção dos AO face a situações de <i>bullying</i> em função do estado civil ....	78
TABELA 22: Relação entre a intervenção dos AO face a situações de <i>bullying</i> e o vínculo laboral. ....	79
TABELA 23: Intervenção dos AO perante situações de <i>bullying</i> em função da sua formação sobre a temática .....	80



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Modelo ecológico da violência .....	24
FIGURA 2: Ciclo da agressão.....	30



## INTRODUÇÃO

A violência em meio escolar é um fenômeno que acarreta resultados nefastos para a vida e saúde das crianças e adolescentes que são alvo da mesma, pelo que é considerada um obstáculo ameaçador do seu normal desenvolvimento (Mendes, 2010), com graves consequências individuais e sociais (Mendes, 2010; Carneiro e Figueiredo, 2012; Silva et.al., 2015; OMS, 2015), tais como compromisso da aprendizagem e influência no abandono escolar precoce (OMS, 2015). A longo prazo pode ser responsável pelo desenvolvimento de perturbações depressivas, ideação suicida, isolamento, exclusão e comportamentos de risco (Barros, Carvalho e Pereira, 2009; Carneiro e Figueiredo, 2012; OMS, 2015), o que não vai ao encontro do que se almeja para as instituições escolares – serem locais em que os estudantes se sentem bem, aprendem e adquirem competências necessárias para se tornarem adultos saudáveis. A salientar que qualquer tipo e forma de violência e *bullying* escolar “viola o direito fundamental à educação e os ambientes de aprendizagem inseguros reduzem a qualidade de educação para todos os alunos” (UNESCO, 2017, p. 5).

Fante (2005, cit. por Oliveira e António, 2006, p. 35) refere que a “escola é um local onde os discentes permanecem grande parte de seu dia, tornando-se quase que uma segunda casa, pelo que tem como objetivo a socialização centrada no princípio da equidade, logo, onde todos têm os mesmos direitos, procurando igualar as discrepâncias na sociedade”, o que vai contribuir para o pleno desenvolvimento do cidadão (Sales e Sousa, 2012). Neste mesmo sentido, no Relatório da UNESCO sobre violência e *bullying* escolar, 2017, é mencionado que não é possível aos países alcançarem uma educação de qualidade, que seja inclusiva e equitativa se os alunos experimentarem situações de violência na escola, a qual prejudica a saúde dos intervenientes com repercussões no presente e no futuro, ou seja, na vida adulta (UNESCO, 2017).

Ao nível mundial o *bullying* é uma realidade na vida de muitas crianças e adolescentes, com uma proporção muito elevada, espelhada no relatório da UNICEF “Um rosto familiar: A violência na vida de crianças e adolescentes” no qual se lê:

*Em todo o mundo, cerca de 130 milhões (um pouco mais de um em cada três) estudantes entre 13 e 15 anos sofrem bullying regularmente; Cerca de três em cada dez jovens e adolescentes em 39 países da Europa e da América do Norte (17 milhões) admitem ter praticado bullying contra outros na escola; No Brasil, 43% de meninos e meninas do 6º ano (11 e 12 anos) disseram que sofreram bullying nos últimos meses. Eles foram roubados, insultados, ameaçados, agredidos fisicamente ou maltratados. (Third Regional Comparative and Explanatory Study, TERCE) (UNICEF, 2017a, p.2)*

Em relação ao nosso País, e reportando-nos a dados oficiais relativos a 2015, a realidade é preocupante uma vez que os resultados verificáveis no relatório da UNICEF certificam que Portugal ocupa a 15ª posição em relação aos países que registam mais queixas de *bullying* na Europa e na América do Norte (UNICEF, 2017, p. 42). Verificou-se que 31% a 40% dos adolescentes portugueses com idades entre os 11 e os 15 anos afirmaram ter sido vítimas de *bullying* nos últimos dois meses (UNICEF, 2017b).

Nos Açores e com base nos resultados obtidos, no final do ano letivo 2015/2016, constatou-se que a violência em meio escolar é um dos problemas existente nas escolas Açorianas, sendo 21,5% dos alunos vítimas de *bullying* dentro do recinto escolar (Governo dos Açores, 2016).

A violência em meio escolar é um fenómeno que tem vindo a ganhar cada vez mais visibilidade em todo o mundo dando origem à criação de múltiplos organismos tais como o Observatório Internacional da Violência na Escola e o Observatório Europeu da Violência Escolar. Este último foi fundado em 1998 em Bordeaux e por sua iniciativa foi criada a Federação Internacional dos Investigadores no domínio da Violência Escolar.

Estudos desenvolvidos em diversos países constataram que a percentagem de crianças em idade escolar envolvidas em situações de *bullying*, seja como agressores ou como vítimas, é de cerca de 15% e que o número de crianças vítimas é duas vezes superior no primeiro ciclo comparativamente com as do segundo ciclo e secundário (Olweus, 1993, 1994, 1995, cit. Rodrigues, 2015; Olweus, e Limper, 2010, cit. Rodrigues, 2015).

Este fenómeno por já apresentar contornos preocupantes quer pelos resultados obtidos no Arquipélago dos Açores (Governo dos Açores, 2016) quer pelos obtidos no país (Lourenço et al., 2009; Carvalhosa, Moleiro e Sales, 2009) associado a motivações pessoais e profissionais impulsionaram-nos para a exploração da violência em meio escolar, entendida, neste contexto, como “diversos tipos de comportamentos violentos, que incluem violência física, psicológica e sexual e *bullying* perpetrada por estudantes, professores ou outros trabalhadores da escola” (UNESCO, 2017, p. 15) e o *bullying* entendido como “uma forma de violência caracterizado por um comportamento agressivo e intencional que decorre de forma

repetida ao longo do tempo contra uma vítima, com a qual existe um desequilíbrio de poder” (UNESCO, 2017, p. 15). É uma realidade que preocupa toda a comunidade educativa, isto é, pais, encarregados de educação, docentes, discentes, pessoal não docente e, também muito particularmente, os enfermeiros.

Faz parte da esfera de competências do enfermeiro agir de

*B1) (...) forma fundamentada, mobilizando e aplicando os conhecimentos e técnicas adequadas, procurando realizar as melhores práticas assentes em resultados de investigação e outras evidências” (...) B2) (...) mobiliza os seus conhecimentos técnicos e científicos na definição de diagnósticos de situação, no estabelecimento de planos de ação atendendo às políticas de saúde e sociais, bem como aos recursos disponíveis no contexto em que está inserido. O enfermeiro no âmbito da educação para a saúde, dota os cidadãos de conhecimentos, capacidades, atitudes e valores que os ajudem a fazer opções e a tomar decisões adequadas ao seu projeto de saúde (DR, 2015, p. 10088).*

Neste sentido, os enfermeiros têm um papel fundamental na prevenção da violência e do *bullying* em contexto escolar pois devem assumir a sua responsabilidade na promoção da saúde e bem-estar das crianças e adolescentes em conformidade com o que lhe é exigido nos diplomas legais norteadores do exercício profissional de enfermagem, como o Código Deontológico e o REPE.

Os enfermeiros especialistas em saúde infantil e pediatria (EESIP) têm uma responsabilidade acrescida na identificação precoce de situações que coloquem em causa a qualidade de vida da população alvo dos seus cuidados – crianças e adolescentes - e na ajuda que devem prestar às crianças / adolescentes e às suas famílias, para gerirem da melhor forma estas situações (Mendes, 2010). Procurar sensibilizar os adultos (pais, encarregados de educação, professores, assistentes operacionais e outros técnicos da escola) para a relevância da violência e do *bullying*, em meio contexto escolar, e em conjunto encontrarem formas de diminuir e erradicar este problema, que afeta não só os alunos, mas também as suas famílias e a sociedade no geral.

Diversos estudos referem que, apesar da violência na escola acontecer em qualquer espaço, ocorre especialmente em zonas de lazer (Barros, Carvalho e Pereira, 2009; Lourenço et al., 2009; Fernandes et. al, 2015), por serem locais menos vigiados (Shore, 2006). Na realidade portuguesa, habitualmente é delegado aos assistentes operacionais a vigilância das crianças / adolescentes que se encontram nestes espaços, não sendo os Açores uma exceção, conforme é referido no estatuto do pessoal não docente do sistema educativo regional (Governo dos Açores, 2006). Deste modo consideramos que o pessoal não docente e docente deve participar em parceria com o pessoal da saúde no planeamento, execução e avaliação

de programas de intervenção e de educação para a saúde na escola (Freitas, 2013). Para uma colaboração mais efetiva e eficaz na diminuição e até erradicação deste problema das nossas escolas e da vida dos nossos estudantes consideramos importante conhecer o que os AO sabem sobre *bullying* e como atuam perante esta situação, pois só envolvendo toda a comunidade educativa, poderemos alcançar o sucesso. Consideramos, igualmente, que na posse deste conhecimento podemos identificar necessidades de formação nestes profissionais relacionadas com a temática em estudo constituindo-se como um recurso valioso para a conceção da formação nesta área. É desejável que um plano de formação atenda, também, às necessidades dos indivíduos que mais diretamente estão ligados à vigilância das crianças e jovens nas zonas de lazer em meio escolar.

Esta investigação visa o estudo da problemática da violência em meio escolar sob a ótica dos assistentes operacionais, tendo como objetivos:

- Analisar os conhecimentos sobre a violência e *bullying* dos assistentes operacionais das escolas do concelho de Vila Franca do Campo;
- Identificar como atuam, perante situações de violência e *bullying* entre estudantes, os assistentes operacionais das escolas do concelho de Vila Franca do Campo.

Com este estudo, pretende-se contribuir para a diminuição da violência e *bullying* em contexto escolar concorrendo desta forma para a saúde e qualidade de vida das crianças e adolescentes que frequentam as escolas do concelho de Vila Franca do Campo.

O estudo insere-se no paradigma quantitativo e é de natureza exploratória. A população foi constituída pelos assistentes operacionais das escolas do concelho de Vila Franca do Campo. Os dados foram recolhidos por questionário.

Este trabalho encontra-se estruturado em três capítulos, nomeadamente, enquadramento teórico, dividido em três subcapítulos nos quais é descrita a temática em estudo. No capítulo seguinte são destacadas as opções metodológicas utilizadas. No último são apresentados, analisados e discutidos os resultados obtidos na investigação.

A salientar que a escassez de estudos na área do *bullying* em que participasse a população alvo do nosso estudo – os assistentes operacionais das escolas – coadunou-se como uma limitação ao próprio estudo.

## 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo serão espelhados os conceitos relativos à temática violência e *bullying* em meio escolar e o papel que os enfermeiros, nomeadamente os ESIP, podem ter na prevenção, no controlo e diminuição destes fenómenos tão problemáticos para a criança / família e comunidade.

### 1.1. *Bullying* em Meio Escolar

*Consentir que uma criança seja maltratada por outra criança ou por um adolescente é permitir que haja mais vítimas de abusos. O abuso não é «normal entre crianças em idade escolar», nem se trata «apenas de brincadeiras» (Rodríguez, 2004, p. 54).*

Apesar de só nas últimas décadas se dar mais atenção, as situações de “abusos entre iguais (*bullying*) sempre existiram. Sempre houve casos de crianças rejeitadas, humilhadas e vítimas de agressões por parte dos colegas, mas durante muito tempo estes casos eram considerados um problema de miúdos e faziam parte das «dores de crescimento»” (Haber e Glatzer, 2007, p. 11).

*Bullying* é uma palavra que deriva do termo inglês *bully*, que significa ser valente ou tirano, o que em termos verbais indica oprimir e amedrontar (Olweus, 2004; Fante, 2005, cit. Oliveira, 2012). Na língua portuguesa não há uma palavra que o traduza, pelo que é comumente usado este termo para referir situações de abuso, agressividade, intimidação, violência (Ferreira e Pereira, 2001 cit. Oliveira, 2012), “perseguição psicológica, moral ou

física, levada a cabo nas escolas, em que um aluno exerce o seu poder sobre outro, de modo sistemático e com a intenção de lhe fazer mal” (Rodríguez, 2004, p. 16).

Dan Olweus<sup>1</sup>, pioneiro na investigação do *bullying* em escolas da Noruega, definiu-o como a exposição repetida e prolongada no tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas, em relação a outra/s (a/s vítima/s de bullying) (Olweus, 1993).

Haber e Glatzer (2007, p. 20), consideram que o *bullying* se caracteriza por apresentar “um padrão repetitivo ou crónico de um comportamento lesivo que envolve o intuito de manter um desequilíbrio de poder” (...) quem o pratica sente prazer em magoar as pessoas que considera serem mais fracas para construir a sua própria noção de poder”.

Esta forma de violência distingue-se da agressão ocasional não só pela sua persistência no tempo, pois apresenta um padrão de repetição, como pela desigualdade de poder entre os intervenientes (Lourenço et al., 2009; Barros, Carvalho e Pereira, 2009; Carneiro e Figueiredo, 2012), assim como, pela intenção de provocar dor e sofrimento na(s) vítima(s) (Carneiro e Figueiredo, 2012).

Torna-se, importante diferenciar *bullying* de violência ocasional ou “briga”. Este último conceito tem a ver com um agravamento do conflito, situação que é normal entre crianças e adolescentes, uma vez que estes por vezes se envolvem em brincadeiras agressivas, como gritar, ou empurrar e até bater uns nos outros, sem que o componente *bullying* esteja presente, pois não há uma dinâmica de poder desigual na qual uma pessoa quer controlar outra como acontece nas situações de *bullying* (Haber e Glatzer, 2007). A desigualdade de poder entre os intervenientes e a intenção com que se pratica o ato torna-o diferente de uma “briga” ocasional entre iguais, entre colegas. A “briga” é então diferente de violência, a qual “implica raiva, cólera, ira, intenção de destruir (...)” (Rodríguez, 2004, p. 20).

O *bullying* é um fenómeno social muito complexo, que se apresenta por vezes como uma prática velada e perversa, pelo que merece uma atenção particular pelas consequências que lhe são inerentes, no imediato e no futuro, podendo colocar em risco a saúde e a vida dos seus intervenientes (Dalosto e Alencar, 2013). A prática de *bullying* é realizada de diversas formas, nomeadamente por atos de opressão, tirania, agressão e domínio de uma pessoa ou grupo, que são subjugados aos agressores (Cachoeira, 2015). No processo de *bullying* estão

---

<sup>1</sup>Dan Akê Olweus nasceu a 18 de abril de 1931 na Suécia e é professor e pesquisador da Universidade de Bergen na Noruega desde 1969. Foi pioneiro na pesquisa contra a violência escolar e intimidação - *bullying*, na década de 70. A partir desta década desenvolveu programas de prevenção de violência em meio escolar, em vigor em muitas escolas do mundo.

envolvidos os “agressores”, “bullies” ou “bullys”; as “vítimas” ou “alvos” e os “observadores” ou “espetadores” (Haber e Glatzer, 2007; Gouveia, 2011).

Os agressores são aqueles que agridem. De acordo com Silva e Salles (2010), são fisicamente mais robustos, respondem de forma mais agressiva, são provocadores e ostentam prazer com o sofrimento que instigam nas suas vítimas. Os agressores apresentam necessidade de dominar e humilhar as suas vítimas, que frequentemente exibem dificuldades em controlar os seus impulsos e lacunas ao nível das competências sociais (Olweus, 1993; Oliveira, 2012), e vitimizam os colegas mais frágeis. Não manifestam medo, demonstrando confiança em si mesmos e uma autoestima elevada (Olweus, 1993). De acordo com Rodríguez (2004), esta necessidade de poder está relacionada com a necessidade de conseguirem alguma atenção, serem vistos e aceites, e existe uma grande disparidade entre a imagem que os agressores mostram e as verdadeiras tendências e carências que estão sob esta imagem. O autor refere ainda, que se sujeitam a uma representação constante, que não passa da defesa contra o sofrimento que carregam.

No entanto, Harber e Glatzer (2007) ressaltam que nem todos os agressores são fáceis de identificar, seja pelas suas características físicas, seja pela sua forma de ser e de estar. Neste sentido, os agressores também podem ser estudantes “populares, espertos/as, encantadores/as, para os adultos e têm muitos amigos e amigas (...). Mantêm o estatuto social fazendo com que os outros e outras se tornem objetos do seu escárnio e ridicularizando-os/as (...) parecem líderes (...) no entanto (...) não têm empatia (...)” (Harber e Glatzer, 2007, p. 24). Os mesmos autores defendem que os agressores se apresentam como sendo fascinantes e atraentes, características que normalmente não são atribuídas ao estereótipo de agressor e que dificultam a sua identificação.

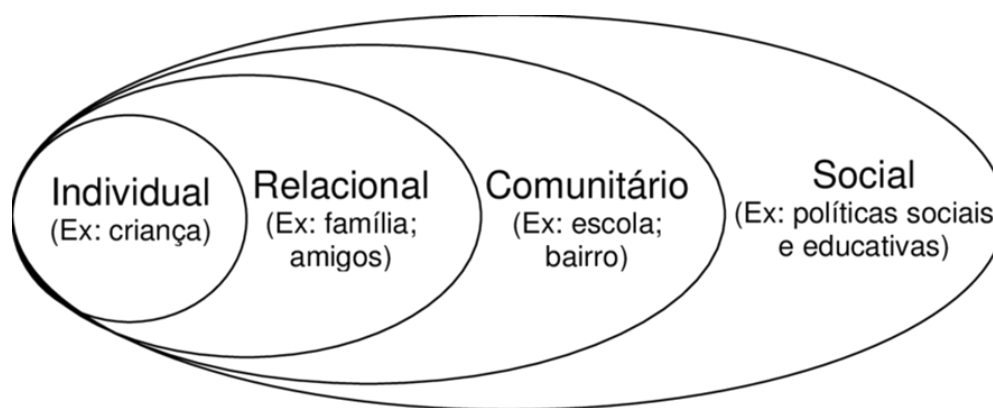
Os agressores acreditam que as suas vítimas /alvos são de alguma forma mais fracos que eles, seja ao nível físico, mental, social, emocional, ou numa forma combinada destas possibilidades. Sentem satisfação ao magoarem as suas vítimas e se o comportamento se mantiver sem controlo, têm a sensação de conseguir intensificar o seu poder à custa de outra pessoa (Haber e Glatzer, 2007).

No que se refere ao sexo, verificam-se algumas diferenças na forma de atuação, ou seja, na forma como alcançam poder, sendo as raparigas mais propensas a comportamentos dissimulados e manipuladores tais como ofensas, humilhação e propagação de rumores que colidem com a exclusão social das vítimas, apresentando os rapazes, mais frequentemente, comportamentos que culminam em agressão física ou verbal (Rodríguez, 2004; Seixas, 2009;

Lopez et al., 2011). Independentemente do tipo de investida, os agressores fazem mal às suas vítimas porque usufruem de prazer no ato de exercer poder, sendo esta desigualdade de poder, o seu sucesso (Rodríguez, 2004).

Existem algumas características / fatores de risco que podem tornar a criança / adolescente mais suscetível de vir a tornar-se num agressor. O Modelo ecológico defendido pela OMS no entendimento da violência, baseado nos estudos de Bronfenbrenner (1996), explica a complexa interação de fatores individuais, de relacionamento estabelecidos, comunitários e sociais sendo necessário para a compreensão do fenómeno ter sempre em mente as interações e conexões existentes entre os diferentes níveis, conforme ilustra a figura 1 e a descrição que se faz de seguida.

FIGURA 1: Modelo ecológico da violência



Fonte: [https://www.google.pt/search?q=modelo+ecologico+para+compreender+a+violencia&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKewjf-PmF9l7YAhXGuxQKHZQOA3EQ\\_AUICigB&biw=1242&bih=602#imgrc=F8EnJOVLcZuINM:](https://www.google.pt/search?q=modelo+ecologico+para+compreender+a+violencia&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKewjf-PmF9l7YAhXGuxQKHZQOA3EQ_AUICigB&biw=1242&bih=602#imgrc=F8EnJOVLcZuINM:)

Os fatores de risco individual – abarcam o sexo (sendo os rapazes mais propensos a comportamentos violentos que as raparigas e estas a formas mais subtis de agressão); características físicas (normalmente os agressores são fisicamente maiores e mais fortes que as vítimas); idade (as crianças que frequentam o 1º e o 2º ciclo e que apresentam faixas etárias inferiores apresentam maior probabilidade de perpetrar comportamentos agressivos, tendência que diminui com a idade); outros fatores relacionados com o risco individual são o difícil controlo da irritabilidade, agressividade e impulsividade, envolvimento em comportamentos de risco e delinquência, elevada autoestima, entre outros.

Os fatores de risco relacional – albergam a associação a pares desviantes (os agressores são populares no seu grupo de pares, possuindo competências sociais de interação e relacionamento, e tendem a envolver-se com iguais na medida em que partilham os mesmos valores e comportamentos. Apresentam necessidade de controlo e domínio nos relacionamentos); outros fatores de risco nesta categoria estão relacionados com baixo nível socioeconómico; reduzido suporte social, recurso a práticas educativas demasiado punitivas por parte dos progenitores, entre outros.

Os fatores de risco comunitário – incluem o insucesso escolar (muitos agressores são alunos que reprovam vários anos, o que pode levar a que sejam tendencialmente maiores e mais fortes que as vítimas, por serem mais velhos), sendo habitual o absentismo. A postura dos profissionais da educação também pode ser um fator de extrema importância como potenciador da perpetuação de comportamentos de violência, pois alguns profissionais aprovam os comportamentos violentos, outros não os punem; outros manifestam dificuldades na gestão eficaz de comportamentos desadequados; e outros não monitorizam os comportamentos dos alunos. Outros fatores que podem estar associados, como em algumas escolas não haver informação acerca deste fenómeno; postura negligente dos profissionais perante comportamentos desadequados; inconsistência punitiva perante os comportamentos dos alunos e percepção de insegurança que o ambiente escolar transmite aos alunos.

Os fatores de risco social – englobam as normas sociais (contribuem para perpetuar os comportamentos violentos o facto de haver a tolerância e desvalorização social deste fenómeno; inexistência de um código de conduta; não haver reprovação perante manifestações de violência e não haver meios de punição de forma igual para todos perante a mesma situação).

Todos os fatores apresentados bem como as suas conexões demonstram bem o carácter complexo do fenómeno da violência.

No que se refere às “vítimas” ou “alvos” são aqueles/as que sofrem as agressões. Normalmente sentem-se indefesos/as, aparentam insegurança e exibem fracas competências assertivas para lidar com as mais variadas situações (Silva e Salles, 2010; Oliveira, 2012), são fisicamente mais frágeis, além de mostrarem uma atitude submissa (Silva e Salles, 2010). Comumente apresentam baixa autoestima e por vezes são crianças / adolescentes que aparentam um padrão físico diferente dos padrões socialmente aceites pelos seus pares (Olweus, 1993). Neste sentido, qualquer característica diferente das

estereotipadas pela sociedade como mais recomendadas, que se transfigure em vulnerabilidade, oferece maior probabilidade aos que as detêm para se tornarem nos próximos alvos. De entre estas características, Harber e Glatzer (2007), mencionam ser excessivamente alto, baixo, magro, esperto, “burro”, pobre, apresentar um corte de cabelo obsoleto, raça ou religião diferente, homossexualidade perceptível, peito liso ou demasiado desenvolvido para a idade, gaguez, deficiência, ser querido pelo professor, enfim, todas estas e outras características socialmente consideradas diferentes dos padrões recomendados, servem para que os seus possuidores se tornem em possíveis alvos.

No entanto, estes mesmos autores chamam à atenção para um fator que tem um impacto muito importante e que de certa forma determina se a criança / adolescente, potencial alvo, se tornará ou não em vítima, que é a forma como reage à agressão (Harber e Glatzer, 2007).

Uma outra possibilidade que poderá conferir mais probabilidade de a criança / adolescente se tornar vítima, prende-se com o facto de no seu seio familiar ocupar um lugar em que não se consegue defender, neste sentido, Rodríguez (2004, p. 24) refere que a “impossibilidade de a vítima se defender pode dever-se a estar habituada a ocupar esse mesmo lugar de desvantagem na própria família, ou a sentir-se incapaz de enfrentar o poder do *bully*”, o que nos reporta para a importância e para o impacto que as estruturas familiares têm na formação das crianças / adolescentes. Quando a família é equilibrada, apresenta-se como uma medida preventiva contra a violência (Savioli et al., 2015).

De acordo com o modelo ecológico da violência preconizado pela OMS existem algumas características / fatores de risco que podem tornar a criança / adolescente mais suscetível a tornar-se numa vítima. Estes são categorizados, como mencionado para o agressor, em fatores de risco individuais, relacionais, comunitários e risco sociais (OMS, 2002 cit. por APAV, 2011).

Os fatores de risco individuais – englobam o sexo (os rapazes são mais suscetíveis a violência física e verbal e as raparigas a formas mais subtis de violência como serem alvo de rumores); a idade (normalmente as vítimas são mais novas que o seu agressor e por consequência mais pequenas e fracas); características físicas (manifestam-se pela diferença que possam apresentar em relação ao seu grupo de pares, como acima referenciado), assim como, outras características que têm a ver com a forma de ser e de estar, nomeadamente no que respeita à baixa autoestima, demonstração de ansiedade e insegurança, dificuldade na regulação emocional e gestão de acontecimentos, vulnerabilidade emocional, entre outros, e ainda história prévia de vitimização.

Os fatores de risco relacionais – compreendem a exibição de fracas competências interpessoais (relacionadas com o facto de estas crianças / adolescentes apresentarem poucas competências de relacionamento e comunicação interpessoal, assim como, de assertividade. A sua empobrecida rede social resulta no seu afastamento e isolamento em relação aos seus pares e na rejeição por parte dos mesmos). Outros fatores desta categoria prendem-se com o baixo nível socioeconómico, acontecimentos de vida que alterem a dinâmica e estrutura familiar, demasiada proteção dos pais, ambiente conflituoso entre a fratria, no entanto, também há as que são vítimas agressivas ou reativas (reagem à agressão, também, com agressão, passando de um papel para outro).

Fatores de risco comunitários – abarcam o meio escolar, este pode ser um meio potenciador de risco de vitimização (pela dificuldade na identificação, sinalização e atuação perante este fenómeno; parca comunicação acerca deste tema na escola; percepção de insegurança por parte dos alunos em relação ao ambiente escolar). Outros fatores que também podem estar associados são a desorganização social da área de residência; ausência de associações na comunidade para supervisionar os jovens, pobreza, violência e criminalidade.

Fatores de risco sociais – normas sociais (relacionam-se com a tolerância e desvalorização deste fenómeno); ausência clara de regras e normas, assim como, a carência e a incongruência nas punições.

Todos os fatores acima mencionados contribuem para aumentar a probabilidade de um indivíduo se vir a tornar numa vítima.

De acordo com Beane (2006, cit. Barros, Carvalho e Pereira, 2009, p. 5751), as vítimas podem classificar-se em passivas ou provocadoras, sendo que

*as vítimas passivas são solitárias, ansiosas e sensíveis, não tem poder de auto-defesa e não reagem rapidamente às situações, pois geralmente não tem muitos amigos que possam ajudá-las. As vítimas provocadoras se excitam com facilidade, são impulsivas e irritantes, insultam e instigam os agressores e fazem de si mesmos alvos, no entanto não tem capacidade de defesa.*

Outros intervenientes no processo de violência, tão importantes como os agressores e as vítimas, são os “observadores” ou “espetadores”, a estes cabem o papel de presenciarem / testemunharem a agressão podendo ou não envolver-se no ato (Rodríguez, 2004; Harber e Glatzer, 2007; Gouveia, 2011; Oliveira, 2012).

O estudo que realizou Mendes (2010) concluiu que 90% das situações de *bullying* são praticadas na presença de testemunhas / “observadores” e que 63% destes, não intervêm

para auxiliar os colegas vítimas do mesmo. Harber e Glatzer (2007) mencionam que numa mesma sala de aula 85% dos alunos têm o papel de observadores dos atos de *bullying*. Curiosamente, estes “podem ser os principais actores no palco deste tipo de comportamento”, mas se “estas figuras fizerem o correcto, podem reduzir os incidentes de agressão em pelo menos cinquenta por cento, ou mais” (Harber e Glatzer, 2007, p. 35), o que lhes confere um importante papel no cenário da violência no meio escolar.

No estudo de Matos et al. (2012), sobre a saúde dos adolescentes portugueses, verificou-se que dos jovens que referiram ter presenciado provocações na escola (n= 2787), a maioria mencionou que não fez nada e afastou-se (61,9%, n= 1891) e 54,8% (n= 1805) referiram não ter feito nada, mas ficaram a observar. Neste mesmo estudo, a percentagem dos que ajudaram a vítima foi de 43,4%, a dos que mencionaram ter pedido ajuda a um adulto foi de 21,3% e a dos que encorajaram o provocador foi de 10,7%.

Alguns “observadores” não se envolvem por medo de serem as próximas vítimas, outros por não saberem como atuar e outros por nem darem conta do que se está a passar com os colegas que estão a ser alvo de comportamentos antissociais. Estes “observadores” são habitualmente denominados de “*outsiders*”, “imparciais” ou de “observadores imparciais”, pois ficam de fora, não se misturando no “cenário” da violência (Pereira, Silva e Nunes, 2009; Salmivalli e Voeten, 2004; Salmivalli, 2005, cit. por Gouveia, 2011). Estas crianças / adolescentes não auxiliam os colegas devido a sentirem-se incapazes para o fazer, contudo, essa situação leva-as a sentirem mal-estar o que lhes gera sofrimento (Pereira, Silva e Nunes, 2009).

Harber e Glatzer (2007) aludem que os observadores apesar de manifestarem sentimentos de empatia pelas vítimas, não os culpando pelo sucedido, com o tempo, começam a culpá-los.

Quando um agressor controla um grupo, está subjacente o princípio do “«ver, ouvir e calar»” (Rodríguez, 2004, p. 51), ao qual a maioria dos seus membros adere, situação “que se torna numa espécie de ordem irrevogável. É uma ordem que, se não for cumprida, tem latente a ameaça de que um simples espectador pode passar a ser a vítima eleita (...) mas também (...) que para fazer parte de um grupo tão duro não se pode falar de nada do que aí se vê ou ouve com ninguém” (Rodríguez, 2004, p. 51). Este é o sentimento que impera no grupo e os seus adeptos, praticantes ou não, devem obedecer, sob pena de represálias. No entanto, estes intervenientes deixam a sua marca com a sua inoperância, pois, como referiu Martin Luther

King Jr.<sup>2</sup> “No final, não nos lembraremos das palavras dos nossos inimigos, mas do silêncio dos nossos amigos” (sem ano) e este é um silêncio que pode deixar marcas de massacre psicológico.

No entanto, também há os “observadores” que se envolvem no “cenário violência”. Segundo Horne e Orpinas (2006, cit. por Gouveia, 2011, p. 15), são distinguidos em dois grupos, nomeadamente os “que são parte do problema” e os “que são parte da solução”, sendo que aos primeiros cabe o papel de instigarem a perpetuação da violência, seja por meio de palavras de incentivo verbal, seja por “ajudarem” a dar um empurrão à vítima e logo regressam ao seu papel de observadores e criam audiência aos agressores. Os que são parte da solução podem tentar dissolver e acalmar a situação através de auxílio aos colegas que estão a ser alvo da violência, pedindo ajuda a um adulto, oferecendo apoio e conforto ou conversando com os agressores para os demover da sua ação negativa e desrespeitosa para com os colegas.

Os “observadores” são, pois, uma população que carece de ser alvo de mais atenção, devendo ser mais envolvidos nos programas de prevenção de *bullying* promovidos pelas / nas escolas, pois, tal como foi referido, se devidamente instruídos, podem fazer parte da solução no combate à violência / *bullying*.

O ciclo da agressão (figura 2) proposto por Olweus (sem ano) espelha a intervenção dos diversos intervenientes no processo de *bullying*.

---

<sup>2</sup> Martin Luther King Jr., sem ano. (nasceu a 15-01-1929 e foi assassinado a 04-04-1968. Foi um pastor protestante e ativista político estadunidense. Tornou-se um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos EUA e no mundo, com uma campanha de não-violência e de amor ao próximo. Prémio Nobel da Paz em 1964). Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTMwODQ/>

FIGURA 2: Ciclo da agressão



Fonte: Adaptado de [https://www.google.pt/search?q=ciclo+da+agress%C3%A3o+de+dan+olweus&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi5nqSGmMPXAhUFJ8AKHXtWax0Q\\_AUICigB&biw=1242&bih=557#imgrc=8VCJ34jS1F0IAM](https://www.google.pt/search?q=ciclo+da+agress%C3%A3o+de+dan+olweus&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi5nqSGmMPXAhUFJ8AKHXtWax0Q_AUICigB&biw=1242&bih=557#imgrc=8VCJ34jS1F0IAM):

### 1.1.1. As consequências

*O bullying constitui um abuso e implica consequências graves a curto e longo prazo para todos e todas envolvidos/as: os/as agressores/as, os alvos e os observadores ou observadoras* (Haber e Glatzer, 2007, p. 20)

Todos os intervenientes no processo de *bullying* apresentam sequelas, as consequências não se ficam pelos que sofreram o *bullying*, vão muito além e extrapolam para todos os intervenientes deste processo, independentemente da sua atuação, claro que, com profundezas diferentes. As sequelas são muitas e diversas, mais ou menos profundas, no imediato ou no futuro e dependem de múltiplos fatores.

Em relação aos “agressores”, estes “têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e violentos, sendo possível a adoção de atitudes delinquentes

e/ou criminosas” (Neto e Saavedra, 2003 cit. Cachoeira et al., 2015, p. 87), situações que abarcam um leque de consequências que podem comprometer o futuro destes jovens.

No que se refere às vítimas, é consensual que entre os vários problemas que podem apresentar os mais comuns são: sintomas psicossomáticos (tais como cefaleias, cansaço crónico, insónias, dificuldade de concentração, náuseas, vômitos, tensão muscular, entre outros); transtorno de pânico (relacionado com a experiência de sensação avassaladora de medo e ansiedade, sem motivo aparente); fobia à escola (manifestada por aversão em ir para a escola que resulta em absentismo, frequentemente responsável pelo mau desempenho escolar); fobia social (refletida pela sensação constante de ser o centro das atenções, o que gera o sentimento de estar a ser avaliado pelos outros) que consequentemente é responsável pela evicção da frequência de espaços onde estejam outras pessoas, originando o isolamento; transtorno da ansiedade generalizada (caraterizada pela sensação de medo e ansiedade persistente, o que faz com que a vítima se preocupe com tudo o que a rodeia, sem distinguir se a situação se justifica ou não); depressão (perturbação do foro psiquiátrico que afeta o humor, a saúde e o comportamento, responsável por sentimentos de tristeza, ansiedade, sentimentos negativos acerca de si, do passado e do futuro, entre outros); anorexia e bulimia; suicídio e o homicídio (situações menos frequentes, pois são a última instância por que passam algumas vítimas de *bullying*, numa atitude desesperante acontecem para acabarem com tal sofrimento e humilhação) (Pereira, Silva e Nunes, 2009; Smith, Pepler e Rigby e Neto, 2004 cit. por Mendes, 2010; Lopez et al., 2011; Carneiro e Figueiredo, 2012; Silva, 2010 cit. Cachoeira et al., 2015).

Num estudo de três anos efetuado pela Charity Kidscape, UK, sobre os efeitos a longo prazo do *bullying*, concluiu-se que “as pessoas adultas que sofreram maus-tratos na escola são sete vezes mais propensas a tentativas de suicídio do que as que não foram sujeitas ao mesmo” e que existe grande probabilidade de continuarem num papel de vítimas em todas as áreas da sua vida (Charity Kidscape, 1999cit. por Harber e Glatzer, 2007, p. 39). Este dado revela-se preocupante e merecedor de atenção devido aos desfechos que lhe são inerentes.

Existem muitas e diferentes formas de agressão, denominadas de forma diversa de acordo com diferentes autores. Zequinão [et al.] (2016) denomina-as de agressão física direta, agressão verbal direta e agressão indireta, Rodríguez (2004) define-as por violência física, violência verbal e violência social, respetivamente, e Harber e Glatzer (2007) como maus tratos físicos, maus tratos verbais e maus tratos relacionais.

Cada categoria abarca um conjunto de situações, que serão abaixo analisadas:

- ✓ Agressão física direta, violência física ou maus tratos físicos – são de fácil identificação e englobam a agressão física (Rodríguez, 2004; Harber e Glatzer, 2007; Zequinão et al., 2016), que pode ser efetivada sob a forma de, pancada, tarefas com bastões, beliscões ou encontrões (Rodríguez, 2004), pontapés, cotoveladas (Rodríguez, 2004; Harber e Glatzer, 2007), empurrões, roubos, estragos de objetos (Harber e Glatzer, 2007; Zequinão et al., 2016), mas também com, cuspidelas e submissão da vítima a atividades servis (Zequinão et al., 2016), assim como, murros, puxões de cabelo e de elásticos de sutiã, rasteiras, encarceramentos, derrubo de livros das mãos da vítima ou arremesso de objetos (Harber e Glatzer, 2007). Rodríguez (2004), também considera como fazendo parte desta categoria o isolar a vítima numa sala ou fechá-la lá.

Este tipo de agressão deixa menos marcas a longo prazo na vítima e habitualmente após a sua concretização não existem mais incidentes durante algum tempo. Dependendo de quem “ganha” a luta, a dinâmica pode alterar-se imediatamente, podendo a agressão acabar definitivamente, ou o agressor apenas mudar de alvo / vítima (Harber e Glatzer, 2007).

- ✓ Agressão verbal direta, violência verbal ou maus tratos verbais – abarca situações de insultos em público, tais como apelidos, chamar nomes e realizar comentários que provocam mal-estar, provocações, ridicularizar (Rodríguez, 2004; Harber e Glatzer, 2007; Zequinão et al., 2016), injúrias, e humilhação, assim como gritar e ameaçar (Rodríguez, 2004; Zequinão et al., 2016) e proferir palavras discriminatórias (Harber e Glatzer, 2007). Este tipo de agressão é considerado uma forma rápida de o agressor colocar à prova a sua capacidade desestabilizadora e de domínio da vítima (Rodríguez, 2004) que é conseguido pelo desencadear uma reação emocional e comportamentos intensos por parte da sua vítima (Harber e Glatzer, 2007).

Nesta categoria de agressão, a probabilidade de os rapazes e as raparigas serem agressores ou vítimas, é a mesma, no entanto, enquanto os rapazes atemorizam tanto rapazes como raparigas, as raparigas têm como alvo de agressão os seus pares do mesmo género.

- ✓ Agressão indireta, violência social ou maus tratos relacionais – responsável pela exclusão e pelo isolamento social dentro do grupo de convívio, através da perseguição e / ou disseminação de boatos ou de intrigas sobre a vítima, que como consequência apresenta dificuldade de relacionamento com os seus pares, por ser ignorada e por se sentir mal frente a outras pessoas. Por vezes a agressão indireta, também é praticada através de ameaças feitas aos outros colegas para que não

brinquem ou convivam com a vítima (Rodríguez, 2004; Haber e Glatzer, 2007; Zequinão et al., 2016). Pode também, ser efetivada através de perseguição após as aulas (Rodríguez, 2004). Este tipo de violência pode ser tão ou mais cruel que a agressão física direta (Campos e Jorge, 2010), sendo que se for perpetuada no tempo, provavelmente será a que mais lesões provoca, a longo prazo, na vítima (Haber e Glatzer, 2007).

Por vezes a violência social é levada a cabo ao mesmo tempo que a verbal (Rodríguez, 2004) sendo este tipo de agressão mais popular entre as raparigas (Haber e Glatzer, 2007). Ainda de acordo com estes autores, esta forma de agressão é muito sofisticada, manipulativa e ignóbil, atingindo os adolescentes no seu centro de vulnerabilidade – a sua aceitação social. É necessário não esquecer que as crianças passam por diversas fases no seu crescimento e desenvolvimento, sendo que na fase da adolescência, a integração e o sentimento de pertença a um grupo de pares torna-se extremamente importante e é parte essencial do seu desenvolvimento social e emocional. Ora, quando são rejeitadas ou excluídas do seu grupo de pares, torna-se complicado lidar com este sentimento devastador, podendo originar desequilíbrios, o que tem como consequência a baixa autoestima, pois, não ter um lugar de pertença, um grupo de referência é exatamente o contrário do que almejam nesta fase da vida, pertencer a um determinado grupo, então, sentem-se sós (Haber e Glatzer, 2007).

Todo o tipo de agressão gera sentimentos de tristeza nas crianças/adolescentes que são alvo da mesma, pelo que deve ser identificado o mais precocemente, para ser desencorajado e cessado o mais rapidamente possível, pelas consequências que abarca aos vários níveis, tanto individuais como sociais, a curto e a longo prazo. A corroborar esta ideia, Azenha, Rodrigues e Galvão (2012, p. 47) referem que

*Prejuízos financeiros e sociais causados pelo bullying atingem também as famílias e a sociedade em geral. As crianças e adolescentes que sofrem e / ou praticam bullying podem vir a necessitar de múltiplos serviços, como saúde mental, justiça da infância e da adolescência, educação especial e programas sociais*

o que pressupõe que as consequências acarretam custos sociais elevados.

Ferdon et al. (2016, p. 9) referem que

*as consequências económicas e de saúde da violência juvenil são substanciais (...) têm efeitos sérios e duradouros sobre a saúde física, mental e social dos jovens. São uma das principais causas de morte para os jovens (...) o impacto da*

*violência juvenil estende-se muito além das consequências físicas. Os jovens que vivenciam violência (...) têm maior probabilidade de ter dificuldades comportamentais e de saúde mental, incluindo a perpetração e a vitimização da violência no futuro, tabagismo, uso de substâncias, obesidade, comportamento sexual de risco, depressão, dificuldades acadêmicas, abandono escolar e suicídio.*

Neste sentido, e por todas as consequências que lhe são inerentes, os comportamentos de violência, independentemente do tipo que forem não devem ser tolerados (Rodríguez, 2004).

A *CBS News Online* (2005, cit. por Haber e Glatzer, 2007) referiu que um estudo realizado pela *University of British Columbia* concluiu que cerca de 70% das crianças que tinham sido identificadas como agressores, entre o 6º e o 9º ano, acabavam com cadastro criminal aos 24 anos de idade. De acordo com esse estudo e tal como já foi anteriormente aludido, toda a envolvimento na violência deixa as suas marcas nos diversos intervenientes e os agressores também podem “carregar” para a vida consequências de atos que embora praticados em idades precoces, têm um impacto de grande magnitude na vida adulta. Este impacto é sentido por toda a sociedade, com especial relevância para a comunidade na qual estes indivíduos estão inseridos. Toda uma comunidade sente o peso da violência juvenil, pois tem de atender a necessidades criadas e não previstas, que estão relacionadas com o tratamento e reabilitação das vítimas e dos outros intervenientes na violência, assim como, com o impacto económico no sistema de saúde, serviços de ação social, entre outros (Ferdon et al., 2016). Nesta mesma linha de pensamento no relatório da UNICEF “*Hidden in Plain Sight*” é referido que as

*crianças que crescem num ambiente familiar ou comunidade violentos têm tendência para interiorizar esse comportamento como uma forma de resolver disputas e repetir o padrão de violência e abuso contra os seus cônjuges e filhos. Para lá das consequências trágicas ao nível individual e das famílias, a violência contra crianças tem custos económicos e sociais elevados em termos de potencial e produtividade (UNICEF, 2014, p.2 e 3).*

Os adultos para terem uma atitude responsável perante a problemática de *bullying* na infância e adolescência, sempre que identificarem os comportamentos supramencionados ou outros que reconheçam ser menos apropriados e levantem dúvidas, no que concerne à sua índole, devem intervir parando a agressão, identificar os autores e as vítimas para poderem receber o apoio necessário, evitar repetições e minimizar o sofrimento das crianças / adolescentes e reportá-los aos seus superiores hierárquicos (Harber e Glatzer, 2007; Leandro, 2013).

Para se poder identificar uma criança /adolescente como vítima os adultos devem estar atentos aos seguintes sinais que estes podem apresentar:

- ✓ Isola-se durante o recreio ou procura estar próxima de um adulto;
- ✓ Dificuldade em falar diante da turma demonstrando ansiedade;
- ✓ Aspeto contrariado, triste, deprimido ou aflito, recorrentemente;
- ✓ Desleixo gradual com as tarefas escolares;
- ✓ Equimoses, feridas, cortes, arranhões, roupa rasgada, de forma recorrente;
- ✓ Falta às aulas com certa frequência;
- ✓ Perde constantemente os seus pertences (Olweus, 1998, cit. por Silva e Salles, 2010; Pinheiro, 2007; Neto, 2006, cit. Barros, Carvalho e Pereira, 2009; Observatório da Infância, 2008, cit. Schultz, 2012; Fante, 2005 cit. Leandro, 2013).

A identificação do agressor também deve ser efetuada através da observação de comportamentos tais como:

- ✓ “Brincadeiras” ou gozo, rindo de modo desdenhoso e hostil dos colegas;
- ✓ Apelidar ou chamar pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas;
- ✓ Insultar, menosprezar, ridicularizar e difamar os colegas;
- ✓ Fazer ameaças, dar ordens, dominar e subjugar os colegas;
- ✓ Incomodar, intimidar, empurrar, bater, socar, pontapear, beliscar, puxar os cabelos, envolver-se em discussões e desentendimentos;
- ✓ Apropriar-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas (Fante, 2005 cit. Barros, Carvalho e Pereira, 2009; Observatório da infância, 2008 cit. Schultz, 2012; Sales e Sousa, 2012; Fante, 2005 cit. Leandro, 2013; Wolke e Lereya, 2015).

É preciso ter em atenção que nem todas as crianças e adolescentes, vítimas ou agressores apresentam os sinais e características supra identificadas. Algumas delas podem apresentar diversos sinais e características, outras nenhum dos mencionados, ostentando sinais diferentes. No entanto, sempre que algum comportamento seja considerado estranho ou fora de comum, deve ser alvo de uma observação mais minuciosa para se perceber a sua origem e antecipar o seu desfecho.

## 1.2. O Papel da Escola na Prevenção de Comportamentos de Risco

*Escola é ...  
O lugar onde se faz amigos (...)  
Escola é sobretudo, gente,  
gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima.  
(...) o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente.  
E a escola será cada vez melhor, na medida em que cada um  
se comporte como colega, amigo, irmão.  
(...)  
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,  
é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem,  
é conviver, é se «amarrar nela»!  
Ora é lógico ...  
Numa escola assim vai ser fácil  
estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz. (Freire<sup>3</sup>, s/ano).*

A instituição Escola apresenta-se como sendo o “primeiro espaço social apresentado às crianças após a experiência familiar”, é, portanto, encarada como “o primeiro cenário em que a criança aprende a ser sujeito na vida. Por isso na infância e na adolescência, começo da interação sujeito-sociedade, a escola desempenhar um papel tão decisivo e importante” (Virões, 2013, p. 32).

É reconhecida, também, como sendo “por excelência, um local privilegiado para a melhoria da literacia, que é muito mais do que aprender a ler, escrever e contar. A Escola é igualmente um local propício à promoção da saúde e ao exercício da cidadania plena, assente nos valores da equidade e da universalidade” (Portugal, 2014, p. 1). A corroborar este conceito, Haber e Glatzer (2007, p. 11) referem que as escolas vão além da aquisição de conhecimentos, surgindo como um “contexto de aprendizagem de competências de relacionamento interpessoal e convívio social”. Referem ainda que é neste espaço e circunstância que as crianças e os adolescentes “aprendem a iniciar conversas, a integrar-se em grupos, a aceitar

---

<sup>3</sup> Paulo Reglus Neves Freire foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. Nasceu a 19-09-1921 e faleceu a 02-05-1997.

Escola é. Poema, sem ano. Disponível em: <https://www.google.pt/search?q=poema+a+Escola+de+Paulo+Freire+referencia&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi94Lb95bYAhUluRQKHUTIA7MQ7AKINw&biw=1242&bih=557#imgrc=nKNkN4ZPsU5SM>

as diferenças de motivações e comportamentos entre as pessoas e a retirar prazer do estar e partilhar com outros alegrias, preocupações e interesses” (Haber e Glatzer, 2007, p. 11).

A escola é também um lugar que se almeja que seja seguro, acolhedor, estimulante e saudável, onde as crianças e os adolescentes além de realizarem aprendizagens de conteúdos, também aprendem a conviver, a socializar e devem desenvolver ao máximo os seus potenciais intelectuais (Neto, 2005; Riso, 2013; Portugal, 2015a). De acordo com Sales (2009, p. 20) “o papel da escola é educar”, ela é, portanto, um local elementar para o desenvolvimento integral da pessoa (Robalo, 2016). É, pois, um lugar que tem a obrigatoriedade de ser exemplar e potenciador da igualdade de oportunidades, no qual todos os alunos devem ser tratados com respeito e dignidade. É um espaço onde os estudantes passam muito do seu tempo, pelo que deve ser agradável e aprazível, ou seja, onde aqueles que a frequentam se devem sentir bem, pois, só assim, poderá ser um facilitador para a adoção de comportamentos salutogénicos (Portugal, 2015a).

A escola é um dos mais importantes contextos socializadores, com grande influência sobre os alunos que a frequentam (Costa e Pereira, 2010). É considerada como “(...) um dos locais onde o adolescente pode praticar o exercício de duas importantes tarefas da adolescência: a autonomia e a tomada de decisão.” (Ferreira, 2008, p. 69). Tendo em conta a sua importância no desenvolvimento da personalidade das crianças/adolescentes, a escola deve ser um local onde a educação para a paz, para os valores, para a cidadania, deve estar sempre presente (Pinto e Branco, 2011), pelo que todas as situações que vão contra estes princípios devem ser banidas e punidas. Sendo assim, não deve apresentar riscos para a saúde das crianças/adolescentes (Riso, 2013), pelo que deverá promover o bem-estar em todos os que a frequentam (Cachoeira et al., 2015), não se podendo admitir que seja um lugar que ponha em risco o normal desenvolvimento (físico, intelectual e/ou espiritual) dos seus estudantes, não sendo, portanto, aceitável que estes sofram qualquer tipo de violência neste espaço. Contudo, muitos estudantes experienciam um verdadeiro tormento na escola pois “cada vez mais surgem situações de violência que perturbam o desenvolvimento destas competências e que transformam a ida para a escola numa angústia e martírio para muitas crianças” (Haber e Glatzer, 2007, p. 11). Estas situações têm de deixar de existir para que os estudantes se sintam bem neste espaço, onde passam grande parte do seu dia e que foi concebido para aprenderem a ser e a estar além de adquirirem conhecimentos em muitas áreas de saber.

É neste sentido que surgem as escolas promotoras de saúde, que têm como finalidade a procura constante de “um estilo de vida, de aprendizagem e de trabalho propício ao

desenvolvimento da saúde”, para todos os seus membros, sejam alunos, funcionários ou comunidade (Gomes, 2009, p. 87). Só assim, num ambiente positivo, todos os seus intervenientes poderão acreditar nas escolas como sendo promotoras de saúde, as quais difundem “a saúde, através da oferta de ambientes mais seguros e promotores de saúde para viver, trabalhar e aprender, assim como adotam uma abordagem integrada e holística da promoção da saúde, no seu currículo, nas práticas de gestão da escola e no ambiente (ME, 1998 cit. por Freitas, 2013, p. 135).

Em Portugal, os Programas Nacionais de Saúde Escolar têm norteado a intervenção da Saúde Escolar ao longo dos seus mais de 100 anos de existência. Todas estas disposições legais e normativas têm tido o objetivo comum de reduzir a prevalência de problemas de saúde e de comportamentos de risco em crianças e jovens, com estratégias de intervenção dirigidas à vigilância da saúde e à prevenção da doença, com particular destaque para a promoção da saúde e prevenção de comportamentos de risco. Há evidência de benefício para a saúde, a longo prazo, através de intervenções a nível de Estilos de vida saudáveis; Prevenção de comportamentos de risco, abuso e violência, entre muitos outros (Portugal, 2015a).

As opções por estilos de vida saudáveis, nem sempre são fáceis e exigem que sejam apresentadas às crianças e jovens alternativas. As alternativas, passam por ajuda-las a encontrar formas de equacionar os seus problemas, e sobre eles tomarem decisões conscientes (Portugal, 2015a). A prática de estilos de vida saudáveis contribui para uma melhor saúde ao longo da vida e, a infância e adolescência, são períodos privilegiados de aquisição de comportamentos saudáveis.

A WHO (1999 cit. por Ferreira, 2008 p. 24) refere que “A capacidade dos adolescentes tomarem decisões sobre os comportamentos de saúde e de os adotarem, é maior quando eles podem participar e intervir no ambiente social, educacional e físico em que se movem”. É, pois, necessário dotá-los de conhecimentos acerca dos diferentes assuntos e envolvê-los na procura de soluções para que se sintam parte integrante da solução e adotem de forma mais rápida e eficaz, novos comportamentos, dando uma resposta mais efetiva ao que se pretende.

É importante que a escola habilite os seus alunos de capacidade crítica para os desafios que lhes são ou poderão vir a ser colocados, a todos os níveis, nomeadamente social, relacionados com o meio envolvente, pois só assim, as crianças e os adolescentes desenvolvem as competências necessárias ao seu desenvolvimento global.

Para além dos alunos toda a comunidade escolar deve estar informada sobre os objetivos e a filosofia da escola em que está inserida e o clima “deve ser estimulador e facilitador da aprendizagem assim como a cultura de escola deve ser reconhecida pela comunidade em que está inserida” (Freitas, 2013, p. 133). Tendo em conta estes pressupostos, deve ser tido em conta o ambiente da escola e garantir que todos os intervenientes no sistema educativo estão elucidados sobre o que se almeja para a comunidade educativa, pois só assim se garante que todos agem de forma livre e esclarecida. Assim, é legítimo afirmar que a escola se encontra “numa posição ideal para promover e manter a saúde na comunidade educativa assim como na comunidade envolvente” (Portugal, 2006), pois, o que as crianças/adolescentes “construírem” neste espaço, será mais tarde preposterado para a sociedade.

### **1.2.1. Violência em Meio Escolar**

*A escola sempre foi um refúgio contra a violência para crianças e adolescentes. Hoje, ironicamente, a violência está na escola! (Rodrigues da Silva, sem ano<sup>4</sup>).*

A violência é entendida pela Organização Mundial de Saúde, como o “uso intencional de força física ou poder, real ou como ameaça contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tem grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, desenvolvimento prejudicado ou privação” (WHO, 1996, cit. OMS, 2014, p. 2).

A violência em contexto escolar abarca uma “ampla gama de comportamentos como agressão, *bullying*, intimidação, ameaça, ofensa à integridade, combate, roubo e vandalismo” (Carvalhosa, Moleiro e Sales, 2009, p. 126), entre outros comportamentos que acarretam diversas consequências nefastas a curto e a longo prazo, tanto para os indivíduos em particular como para a sociedade no geral. De acordo com Haber e Glatzer (2007, p. 117) “Todas as escolas (...) têm abusadores, alvos e observadores”, sendo que aproximadamente

---

<sup>4</sup> Douglas Rodrigues da Silva, sem ano. Disponível em: [https://www.pensador.com/autor/douglas\\_rodrigues\\_da\\_silva/](https://www.pensador.com/autor/douglas_rodrigues_da_silva/)

20% das crianças experienciam algum tipo de maus tratos durante a sua permanência na escola, o que em geral interfere com as experiências escolares (Haber e Glatzer, 2007). A violência em meio escolar é, pois, um fenômeno que tem gerado inquietude em toda a comunidade escolar, pelos desfechos que acarreta aos mais variados níveis (Vieira, 2013).

“A violência escolar e o *bullying* são uma grave violação do direito à educação” (Bokova, 2017) pois colocam-na em causa, pelas consequências que lhe são inerentes. Sendo assim, é imperioso que sejam criadas condições para que todas as crianças / adolescentes tenham possibilidade de aceder à educação, direito fundamental que têm, sem serem vítimas de violência ou de *bullying*. Como referido na Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 2009), a educação deve visar a plena expansão da personalidade e reforçar os direitos e as liberdades fundamentais dos seres humanos, e “todo o ser humano tem direito à instrução (...). A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade (...)” (ONU, 2009, p. 14).

É com base nestes pressupostos que a escola deve fazer valer os seus princípios, garantindo que todos os seus alunos, independentemente da sua educação, tipo de família, género, raça, religião, orientação sexual, aparência, ou outros, têm os mesmos direitos, oportunidades de crescimento, físico, psíquico e social, e se sentem e estão em segurança em todos os espaços escolares.

É entendida por violência no espaço escolar todo o comportamento antissocial que aconteça dentro do mesmo, assim como, nas suas imediações, o que engloba o percurso realizado de e para a escola (Lourenço et al., 2009; Carneiro e Figueiredo, 2012).

Sabendo das consequências que a violência escolar acarreta para a vida dos estudantes e das suas famílias, é prioritário combatê-la, para diminuí-la e erradicá-la. Neste sentido, no relatório da UNESCO (2017) são recomendadas como ações prioritárias o fortalecimento da liderança, a promoção da consciencialização, a promoção de ambientes de aprendizagem segura, inclusiva e solidária para todas as crianças/adolescentes, formação e apoio aos professores e outros funcionários da escola para uma resposta positiva, entre outros aspetos.

*Mais especificamente, tais respostas incluem: promulgação e aplicação de leis e políticas nacionais, de políticas escolares e códigos de conduta; compromisso de criar ambientes de aprendizagem seguros, inclusivos e de apoio na aprendizagem para todos os alunos; formação e apoio aos professores e outros funcionários da escola sobre formas positivas de disciplina, provisão e entrega*

*de currículos relevantes e de materiais de aprendizagem; colaboração com uma variedade de partes interessadas e a participação ativa de crianças e adolescentes; acesso a mecanismos e serviços de suporte seguros e confidenciais; investigação, monitorização e avaliação.* (UNESCO, 2017, p. 10).

Todos os membros da comunidade escolar têm a responsabilidade de trabalhar no sentido de prevenir e gerir o abuso. Se todos trabalharem juntos para reduzir este fenómeno, a segurança e o conforto da comunidade escolar serão uma realidade (Harber e Glatzer, 2007).

A redução e a erradicação da violência são uma meta que as escolas ambicionam, no entanto, isoladamente pouco conseguirão, pois, a violência na escola frequentemente reflete situações similares experienciadas fora da mesma (Yoshinaga, 2015). Sendo assim, é imperioso envolver toda a comunidade civil e não só a comunidade escolar, para o alcance do objetivo: reduzir / erradicar a violência no meio escolar. Contudo, como refere Rodríguez (2004, p. 16) existem algumas perguntas que carecem de resposta, nomeadamente “Quais são as causas destes ataques de algumas crianças a outras em muitas escolas? Devemos considerar os alunos como os únicos responsáveis por esta onda de violência? (...). Será a violência o resultado de um desejo incontrolável de diversão? Que podemos fazer?” Estas e outras perguntas têm de ter resposta para se entender o porquê deste fenómeno acontecer e qual a melhor forma de trabalhá-lo para resolvê-lo.

### **1.2.2. Violência nos Espaços de Recreio**

*(...) é no recreio que as crianças e jovens aprendem os valores essenciais na relação com os outros e se molda o seu carácter. Aprendem a conhecer o valor da amizade, a exercitar a coragem, a respeitar a diferença, a apreciar a lealdade, enquanto, e em simultâneo, são expostos ao inverso de tudo isto, aprendendo a reconhecer em quem confiar e, pelo contrário, que «amigos» evitar* (Antunes<sup>5</sup>, 2013, sp).

O espaço de recreio é definido como sendo um lugar para onde as crianças/adolescentes se dirigem nos intervalos entre as atividades letivas ou onde permanecem após as aulas. É por

---

<sup>5</sup> Nuno Lobo Antunes. A Importância do Recreio. Rubrica para a Sapo Crescer. Maio 2013. Lisboa. Disponível em: <http://lifestyle.sapo.pt/familia/crianca/artigos/a-importancia-do-recreio>  
Nasceu a 10-05-1954. Neuropediatra.

excelência um sítio que permite aos alunos desenvolverem diversas atividades, de forma livre e espontânea (Cruz, 2013). Foi concebido com o intuito de ser um local no qual os estudantes podem desfrutar de momentos de lazer, de encontros, de brincadeiras e de distração, onde têm a oportunidade de demonstrar de forma autêntica a sua forma de ser e de estar e onde podem colocar em prática a sua imaginação. Para que tal seja possível, estes locais devem ser “pensados” e criados como lugares amplos e com a presença de equipamentos diversificados (Cruz, 2013) e adequados à idade dos destinatários. Como referido anteriormente, a violência escolar ocorre em qualquer área, no entanto, é mais frequente no de recreio (Lourenço et al., 2009; Pereira, Silva e Nunes, 2009; Gisi, Filipak e Kerkosky, 2009; Gouveia, 2011; APAV, 2011; Matos et al., 2012; Vieira, 2013). Matos [et al.] (2012) concluíram que é 56% mais frequente a ocorrência de violência neste espaço, comparativamente com outros locais. Esta realidade transforma-o de local de lazer, convívio e brincadeira, espaço de descontração, numa zona em que muitas crianças/adolescentes são atormentadas e violentadas vivendo momentos de grande *stress* e experienciando sentimentos que geram conflitos internos e externos (Gisi, Filipak e Kerkosky, 2009). De acordo com Pereira, Silva e Nunes (2009), apesar de continuar a ser um local em que as crianças gostam de estar, as que foram vítimas de *bullying*, neste espaço, com uma regularidade igual ou superior a três vezes, perfazem a maior percentagem de crianças que referem que não gostam dos recreios ou que gostam pouco daquele espaço.

A violência / *bullying* acontece com maior incidência no recreio por ser um local menos vigiado, o que o torna mais inseguro (Gisi, Filipak e Kerkosky, 2009; Prodócimo et al., 2014), além de ser um espaço em que convivem muitos estudantes ao mesmo tempo. Em algumas escolas, acresce ainda o facto de os estudantes terem idades muito diferentes, o que é um fator facilitador para a prática de *bullying* sobre os mais novos, por serem, naturalmente, mais suscetíveis (Prodócimo et al., 2014).

De acordo com um estudo efetuado na Região de Bragança mais de 70% dos alunos referiram que apreciam a presença de professores e principalmente de outros profissionais nas zonas de recreio (Lourenço et al., 2009).

Em 2010, Mendes efetuou um estudo numa escola pública no centro de Lisboa e concluiu que 63% das vezes que os estudantes, vítimas, foram agredidos na presença de outras pessoas, alunos ou adultos, não foram ajudados por ninguém. Foi também referido que entre os que menos ajudaram estavam os funcionários da escola, numa percentagem de 2%. Estes valores permitem-nos tirar a ilação de que estes profissionais necessitam de ser mais

sensibilizados “para esta problemática e incentivá-los na adoção de estratégias de intervenção” (Mendes, 2010, p. 81). Num outro estudo levado a cabo por Zequinão [et al.], (2016), em Florianópolis no Brasil, obtiveram resultados preocupantes, na medida em que muitos alunos referiram que 63% dos funcionários “nunca ou quase nunca fazem nada para impedir que um aluno agrida outro, favorecendo dessa forma a ocorrência de *bullying*, que se dá não apenas pela inexistência de intervenção ou supervisão (...) de pessoas adultas responsáveis pela organização e estruturação dos educandos, (...)” (Zequinão et al., 2016, p. 193).

Os recreios escolares devem ser espaços, não só, agradáveis, mas também, seguros, devendo para tal, estar apetrechados com equipamento que permita aos estudantes divertirem-se e entreterem-se, nos seus tempos livres, assim como, disporem, sempre, de profissionais a zelar pelo espaço e pelos alunos que os ocupam (Xavier, 2016), devendo estes profissionais estar aptos a identificar as situações de violência e saber atuar de forma positiva nas situações identificadas como violentas. Para isso, têm de ter formação específica para poderem dar resposta atempada e adequada às necessidades das crianças/ adolescentes que os utilizam.

### **1.2.3. Assistentes Operacionais - Que Papel no Meio Escolar?**

*É preciso perceber o papel fundamental que estas pessoas têm nas escolas, (...) fazem o apoio nas bibliotecas, nas cantinas, em todos os espaços que não as salas de aula (Pereira, 2017)<sup>6</sup>.*

É designado de pessoal não docente “o conjunto de funcionários e agentes, que no âmbito das respetivas funções, contribuem para apoiar a organização e a gestão, bem como a actividade sócio-educativa das escolas (...)” (Portugal, 2004, p. 4899). Estes profissionais são essenciais para o normal funcionamento do sistema educativo, sendo os primeiros com os quais os pais, os encarregados de educação e até mesmo os professores entram em contacto

---

<sup>6</sup> Manuel António Pereira in Diário de Notícias) <https://www.dn.pt/portugal/interior/ministerio-coloca-mais-2550-assistentes-operacionais-nas-escolas-em-dois-anos-8752863.html>

quando se dirigem a um estabelecimento de ensino, pelo que são considerados “um capital humano de importância fundamental no bom funcionamento do sistema educativo” (Portugal, 2015b, p. 841) e o seu contributo técnico e pedagógico intrínseco ao seu perfil funcional é fundamental para o bom desempenho das escolas (Portugal, 2015b).

Como deveres específicos, esta classe de trabalhadores deverá “contribuir para a plena formação, realização, bem-estar e segurança das crianças e alunos; (...) cooperar com os restantes intervenientes no processo educativo na deteção de situações que exijam correcção ou intervenção urgente, (...)” (Portugal, 2004), o que lhes confere responsabilidades para a garantia do bem-estar físico e psíquico dos alunos da escola onde exercem funções.

No estatuto do pessoal não docente do sistema educativo regional, relativamente ao conteúdo funcional do assistente de ação educativa (agora designado de assistente operacional), é referido que este é incumbido de:

*a) participar em acções que visem o desenvolvimento pessoal e cívico de crianças e jovens e favoreçam um crescimento saudável; (...)*

*f) colaborar no despiste de situações de risco social, internas e externas, que ponham em causa o bem-estar de crianças, de jovens e da escola. (Portugal, 2006, p. 2066).*

O Governo reconhece, nesse contexto, que o pessoal não docente desempenha um papel fundamental, não só do ponto de vista técnico, como também do ponto de vista pedagógico, na formação das crianças e jovens (Portaria n.º 272-A/2017).

No Regulamento Interno da Escola Básica e Secundária de Vila Franca do Campo (EBS VFC), é referido que cabe aos assistentes operacionais a vigia e zelo por todo o espaço escolar, competindo-lhes “Exercer vigilância sobre os alunos não ocupados em actividades escolares, evitando que: (...); 13.2.) danifiquem instalações, (...) ou bens; 13.3.) pratiquem brincadeiras ou jogos que façam perigar a sua integridade física ou a de outros; (...)” (EBS VFC, 2013, p. 88).

Tendo em conta estes pressupostos, pode afirmar-se que é intrínseco às responsabilidades destes profissionais a missão de deteção precoce de situações que coloquem em risco a saúde e bem-estar dos estudantes que frequentam a escola. Assim, devem estar aptos a responder adequadamente a esta função, pois “ao contrário de outros comportamentos violentos o *bullying* ocorre num contexto altamente estruturado do ponto de vista social e cheio de adultos cuja obrigação é monitorizar o comportamento dos alunos e manter a ordem e a segurança” (Rodrigues, 2015, p. 11). No entanto, esta nem sempre é a realidade,

pois estes profissionais em conjunto com os professores apresentam por vezes “uma percepção de que são eficazes a identificar os fenómenos de *bullying*, tendem a ter uma visão exagerada desta sua capacidade de identificação e resolução, o que pode limitar a sua procura por formação adicional” (Rodrigues, 2015, p. 20 e 21) sobre esta situação. Freitas (2013) identificou como necessidades de formação deste pessoal, as temáticas “Sexualidade”; “Consumos nocivos”; “Violência em meio escolar”; entre outros.

Para que os programas de redução da violência / *bullying* sejam eficazes, devem ter em conta que cada escola é única, com sistemas dinâmicos e complexos diferentes, pelo que é necessário o ajuste às suas características, devem, também, envolver toda a comunidade educativa, professores, assistentes operacionais e outros técnicos, pois todos os intervenientes devem ter um papel ativo e responsabilidades (Neto, 2005; Silva e Salles, 2010; Félix, 2013). A formação adequada dos intervenientes na comunidade educativa, visa capacitá-los para uma resposta pronta e adequada. A complexidade do sistema educativo impõe, portanto, um compromisso com a qualificação e valorização dos recursos humanos que nele participam (Portaria n.º 272-A/2017).

Harber e Glatzer (2007, p. 133/134) referem que os professores e os assistentes operacionais, no âmbito dos seus deveres e de forma a garantir o bom funcionamento e ambiente da escola, devem:

*dar o exemplo de comportamentos saudáveis em qualquer altura; estar conscientes dos diferentes tipos de agressão, identificá-los e vigiar consistentemente; estar alerta quando as crianças se encontram em áreas menos vigiadas e ser mais proactivos através de uma supervisão responsável; assegurar, em primeiro lugar, auxílio aos alvos; documentar qualquer atividade de maus-tratos; fazer um relatório, através dessa documentação, a alguém preparado para lidar com disciplina e consequências e manter confidencialidade relativamente a todos os incidentes deste tipo e seus relatórios em relação a outros/as que não são a pessoa adequada.*

Com estas atitudes, será mais fácil a identificação de situações que não sejam consideradas normais e também será possível a efetivação de uma resposta adequada e atempada às necessidades dos estudantes envolvidos.

### 1.3. *Bullying* – Um Desafio para os Enfermeiros

A violência e o *bullying* em meio escolar são hoje em dia considerados problemas de saúde pública importantes, pelos desfechos que lhe são inerentes e imputáveis, os quais foram explorados nos subcapítulos precedentes. São uma preocupação, que afeta toda a comunidade escolar, da qual fazem parte os estudantes, o pessoal docente e não docente, os encarregados de educação, os profissionais da saúde, em particular, os enfermeiros, os quais “(...) estão cada vez mais comprometidos em identificar e intervir sobre este fenómeno” (Mendes, 2011, p. 582). Na realidade a violência no espaço escolar apresenta-se como um desafio à participação e intervenção dos enfermeiros.

Face à complexidade da problemática e à responsabilidade que o enfermeiro tem para com a comunidade na promoção da saúde e na resposta adequada às necessidades de cuidados de enfermagem torna-se premente perceber de que forma pode cooperar para a diminuição do *bullying* entre crianças e adolescentes no espaço escolar. Neste sentido, e perante situações de violência e *bullying* escolar é importante que os profissionais

*ampliem os seus conhecimentos e contribuam para produção do conhecimento científico na área da violência escolar. Nesse movimento (...) devemos reconstruir um modelo de atenção à criança e ao adolescente que atue na prevenção e minimização do bullying. Assim estaríamos atendendo ao desafio e compromisso técnico e ético de garantir a equidade, a proteção e uma melhor qualidade de vida na infância e adolescência (Silva, 2013, p. 604).*

A investigação permite aos enfermeiros oferecer aos alvos dos seus cuidados, as melhores abordagens, baseadas em evidência científica, contribuindo para a diminuição e erradicação do problema (Silva, 2013), o que só é possível com recurso a estudos levados a cabo por enfermeiros. Lopes Neto (cit. por Yoshinaga, 2015, p. 58) refere que “a gravidade e a prevalência do *bullying* no ambiente escolar requerem (...) do enfermeiro, a investigação e a identificação dos riscos e dos fatores de proteção, associados à iniciação, manutenção e interrupção dos tipos de comportamento agressivo, proporcionando ações multidisciplinares de intervenção que possam reduzir esta problemática de forma eficaz”.

Conhecer e aumentar o conhecimento, na área da enfermagem, relacionado com a saúde escolar e violência escolar e mais especificamente sobre o *bullying* no contexto escolar é um desafio à compreensão e transformação das práticas de enfermagem em contexto escolar. Na área da saúde infantil e pediatria em particular, espera-se dos enfermeiros especialistas

um desempenho de cuidados de nível avançado (OE, 2010). Os enfermeiros especialistas em saúde infantil e pediatria (EESIP) trabalham com as crianças e suas famílias em todos os contextos, tais como o seu domicílio, centros de saúde, hospitais, creches, escolas ou outros. O EESIP é na sua prestação de cuidados o “(...) responsável pela promoção da saúde e do bem-estar da criança e família” sendo esta insígnia a sua principal preocupação, onde quer que desenvolva a sua prática (Hockenberry e Barrera, 2014, p. 12). São-lhe reconhecidas competências para planear, implementar e coordenar programas de prevenção da doença e promoção da saúde. Para além das competências técnicas e científicas são também importantes as competências comunicacionais para se conseguir uma boa interação e atingir os objetivos (Ferreira, 2008), e para que a sua mensagem seja albergada pelas crianças e adolescentes alvos de cuidados, capacitando-os para a tomada de decisão consciente acerca das suas escolhas de vida.

Como mencionado, o ESIP vai ao encontro do seu público-alvo, nos diversos contextos em que este se encontra e neste sentido, os enfermeiros que desempenham funções na comunidade escolar, inserem-se no seio desta comunidade e detêm uma posição única para detetarem e atenderem às necessidades de saúde dos estudantes, em estreita colaboração com a equipa pedagógica, pois “(...) o trabalho em equipa, como forma de responder à complexidade dos atuais problemas e das necessidades de saúde requer, de modo crescente, atuações multidisciplinares e interdisciplinares” (Portugal, 2013, pp. 7). Os enfermeiros têm, igualmente, como objetivo promover o bem-estar, o sucesso académico e a saúde dos estudantes, pois como refere o *National Center for Education Statistics* (s.d., cit. NASN, 2017) manter as crianças saudáveis, seguras na escola e aptas para aprender deve ser uma prioridade máxima tanto para os sistemas de saúde como para os sistemas educacionais. O enfermeiro especialista em saúde infantil e pediatria deve defender a segurança, participando no desenvolvimento de planos de segurança escolar, que concorram para minimizar e lidar com situações de violência escolar e *bullying*, assim como de outros incidentes de emergência que possam ocorrer na escola (Wolfe, 2013, cit. NASN, 2017). São “áreas de particular atenção, (...) a gestão do bem-estar da criança; a deteção precoce e encaminhamento de situações que possam afetar negativamente a vida ou qualidade de vida, nomeadamente comportamentos de risco, suicídio, violência, (...) a promoção da autoestima do adolescente (...)” (Portugal, 2011, p. 8653).

Tendo em consideração estes pressupostos e reconhecendo-se que não é fácil eliminar situações de *bullying*, é fundamental envolver toda a comunidade na procura de soluções para colmatar esta problemática, pois como refere Fante (2008, sp) é “imprescindível a

adoção de medidas emergenciais por parte de autoridades, instituições, empresas, famílias, enfim, da sociedade, uma vez que seus prejuízos afetam a todos os níveis e contextos sociais”.

“A Educação e a Saúde, em articulação com a família, devem identificar as necessidades especiais de cada criança, sinalizá-la, proporcionar-lhe apoio continuado e promover a articulação entre todos os intervenientes no processo de aprendizagem, prevenindo precocemente os fenómenos de estigmatização ou mesmo de exclusão” (DGS, 2015, p. 42), assim, em prol do pleno desenvolvimento, saúde e bem-estar das crianças e adolescentes da comunidade o enfermeiro que presta cuidados numa comunidade escolar tem o dever de promover o envolvimento e responsabilização dos pais enquanto parceiros na redução de todos os aspetos da violência na escola, concretizando o que se almeja para a saúde escolar.

*O artigo 36.º, n.º 5, da Constituição da República Portuguesa (CRP) estabelece que “os pais têm o direito e o dever de educação e manutenção dos filhos”. Desta norma decorre, entre outros, o dever de o Estado “cooperar com os pais na educação dos filhos” (artigo 67.º, n.º 2, c, CRP), (...) a responsabilidade parental que confere aos pais o dever de “no interesse dos filhos (...) dirigir a sua educação” (artigo 1878.º CC), dever esse que se concretiza pela promoção “...de acordo com as suas possibilidades...” do respetivo “...desenvolvimento físico, intelectual e moral...” (artigo 1885.º CC)”, (Saleiro, 2014, sp).*

A família tem pois um papel muito importante na vida escolar das suas crianças e adolescentes pelo que deve participar de forma presente e rigorosa, para conseguir identificar situações incomuns e perceber quando algo não estiver bem (Linhares, 2014). Transformar as escolas em locais mais seguros e tornar o seu ambiente mais saudável, onde se garanta o respeito pelas diferenças deve ser um desafio de todos os envolvidos no processo educacional, inclusivamente para o enfermeiro. Pois esta problemática complexa exige um trabalho interdisciplinar de modo que as estratégias sejam multidisciplinares para que a resolução dos problemas seja efetiva e eficaz.

Perante a problemática *bullying* em contexto escolar, é necessário que o enfermeiro tenha um papel efetivo contribuindo para a sua diminuição e erradicação, para que as crianças e adolescentes vivam a infância e a adolescência, fases essenciais no seu desenvolvimento, crescimento e educação, sem sobressaltos ou quando os houver os consiga ultrapassar sem marcas negativas e profundas para a sua vida. Assim, o enfermeiro deve contribuir com o seu saber, na formação daqueles elementos da comunidade escolar que podem e devem intervir com as crianças e adolescentes, contribuindo assim para o empoderamento da comunidade escolar.

## **2 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO**

A investigação é fulcral para o desenvolvimento da profissão de enfermagem, uma vez que os seus resultados permitem fornecer conhecimento novo (Sousa, Driessnack e Mendes, 2007) o que possibilita aos profissionais tomar decisões baseadas no que a evidência forneceu, oferecendo desta forma, as melhores respostas e cuidados à população alvo dos seus serviços, atendendo assim às suas necessidades (Crig e Smyth, 2004 cit. Fernandes, 2012 e Nieswiadomy, 2010 cit. Fernandes, 2012). Neste sentido, é nesta senda que surge este trabalho de investigação, que pretende conhecer o que sabem e como atuam aqueles (os Assistentes Operacionais) que estão mais perto e que vigiam os alunos nas escolas quando não estão em aulas, com a finalidade de contribuir para a erradicação do problema em estudo.

Neste capítulo serão abordadas e descritas as decisões metodológicas eleitas para a concretização deste estudo, nomeadamente, o desenho de estudo, as questões de investigação e o instrumento de recolha de dados. Serão também explicitados os procedimentos de recolha e análise dos dados, assim como a população do estudo.

### **2.1. Justificação do Estudo**

A investigação é fulcral para o desenvolvimento da profissão de enfermagem, uma vez que os seus resultados permitem fornecer conhecimento novo (Sousa, Driessnack e Mendes, 2007) o que possibilita aos profissionais tomarem decisões baseadas no que a evidência forneceu, oferecendo desta forma, as melhores respostas e cuidados à população alvo dos seus serviços (Crig e Smyth, 2004 cit. Fernandes, 2012 e Nieswiadomy, 2010 cit. Fernandes,

2012), pelo que “os enfermeiros têm uma obrigação profissional para com a sociedade no sentido da prestação de cuidados que sejam constantemente analisados, investigados e validados” (OE, s/a, p. 3).

Tal como já foi anteriormente referido, o *bullying* é um grave problema que afeta a saúde e desenvolvimento das crianças e adolescentes. Este fenómeno é recorrente nas escolas e de acordo com o reportado pela evidência científica o recreio é um dos locais onde ocorre mais situações de violência no recinto escolar. A vigilância deste espaço é da responsabilidade dos Assistentes Operacionais. Sendo estes os profissionais que numa primeira fase lidam com estas situações torna-se, portanto, pertinente conhecer a perceção destes profissionais sobre a problemática para se perceber se estão aptos para colaborarem de forma positiva com a violência / *bullying* entre estudantes.

Este estudo pretende ser um contributo da enfermagem na clarificação do fenómeno *bullying* em meio escolar no Concelho de Vila Franca do Campo. Assim, o enfermeiro poderá participar de forma mais consistente com a equipa de saúde escolar na elaboração de um plano de intervenção nesta área em que a qualificação dos AO, pela formação, será uma das intervenções possíveis, concorrendo desta forma para a diminuição da violência e *bullying* em contexto escolar e conseqüentemente contribuir para a promoção da saúde e qualidade de vida das crianças e adolescentes que frequentam as escolas do concelho.

## **2.2. Questão de Partida**

Uma investigação desenvolve-se para dar resposta a um conjunto de dúvidas e interrogações. Começa pela seleção de um domínio de interesse e relevante para o investigador e para a disciplina, bem como com a formulação da questão de partida que é como um fio condutor do seu desenvolvimento. De acordo com Quivy e Campenhoudt (2008), a questão orientadora do estudo deve agregar um conjunto de qualidades, nomeadamente, clareza, exequibilidade e pertinência, que permitam trabalhar eficazmente a partir dela.

Assim, e de forma a dar resposta aos objetivos a serem atingidos com este trabalho, a questão de partida traçada para esta investigação foi: O que sabem e como atuam os AO das UO de Vila Franca do Campo, face a situações de *bullying* no meio escolar.

### **2.3. Objetivos**

Os objetivos de um trabalho de investigação devem "(...) indicar de forma clara e límpida qual é o fim que o investigador persegue" (Fortin, 2009, p.160) e "descrever, explicar ou ainda prever relações ou determinar diferenças entre grupos" (idem, p. 52-53) pelo que é crucial que sejam formulados de uma forma clara e precisa.

Com esta investigação pretende-se atingir os seguintes objetivos:

1. Analisar os conhecimentos sobre violência e *bullying* dos assistentes operacionais das escolas do Concelho de Vila Franca do Campo;
2. Identificar como atuam, perante situações de violência e *bullying* entre estudantes, os assistentes operacionais das escolas do concelho de Vila Franca do Campo.

### **2.4. Tipo de Estudo**

O presente estudo apresenta um desenho exploratório, transversal, assente no paradigma quantitativo.

É um estudo com desenho exploratório porque quando se sabe pouco acerca de um determinado fenómeno, os estudos exploratórios são os mais adequados (Burns e Grove, 2005 cit. Sousa, Driessnack e Mendes, 2007; LoBiondo-Wood e Haber, 2002, cit. Sousa, Driessnack e Mendes, 2007). Nestes é investigado o que de facto existe, determinada a

frequência da ocorrência e categorizada a informação (Sousa, Driessnack e Mendes, 2007), sendo assim, este tipo de estudo é utilizado quando o investigador pretende conhecer determinada comunidade, as suas características, valores e problemas relacionados com a sua cultura ou o estabelecimento de relações entre variáveis (Oliveira, 2011).

É um estudo do tipo transversal porque se pretende identificar num determinado ponto no tempo as relações entre as variáveis. Tal como refere Fortin (2009, p. 252) “o estudo transversal serve para medir a frequência de aparição de um acontecimento ou de um problema numa população num dado momento”. É geralmente um estudo que abarca custos mais baixos, mais simples na sua organização e facultada dados imediatos e utilizáveis (Fortin, 2009).

O estudo está ancorado no paradigma quantitativo que é universalmente aceite como sendo lógico, positivista, empírico e analítico. Neste tipo de paradigma predomina a verificação, utilizam-se técnicas de recolha de dados estruturadas e o conhecimento tem um carácter explicativo e preditivo (Zaider e Olivia, 2005).

Sousa, Driessnack e Mendes (2007, p. 2) referem que “A pesquisa quantitativa adota uma estratégia sistemática, objetiva e rigorosa para gerar e refinar conhecimento” e frequentemente quantifica relações entre variáveis - a variável independente ou preditiva e a variável dependente ou resultado.

## **2.5. Hipóteses de Investigação**

Segundo Fortin (2009, p.102) “uma hipótese é um enunciado das relações previstas entre duas ou mais variáveis (...) As hipóteses são a base para expansão dos conhecimentos quando se trata de refutar ou apoiar uma teoria”. Tendo em conta que se pretende saber o que sabem e como atuam os AO perante a problemática *bullying* no contexto escolar, os objetivos traçados, delinearão-se as seguintes hipóteses de investigação:

- ✓ Hipótese 1 – Existe relação entre o sexo dos AO e o intervirem para evitar situações de *bullying* entre alunos.

- ✓ Hipótese 2 – Existe associação entre o estado civil dos AO e o intervirem para evitar situações de *bullying* entre alunos.
- ✓ Hipótese 3 – Existe relação entre o vínculo que os AO têm com a instituição e o intervirem para evitar situações de *bullying* entre alunos.
- ✓ Hipótese 4 – Existe relação entre a formação dos AO sobre *bullying* e o intervirem para evitar situações de *bullying* entre alunos.

## 2.6 – Instrumento de Recolha de Dados

Em estudos experimentais, um dos métodos de recolha de dados mais utilizado é o questionário (Sousa, Driessnack e Mendes, 2007). É um instrumento que agrega um conjunto de enunciados ou questões, que devem ser respondidas, por escrito, pelos participantes no estudo, permitindo manter o anonimato dos inquiridos. As questões devem ser breves, objetivas e o questionário deve incluir uma informação sobre o propósito do estudo, os seus objetivos, importância da colaboração do investigado e orientações sobre o seu preenchimento.

A utilização do questionário é aconselhada quando se pretende interrogar um grande número de pessoas (Quivy e Campenhoudt, 2005; Fortin, 2009; Polit e Beck, 2011).

Tendo em conta a natureza do problema em estudo e a população, optou-se por realizar a colheita de dados do presente estudo através da aplicação de um questionário (Anexo 1). O tempo médio de preenchimento do questionário foi de 40 minutos.

Com o objetivo de verificar se as questões incluídas no questionário eram claras e objetivas, e permitiam colher as informações pretendidas realizámos um pré-teste a seis AO de uma escola não incluída no estudo, a EBI Lagoa que apresentava as mesmas características das que íamos aplicar os questionários. Após a análise das respostas e com base nas opiniões manifestadas pelos participantes introduziram-se algumas alterações ao questionário inicial (tabela 1).

TABELA 1: Alterações ao questionário sugeridas pelos participantes no pré-teste

Questão	Redação inicial	Redação final																
3	Contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado <input type="radio"/>	Contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado (efetivo) <input type="radio"/>																
4	Há quanto tempo trabalha na instituição de ensino?	Há quanto tempo trabalha nesta instituição de ensino?																
8	O que habitualmente faz para evitar o <i>bullying</i> entre alunos na escola?	No dia-a-dia faz algo para evitar o <i>bullying</i> entre alunos na escola? Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/> (Se respondeu Não, por favor passe para a pergunta 9) 8.1 – Se respondeu Sim, o que faz?																
12	<p><b>Na sua opinião, que tipo de violência é mais comum na escola?</b></p> <p><b>Física</b> (engloba agressão física, empurrões, cuspidelas, furto, estrago de objetos e submissão da vítima a atividades servis) <input type="radio"/></p> <p><b>Verbal</b> (engloba insultos em público, tais como apelidos, provocações, injúrias e comentários que provocam mal-estar e humilhação) <input type="radio"/></p> <p><b>Indireta</b> (engloba o espalhar boatos sobre a vítima, esta ser ignorada pelos outros, ou ameaças a outros colegas para que não se aproximem ou convivam com a vítima) <input type="radio"/></p>	<p><b>Na sua opinião, que tipo de violência é mais comum na escola?</b> (Por favor assinale com (x) apenas as opções que considerar serem comuns na sua escola. O <b>1</b> corresponde às que ocorrem com <b>menos frequência</b>, o 2 às que ocorrem mais vezes que a hipótese 1 e o <b>3</b> às que ocorrem com <b>mais frequência</b>).</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>1</th> <th>2</th> <th>3</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td><b>Física</b> (engloba agressão física, empurrões, cuspidelas, furto, estrago de objetos e submissão da vítima a atividades servis)</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td><b>Verbal</b> (engloba insultos em público, tais como apelidos, provocações, injúrias e comentários que provocam mal-estar e humilhação)</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td><b>Indireta</b> (engloba o espalhar boatos sobre a vítima, esta ser ignorada pelos outros, ou ameaças a outros colegas para que não se aproximem ou convivam com a vítima)</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>		1	2	3	<b>Física</b> (engloba agressão física, empurrões, cuspidelas, furto, estrago de objetos e submissão da vítima a atividades servis)				<b>Verbal</b> (engloba insultos em público, tais como apelidos, provocações, injúrias e comentários que provocam mal-estar e humilhação)				<b>Indireta</b> (engloba o espalhar boatos sobre a vítima, esta ser ignorada pelos outros, ou ameaças a outros colegas para que não se aproximem ou convivam com a vítima)			
	1	2	3															
<b>Física</b> (engloba agressão física, empurrões, cuspidelas, furto, estrago de objetos e submissão da vítima a atividades servis)																		
<b>Verbal</b> (engloba insultos em público, tais como apelidos, provocações, injúrias e comentários que provocam mal-estar e humilhação)																		
<b>Indireta</b> (engloba o espalhar boatos sobre a vítima, esta ser ignorada pelos outros, ou ameaças a outros colegas para que não se aproximem ou convivam com a vítima)																		
13.1	<p>Em que situações interveio?</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th rowspan="2">Tipo violência</th> <th colspan="2">Intervém</th> </tr> <tr> <th>Sim</th> <th>Não</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Física</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Verbal</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Indireta</td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	Tipo violência	Intervém		Sim	Não	Física			Verbal			Indireta			<p>13.1. – Se respondeu Sim:</p> <p>13.1.1 - Em que situações intervém? (Por favor assinale todas as respostas de acordo com a sua intervenção)</p> <p>Violência Física <input type="radio"/></p> <p>Violência Verbal <input type="radio"/></p> <p>Violência Indireta <input type="radio"/></p>		
Tipo violência	Intervém																	
	Sim	Não																
Física																		
Verbal																		
Indireta																		

14

**Quais os locais na escola e nas suas imediações onde ocorre mais violência?**

(Para o preenchimento da seguinte tabela, por favor assinale com (x) a opção que corresponde à sua opinião, sendo que 1 é o local onde ocorre menos vezes e 5 o local onde ocorre mais vezes. Não tem de preencher todas as opções se não tiver conhecimento da ocorrência de violência em todos os locais mencionados).

Locais de ocorrência de violência em meio escolar	1	2	3	4	5
Nos recreios					
Nos corredores					
Nos espaços de refeição					
Parque de estacionamento					
Ruas perto da escola					
Outros					

Quais? \_\_\_\_\_

**Quais os locais na escola e suas imediações onde ocorre mais violência?**

(Assinale na tabela seguinte, os locais, sendo que 1 é o local onde ocorre menos vezes e 5 o local onde ocorre mais vezes. Não tem de preencher todas as opções se não tiver conhecimento da ocorrência de violência em todos os locais mencionados).

Locais de ocorrência de violência em meio escolar	- vezes OCORRE + vezes				
	1	2	3	4	5
Nos recreios					
Nos corredores					
Nos espaços de refeição					
Parque de estacionamento					
Ruas perto da escola					
Outros					

Quais? \_\_\_\_\_

16

**Nas opções que se seguem, por favor assinale com (x) as que já observou serem realizadas por algum aluno ou alunos.**

(Não tem de assinalar todas as opções. Só deve assinalar as que considerar já ter observado, sendo que 1 corresponde à opção que ocorre menos vezes e 5 à opção que ocorre mais vezes).

	1	2	3	4	5
Isola-se durante o recreio					
Não brinca nem convive com os colegas					
Procura estar próximo de um adulto					
Apresenta dificuldade em falar diante dos seus colegas de turma demonstrando desconforto ou ansiedade					
Apresenta frequentemente aspeto contrariado, triste, deprimido ou aflito					
Apresenta equimoses (nódoas negras), feridas, cortes, arranhões ou roupa rasgada					
Falta às aulas com alguma frequência					
Perde constantemente os seus pertences					

**Nas opções que se seguem, por favor assinale com (x) as que já observou serem realizadas por algum aluno ou alunos.**

(Não tem de assinalar todas as opções. Só deve assinalar as que considerar já ter observado, sendo que 1 corresponde à opção que observou menos vezes e 5 à opção que observou mais vezes).

	- vezes OCORRE + vezes				
	1	2	3	4	5
Isola-se durante o recreio					
Não brinca nem convive com os colegas					
Procura estar próximo de um adulto					
Apresenta dificuldade em falar diante dos seus colegas de turma demonstrando desconforto ou ansiedade					
Apresenta frequentemente aspeto contrariado, triste, deprimido ou aflito					
Apresenta equimoses (nódoas negras), feridas, cortes, arranhões ou roupa rasgada					
Falta às aulas com alguma frequência					
Perde constantemente os seus pertences					

17	<p><b>Nas opções que se seguem, por favor assinale com (x) as que já observou serem realizadas por algum aluno ou alunos.</b> (Não tem de assinalar todas as opções. Só deve assinalar as que considerar já ter observado, sendo que 1 corresponde à opção que ocorre menos vezes e 5 à opção que ocorre mais vezes).</p> <table border="1" data-bbox="336 359 1198 901"> <thead> <tr> <th></th> <th>1</th> <th>2</th> <th>3</th> <th>4</th> <th>5</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Realiza “brincadeiras” ou goza, rindo de modo desdenhoso e hostil dos colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Apelida ou chama pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Insulta, menospreza, ridiculariza e/ou difama os colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Faz ameaças, dá ordens, domina e/ou subjuga os colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Incomoda, intimida, empurra, bate, soca, pontapeia, belisca, puxa os cabelos</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Envolve-se em discussões e desentendimentos com os colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Apropria-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>		1	2	3	4	5	Realiza “brincadeiras” ou goza, rindo de modo desdenhoso e hostil dos colegas						Apelida ou chama pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas						Insulta, menospreza, ridiculariza e/ou difama os colegas						Faz ameaças, dá ordens, domina e/ou subjuga os colegas						Incomoda, intimida, empurra, bate, soca, pontapeia, belisca, puxa os cabelos						Envolve-se em discussões e desentendimentos com os colegas						Apropria-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas						<p><b>Nas opções que se seguem, por favor assinale com (x) as que já observou serem realizadas por algum aluno ou alunos.</b> (Não tem de assinalar todas as opções. Só deve assinalar as que considerar já ter observado, sendo que 1 corresponde à opção que observou menos vezes e 5 à opção que observou mais vezes).</p> <table border="1" data-bbox="1198 359 2083 901"> <thead> <tr> <th></th> <th colspan="5">- vezes OCORRE + vezes</th> </tr> <tr> <th></th> <th>1</th> <th>2</th> <th>3</th> <th>4</th> <th>5</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Realiza “brincadeiras” ou goza, rindo de modo desdenhoso e hostil dos colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Apelida ou chama pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Insulta, menospreza, ridiculariza e/ou difama os colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Faz ameaças, dá ordens, domina e/ou subjuga os colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Incomoda, intimida, empurra, bate, soca, pontapeia, belisca, puxa os cabelos</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Envolve-se em discussões e desentendimentos com os colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Apropria-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>		- vezes OCORRE + vezes						1	2	3	4	5	Realiza “brincadeiras” ou goza, rindo de modo desdenhoso e hostil dos colegas						Apelida ou chama pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas						Insulta, menospreza, ridiculariza e/ou difama os colegas						Faz ameaças, dá ordens, domina e/ou subjuga os colegas						Incomoda, intimida, empurra, bate, soca, pontapeia, belisca, puxa os cabelos						Envolve-se em discussões e desentendimentos com os colegas						Apropria-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas					
	1	2	3	4	5																																																																																																			
Realiza “brincadeiras” ou goza, rindo de modo desdenhoso e hostil dos colegas																																																																																																								
Apelida ou chama pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas																																																																																																								
Insulta, menospreza, ridiculariza e/ou difama os colegas																																																																																																								
Faz ameaças, dá ordens, domina e/ou subjuga os colegas																																																																																																								
Incomoda, intimida, empurra, bate, soca, pontapeia, belisca, puxa os cabelos																																																																																																								
Envolve-se em discussões e desentendimentos com os colegas																																																																																																								
Apropria-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas																																																																																																								
	- vezes OCORRE + vezes																																																																																																							
	1	2	3	4	5																																																																																																			
Realiza “brincadeiras” ou goza, rindo de modo desdenhoso e hostil dos colegas																																																																																																								
Apelida ou chama pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas																																																																																																								
Insulta, menospreza, ridiculariza e/ou difama os colegas																																																																																																								
Faz ameaças, dá ordens, domina e/ou subjuga os colegas																																																																																																								
Incomoda, intimida, empurra, bate, soca, pontapeia, belisca, puxa os cabelos																																																																																																								
Envolve-se em discussões e desentendimentos com os colegas																																																																																																								
Apropria-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas																																																																																																								
18.2	<p>Que estratégias/atividades de prevenção e combate à violência em meio escolar são desenvolvidas por estes técnicos?</p>	<p>O que é que estes técnicos fazem para prevenir e combater a violência em meio escolar?</p>																																																																																																						

O questionário final foi constituído por perguntas fechadas, abertas e mistas e escalas do tipo *Likert*, que pretenderam colher dados necessários à caracterização sociodemográfica e profissional dos AO, sobre o seu conhecimento sobre violência em meio escolar – *bullying*, as suas intervenções perante estas situações e a ocorrência de *bullying* na sua escola.

## **2.7. Procedimento de Recolha e Análise dos Dados**

A recolha dos dados aconteceu entre os dias 24 de outubro e 03 de novembro de 2017. A aplicação dos questionários foi realizada em cada uma das escolas que participaram no estudo, numa sala cedida para o efeito, sob a supervisão da investigadora ou em sua substituição, pela encarregada de pessoal de cada instituição, as quais receberam previamente instruções, fornecidas pela investigadora, para a sua aplicação.

Tendo por base a natureza do estudo, a determinação e a composição da amostra fizeram com que a estatística se tornasse no meio principal de tratamento dos dados recolhidos (Oliveira, 2011) uma vez que é reconhecida como sendo um instrumento matemático de grande utilidade, utilizado na recolha, organização, apresentação, análise e interpretação dos dados (Pestana e Gageiro, 2005).

A introdução dos dados resultantes da aplicação dos questionários foi realizada numa base criada para o efeito, no programa Excel. O tratamento dos dados foi concretizado através de estatística descritiva e inferencial com recurso ao SPSS versão 24, um dos programas informáticos de apoio à estatística, que permite realizar cálculos estatísticos complexos.

No que respeita ao tratamento dos dados obtidos procedeu-se a uma análise estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e desvios-padrão) e inferencial. Como refere Fortin (2009, p. 411), a estatística descritiva permite “(...) descrever as características da amostra na qual os dados foram colhidos e descrever os valores obtidos pela medida das variáveis (...)” e a inferencial “(...) confrontar duas hipóteses: hipótese nula e a hipótese de investigação. A decisão de não rejeitar a hipótese nula fundamenta-se na probabilidade de que as diferenças observadas sejam aleatórias” (Fortin, 2009, p.304).

Como nível de significância para rejeitar a hipótese nula utilizou-se como referência  $p \leq ,05$ . No entanto, as diferenças com  $p \leq ,10$  também foram devidamente comentadas. Para testar as variáveis nominais dicótomas utilizou-se o teste de Fisher, uma vez que o pressuposto para a utilização do teste Qui-quadrado de que não deve haver mais do que 20,0% das células com frequências esperadas inferiores a 5 não se verificou.

Para o tratamento das questões abertas do questionário procedeu-se à análise de conteúdo do discurso das participantes de acordo com o proposto por Bardin (2011).

## **2.8. Participantes**

Neste subcapítulo serão descritos os participantes no estudo.

A seleção das escolas EBS VFC e EBI PG onde os AO trabalhavam deveu-se ao facto de ambas pertencerem ao Concelho de VFC e da investigadora, enfermeira ESIP, fazer parte das respetivas equipas de saúde escolar.

Tendo por base os objetivos delineados para o estudo, foi definida como população alvo os assistentes operacionais das duas UO do Concelho de VFC, o que perfaz um total de 102 indivíduos. Considerando o número total de pessoas da população selecionada, o facto de algumas poderem recusar participar, ou encontrar-se ausentes ao serviço, por motivo de doença, férias, folgas ou outros, consideramos que seria pertinente convidar toda a população a integrar o estudo. Aceitaram participar 69 assistentes operacionais.

### **2.8.1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra**

Participaram no estudo 69 assistentes operacionais, dos quais 60,9% (n=42) exerciam funções na EBS VFC e 39,1% (n=27) na EBI PG. A maioria (82,6%) era do sexo feminino, casados 76,8% (n=53) [11,6% (n=8) eram divorciados; 7,2% (n=5) solteiros e 4,3% (n=3) eram

viúvos], apresentavam uma média de idades de 48,2 anos ( $DP=9,2$ ), tendo o intervalo de idades variado entre os 27 e os 65 anos. Relativamente ao nível de escolaridade 36,2% (n=25) possuíam o 3º ciclo, 26% (n=18) o 1º ciclo ou menos que o 1º ciclo, 17,4% (n=12) o 2º ciclo, 14,5% (n=10) o ensino secundário e 5,8% (n=4) licenciatura. No que se refere ao vínculo com a instituição de ensino na qual exerciam funções, 58% (n=40) detinham um contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado; 40,6% (n=28) exerciam funções em contrato de trabalho temporário (programas) e 1,4% (n=1) em contrato de trabalho com termo certo. O tempo de serviço variou entre 3 meses e 43 anos, sendo a média de 13,5 anos ( $DP=12,3$ ).

## **2.9. Considerações Éticas**

Todo o trabalho de investigação requer a salvaguarda dos aspetos éticos para que a própria investigação não seja colocada em questão. Neste sentido, Ribeiro (2010, p. 57) refere que “Os aspectos éticos são decisivos em investigação. Sem um código de ética que aponte limites oriente os passos de investigação é a própria investigação que fica em causa”. Assim, tendo em conta a sua relevância e o facto de serem imprescindíveis para a realização de um estudo desta natureza, foram salvaguardados os aspetos éticos inerentes a um trabalho de investigação os quais estão abaixo designados:

O primeiro aspeto ético prendeu-se com a obtenção da necessária autorização dos Conselhos Executivos das UO, alvo do estudo, para a aplicação dos questionários aos AO das referidas instituições. Para o efeito foi efetuado o pedido de autorização para realização do estudo aos presidentes dos Conselhos Executivos das escolas (Anexo 2), que se manifestaram favoravelmente quanto à sua realização (Anexo 3).

Outro aspeto ético acautelado foi o Princípio e Respeito pela Dignidade Humana, o qual engloba o Direito à Autodeterminação, que pressupõe que os participantes nos estudos têm o direito de decidir de forma voluntária se vão ou não participar no estudo proposto, realizar perguntas, recusar-se a dar informações ou a interromper a sua participação em qualquer momento da investigação, sempre sem o risco de sofrerem penalizações ou coerção (Polit, Beck e Hungler, 2004). Assim, de forma a garantir este princípio, foi fornecida informação

relativa à investigação em causa e esclarecidas todas as dúvidas que surgiram e todos os participantes assinaram um documento de consentimento informado (Anexo 4).

Entende-se por Consentimento Informado um documento no qual estão explanadas, de forma clara e inequívoca, todas as informações necessárias relativas à natureza da pesquisa, em que os participantes declaram que compreendem toda a informação fornecida, participando voluntariamente no estudo em causa (Polit, Beck e Hungler, 2004; Ribeiro, 2010). Assim, antes da distribuição dos questionários foi explicado a todos os potenciais respondentes quais os objetivos da investigação e que a sua participação no estudo era voluntária, pelo que detinham a liberdade de escolha em participar ou recusar o estudo.

Outro Princípio salvaguardado foi o da Justiça, o qual garante aos participantes o direito ao tratamento justo e direito à privacidade, a qual é garantida, uma vez que os dados são sigilosos e destinam-se única e exclusivamente a tratamento estatísticos, mantendo-se o anonimato dos participantes (Polit, Beck e Hungler, 2004). Neste sentido, os assistentes operacionais foram alertados para o facto de não assinarem o questionário e foi-lhes garantido que os dados colhidos destinavam-se exclusivamente ao estudo e que o anonimato seria assegurado, em qualquer publicação que se viesse a realizar.

### 3 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados, bem como a análise e discussão dos dados. Inicialmente são apresentados os resultados relativos à formação que os AO possuem sobre a temática, os seguintes estão organizados de acordo com as questões de investigação.

Quando questionados se já haviam frequentado alguma formação sobre violência em meio escolar dos 64 (92,8%) AO que responderam 54,7% (n=35) referiram que não. Dos que referiram que sim 48,1% (n= 13) mencionaram que a frequentaram há menos de 6 meses (tabela 2).

TABELA 2: Tempo da frequência da última formação sobre *bullying* em meio escolar

	n	%
< 6 meses	13	48,1
6 - 12 meses	4	14,8
> 12 meses	10	37,0

No que concerne ao local onde foi ministrada a formação sobre violência em meio escolar (tabela 3) apenas 28 AO responderam à questão. O local mais mencionado foi a EBS VFC (82.1%, n=23).

TABELA 3: Local onde ocorreu a formação sobre *bullying* em meio escolar

	n	%
EBS VFC	23	82,1
EBI PG	1	3,6
Escola Domingos Rebelo	2	7,1
Escola Profissional de VFC	1	3,6
EBS St.ª Maria	1	3,6

Quando questionados sobre quem propôs a formação, a maioria dos respondentes (92,9%, n=26) referiu que foi a instituição, verificando-se que uma percentagem pequena (7,1%, n=2) assegurou que a frequentou por iniciativa própria.

A duração da formação (tabela 4) variou entre uma hora e mais de quatro horas sendo a frequência mais referida três horas (66,7%, n=14).

TABELA 4: Duração da formação sobre *bullying* em meio escolar

	n	%
1 horas	1	4,8
2 horas	1	4,8
3 horas	14	66,7
4 horas	2	9,5
> 4 horas	3	14,3

Após a análise dos resultados apresentados nas tabelas anteriores é de salientar que a maioria (54,7%) dos AO não teve qualquer formação sobre o *bullying*, e quando, maioritariamente respondem que foi a instituição que propôs a formação questionamo-nos sobre a política de formação em uso. Existem critérios e como são utilizados na seleção do pessoal para a formação? A formação está dependente da motivação individual destes profissionais? Será que formações com a duração média de 3 horas são o suficiente para o desenvolvimento de competências sobre vigilância segura e prevenção de situações de *bullying* entre estudantes? Será que a formação oferecida faz parte de um plano estratégico de combate à problemática em estudo? Muitas outras questões podiam ser colocadas, contudo estes dados não deixam de ser importantes para o planeamento de uma intervenção em parceria entre o setor da saúde e da educação sobre a problemática em análise.

Quando questionados sobre se já tinham ouvido falar sobre *bullying* a maioria dos inquiridos (95,7%, n= 66) respondeu que sim.

Com o objetivo de saber o que entendiam os AO sobre *bullying* colocou-se-lhes a questão “Para si, o que é o *bullying*”. Responderam à questão 79,7% (n=55) dos inquiridos. Como era uma questão aberta, procedeu-se à análise das respostas, tendo-as agrupado em nove categorias (tabela 5). A expressão que a maioria (58,2%, n= 32) dos AO considerou que melhor definia o *bullying* foi “Maus tratos físicos e psicológicos”, sendo a “Violência entre alunos” e a “Violência continuada” as outras definições que mais participantes referiram

(10,9%, n=6, ambas). As expressões menos mencionadas pelos participantes para definir *bullying* foram: “Extorquir dinheiro a outra pessoa”, “Crianças juntas tratarem mal outras crianças”, “Não respeitar os outros” e “É a discriminação entre alunos”, todas foram selecionadas somente por um dos inquiridos (1,8%).

TABELA 5: Opinião dos participantes sobre *bullying*

	n	%
Maus tratos físicos e psicológicos	32	58,2
Chantagem ou agressões	3	5,5
Ameaças	4	7,3
Extorquir dinheiro a outra pessoa	1	1,8
Violência entre alunos	6	10,9
Crianças juntas tratarem mal outras crianças	1	1,8
Não respeitar os outros	1	1,8
Violência continuada	6	10,9
É a discriminação entre alunos	1	1,8

Da análise efetuada constatou-se que os AO apresentavam uma noção sobre o que é o *bullying*, no entanto não referiram todas as dimensões desta problemática nomeadamente serem comportamentos agressivos com ações negativas e indesejáveis, apresentarem um padrão de comportamento repetitivo e persistente no tempo e envolverem desigualdade de poder ou força entre os intervenientes (Olweus, 1993; Lourenço et al., 2009; Barros, Carvalho e Pereira, 2009; Carneiro e Figueiredo, 2012; Olweus e Limber, 2016). Assim, podemos inferir que o conhecimento que detêm sobre *bullying* não é suficientemente abrangente da complexidade da situação o que poderá eventualmente interferir com a sua atuação.

Quando questionados sobre os tipos de *bullying* que conheciam, pergunta aberta, responderam 58 AO. Após a análise das respostas estas foram agrupadas em 6 categorias, (tabela 6), nomeadamente “físico”; “verbal”; psicológico”; *cyberbullying*”; “indireto” e “sexual”. No enquadramento teórico, optou-se por abordar os tipos de *bullying* propostos por Olweus, designadamente direto (físico, verbal) e indireto.

O *bullying* psicológico e sexual são definidos por diversos autores (Bouth e Sousa, 2011 cit. Martins, 2013; Matos et al., 2009a cit. Martins, 2013; Seixas, 2006 cit. Martins, 2013) como tipos de *bullying* que incluem ações do tipo ameaçar, chantagear, enviar mensagens ou realizar telefonemas com conteúdos desagradáveis à vítima (*bullying* psicológico) e o sexual

inclui o exibicionismo, o assédio, comentários desagradáveis acerca de determinadas partes do corpo da vítima, gozar acerca da orientação sexual da vítima, tocar em partes íntimas do corpo do outro sem a sua prévia autorização e a divulgação de comentários e / ou imagens de carácter sexual da vítima. O *cyberbullying* consiste na utilização de tecnologias de informação e comunicação para divulgar mensagens, comentários, imagens / ou vídeos de carácter íntimo da vítima, através de telemóveis, computadores e redes sociais (Bandeira e Hutz, 2012b; Chicote e Martins, 2009; Melim, 2011; Andrade, 2012; Schultz, et al., 2012; Seixas, 2006; Vila e Diogo, 2009 cit. Martins, 2013).

Os tipos de *bullying* mais aludidos foram o físico (77,6%, n=45), o verbal (46,6, %, n=27) e o psicológico (27,6%, n=16). O menos mencionado foi o sexual (5,2%, n=3).

TABELA 6: Tipos de *bullying*

	n	%
<b>Físico</b>	45	77,6
<b>Verbal</b>	27	46,6
<b>Psicológico</b>	16	27,6
<b>Cyberbullying</b>	7	12,0
<b>Indireto</b>	5	8,6
<b>Sexual</b>	3	5,2

Pela análise das respostas inferimos que os inquiridos identificam diferentes tipos de *bullying*. Este facto é importante pois os funcionários que supervisionam os alunos, nas escolas, devem ter conhecimento sobre o que se entende por *bullying* e que ações podem ser expressivas deste comportamento para o poderem identificar nas crianças e adolescentes sob a sua supervisão. Sales e Sousa (2012, p. 58) referem que “é necessário que os educadores conheçam a fundo a prática do *bullying* para que possam diferenciar o fenómeno de brincadeiras corriqueiras”.

Com o intuito de conhecer as ações que os AO adotam para evitar o *bullying* questionaram-se estes profissionais sobre “No dia-a-dia faz algo evitar o *bullying* entre alunos na escola?” (tabela 7). Após análise as respostas dos 61 respondentes agrupámo-las em cinco categorias “Dialogo com os alunos para que consigam conviver uns com os outros”; “Marco a minha presença evitando que eles se magoem”; “Fico atenta ao comportamento dos alunos mais violentos”; “Tento entretê-los com atividades”; “Transmitir aos superiores / autoridades”. O diálogo com os alunos para que consigam conviver uns com os outros é a estratégia mais

referida pelos AO (36,1%; n=22) e “Tento entretê-los com atividades” a menos mencionada (6,6 %; n=4).

TABELA 7: Ações adotadas pelos AO para evitar o *bullying* entre alunos

	n	%
<b>Dialogo com os alunos para que consigam conviver uns com os outros</b>	24	39,3
<b>Marco a minha presença evitando que eles se magoem</b>	16	26,2
<b>Fico atenta ao comportamento dos alunos mais violentos</b>	10	16,4
<b>Tento entretê-los com atividades</b>	4	6,6
<b>Transmito aos superiores/autoridades</b>	7	11,5

Da análise a esta tabela concluímos que as ações adotadas pelos AO para evitarem situações de *bullying* no espaço escolar, não é padronizada. No sentido de padronizar e otimizar práticas Pereira (2002 cit. Matos e Ribeiro 2015, p. 175) aconselha que “os supervisores «estejam atentos aos potenciais problemas, comuniquem sobre eles e em conjunto com os professores e a direção encontrem as soluções possíveis. Pessoas que respeitem os alunos e se façam respeitar, que saibam ouvir os alunos e resolver com eles os seus problemas”, estas intervenções são formas de contribuir para a diminuição da violência na escola. É de relevar que as intervenções realizadas pelos AO denotam a sua preocupação em garantir que os alunos envolvidos em situações comprometedoras consigam conviver uns com os outros no espaço escolar, respeitando-se. Para tal, falam com os alunos, estão mais atentos ao seu comportamento e marcam a sua presença para que os alunos sintam a sua supervisão.

Quando inquiridos sobre se já alguma vez presenciaram situações de violência entre alunos, no espaço escolar, dos 64 (92,7%) AO que responderam à questão 73,4% (n=47) referiram que sim. No que reporta ao terem conhecimento da ocorrência de violência entre alunos na escola 77.8% (n=49) assistentes referiram que tinham.

Quando questionados sobre o tipo de violência mais comum na escola em que trabalham (tabela 8) verificou-se que a mais mencionada foi a física e a menos a indireta. Contudo, a violência verbal foi a que mais AO consideraram ocorrer com maior frequência na sua escola (30.2%, n=13).

TABELA 8: Distribuição dos tipos de violência entre estudantes observada pelos AO

	1		2		3		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Física</b>	28	54,9	13	25,5	10	19,6	51	100
<b>Verbal</b>	11	25,6	19	44,2	13	30,2	43	100
<b>Indireta</b>	17	54,8	8	25,8	6	19,4	31	100

Legenda: 1 - Ocorre menos vezes; 3 – Ocorre mais vezes

Estes resultados corroboram os de outros investigadores (Vieira, 2013; Santos et al. 2014) que também concluíram que o tipo de *bullying* que ocorre mais frequentemente nas escolas é o verbal.

Quando questionados se intervêm quando presenciam situações de violência entre os alunos 97,1% (n=67) dos AO responderam à questão, a maioria 92.5% (n=62) afirmou que sim.

Relativamente às situações em que intervêm (tabela 9), concluiu-se que todas são merecedoras da sua intervenção contudo, as situações de violência física foram as que mais participantes referiram atuar (79,7%, n=47) e as de violência indireta as que menos AO mencionaram intervir (22%, n=13).

TABELA 9: Situações de violência em que os AO intervêm

	n	%
<b>Violência física</b>	47	79,7
<b>Violência verbal</b>	46	77,9
<b>Violência indireta</b>	13	22

Relativamente à questão sobre o que os motiva para intervir perante situações de violência (questão aberta), responderam 50 (72,5%) AO. As suas respostas foram agrupadas em sete categorias (tabela 10), nomeadamente: “não concordo com nenhum tipo de violência”; “temos de saber intervir e dar o exemplo”; “dever como cidadão e como profissional”; “para não se magoarem / maltratarem”; “para limitar as situações de violência”, “as crianças têm de se respeitar e socializar” e “esforço conjunto entre a comunidade escolar e a família”. A razão mais referida, pela qual os AO intervêm foi por ser um “dever como cidadão e profissional” (28%, n=14) e a menos mencionada foi “esforço conjunto entre a comunidade escolar e família” (2%, n=1).

TABELA 10: Razões subjacentes à intervenção dos AO perante situações de violência / *bullying*

	n	%
<b>Não concordo com nenhum tipo de violência</b>	5	10
<b>Temos de saber intervir e dar o exemplo</b>	9	18
<b>Dever como cidadão e profissional</b>	14	28
<b>Para não se magoarem / maltratarem</b>	9	18
<b>Para limitar as situações de violência</b>	5	10
<b>As crianças têm de se respeitar e socializar</b>	7	14
<b>Esforço conjunto entre a comunidade escolar e família</b>	1	2

Da análise à tabela 10 inferimos que os motivos pelos quais os AO atuam perante o testemunho situações de violência varia emergindo em primeiro lugar o dever profissional e de cidadão. Para uma atuação mais profissional e pedagógica é recomendado que esta atuação seja padronizada e não esteja dependente do que cada um considere ser o mais adequado para cada situação nem dos seus valores. Assim, é aconselhado para prevenir situações de violência e indisciplina nos recreios, na escola, entre muitos outros aspetos “a definição clara de regras uniformes com os alunos; a criação de espaços agradáveis e equipamentos; uma supervisão eficaz e reforçada com formação e o envolvimento dos pais / encarregados de educação e restante comunidade” (Matos e Ribeiro, 2015, p. 187).

Para sabermos as intervenções que os AO realizam quando presenciam situações de violência entre os alunos (tabela 11), foram dadas nove opções de resposta podendo os participantes selecionar mais do que uma opção de resposta. Dos 59 (85,5%) AO que responderam a esta questão a maioria (81,3%, n=48) referiu “Falei com ambos (agressor e vítima) para que situações de violência não se repitam”, seguida de “Coloquei-me no meio dos alunos e pedi-lhes que acabassem com a agressão” (59,3%, n=35) e “Falei com o agressor para não voltar a praticar violência” (54,2%, n=32). A ação menos referida foi “Falei com a vítima para ajudá-la a defender-se” (25,4%, n=15). Nenhum AO mencionou “Comuniquei a agressão ocorrida a outras pessoas”. Dos que referiram “Pedi ajuda” não identificaram a pessoa a quem pediram ajuda, também nenhum referiu o que aconteceu à vítima.

TABELA 11: Atuação dos AO face a situações de violência / *bullying* em meio escolar

	n	%
<b>Coloquei-me no meio dos alunos e pedi-lhes que acabassem com a agressão</b>	35	59,3
<b>Coloquei-me no meio dos alunos e ordenei-lhes que acabassem com a agressão</b>	21	35,6
<b>Pedi ajuda</b>	19	32,2
<b>Falei com o agressor para não voltar a praticar violência</b>	32	54,2
<b>Falei com a vítima para ajudá-la a defender-se</b>	15	25,4
<b>Falei com ambos (agressor e vítima) para que situações de violência não se repitam</b>	48	81,3
<b>Acompanhei o agressor ao Conselho Executivo</b>	22	37,3
<b>Comuniquei a agressão ocorrida ao Diretor de Turma</b>	21	35,6

Pela análise das respostas que salienta-se que a maioria dos respondentes referiu que falou com ambos os intervenientes (agressor e vítima) na situação de violência, atuação que de acordo com Barros, Carvalho e Pereira (2009, p. 5753-5754) é uma medida contrária à atuação que os supervisores devem ter, pois referem que “no caso de ser testemunha de uma ocorrência de *bullying*, deve-se intervir imediatamente, no momento e no local em que o fato esteja ocorrendo, sem tentar falar com os envolvidos ou pedir sugestões, mas dar um ponto final à ação que se está desenvolvendo, pedindo aos outros para se afastarem e retornem aos seus lugares, pois isto vai diminuir a audiência e conseqüentemente acabará com o “poder” do *bully* (agressor), que quer receber atenção para a ação que ele está causando”. Verificou-se também que há uma diversidade de atuação e que algumas intervenções foram pouco selecionadas pelos respondentes, contudo como não questionámos o porquê da sua atuação não podemos concluir se é devido a considerarem que algumas intervenções são pouco eficazes que não as realizam.

Quanto aos locais na escola ou imediações onde ocorre mais violência (tabela 12), responderam 66 AO, tendo 63 (95,5%) elegido o recreio. O segundo local mais referido foi o corredor (48,5%, n=32) e o parque de estacionamento foi o local identificado por menos respondentes como zona onde ocorre violência entre os estudantes. O espaço de ocorrência de violência que menos respondentes selecionaram foi “outros” (3%, n=2), contudo nenhum especificou o local. No que concerne ao recreio 52.4% (n=33) dos AO que mencionaram este local como zona onde se perpetua violência entre estudantes consideraram que era o espaço onde ocorria mais vezes.

Estes resultados corroboram os obtidos por outros investigadores (Lourenço, et al., 2009; Pereira, Silva e Nunes, 2009; Gisi, Filipak e Kerkosky, 2009; Gouveia, 2011; APAV, 2011;

Machado, 2011; Matos, et al., 2012; Vieira, 2013) que concluíram que o recreio no espaço escolar é o local em que a violência ocorre com mais frequência no espaço escolar.

TABELA 12: Locais de ocorrência de violência na escola ou imediações

		1	2	3	4	5	Total
<b>Nos recreios</b>	n	17	4	4	5	33	63
	%	27,0	6,3	6,3	7,9	52,4	100
<b>Nos corredores</b>	n	9	8	6	8	1	32
	%	28,1	25,0	18,8	25,0	3,1	100
<b>Nos espaços de refeição</b>	n	12	2	3	2	3	22
	%	54,5	9,1	13,6	9,1	13,6	100
<b>Parque de estacionamento</b>	n	8	1	1	0	0	10
	%	80,0	10,0	10,0	0,0	0,0	100
<b>Ruas perto da escola</b>	n	5	4	2	0	1	12
	%	41,7	33,3	16,7	0,0	8,3	100
<b>Outros</b>	n	1	0	0	0	1	2
	%	50,0	0,0	0,0	0,0	50,0	100

Legenda: 1 - Ocorre menos vezes; 5 – Ocorre mais vezes.

Quando inquiridos sobre a vigilância dos espaços onde ocorrem situações de violência na escola, responderam à questão 68 participantes tendo a maioria referido que sim (95,6%, n=65). Como não os questionámos se consideravam o número de pessoas que vigia os recreios adequado ao número e tipo de estudantes, extensão e tipologia dos recreios não podemos inferir se este ratio é adequado para controlar e minimizar a ocorrência de violência neste espaço de lazer, pois como refere Mendes (2009, p. 73) “a supervisão dos espaços de recreio condiciona os níveis de *bullying* na escola: quanto maior o número de supervisores menor é o nível de *bullying* sentido / vivido na escola”, sendo esta ideia corroborada por Shore (2006 cit. Barbosa e Santos, 2010) e por Pereira (2006 cit. Machado, 2011).

Quando questionados sobre quem vigia locais da escola onde ocorre violência (tabela 13) responderam 67 AO, tendo a maioria (88.4%, n=61) referido que a vigilância era efetuada somente por AO, os outros seis (9%) respondentes selecionaram a opção outros e referiram que os espaços eram vigiados conjuntamente pelos AO e outros atores nomeadamente professores, pessoal dos programas e polícia que faz ronda na escola.

Este resultado corrobora o que é preconizado pelo regulamento interno da UO VFC, que refere que cabe aos AO a responsabilidade pela vigia e zelo dos alunos e dos espaços de recreio (EBS VFC, 2013).

TABELA 13: Pessoal que vigia os locais de ocorrência de violência na escola

	n	%
<b>Assistentes operacionais</b>	61	88,4
<b>Assistentes operacionais e pessoal dos programas</b>	1	1,4
<b>Assistentes operacionais e professores</b>	4	5,8
<b>Assistentes operacionais e polícia que faz ronda na escola</b>	1	1,4
<b>Total de respondentes</b>	67	100,0

Relativamente à questão existem profissionais que orientem o tempo livre dos alunos, com atividades ou jogos, dos 59 respondentes (85,5%) a sua maioria referiu que não (62,7%, n=37). Esta resposta carece de ser explorada pois uma das medidas propostas em diversos programas para a resolução da violência e do *bullying* no espaço escolar passa pela orientação e entretenimento dos alunos nos espaços de recreio, mas para que possa ser uma realidade, estes profissionais necessitam de formação e treino. A corroborar esta ideia, Lourenço [et al.] (2009, p. 222) referem que “um recreio que oferece aos alunos opções de recursos humanos preparados é importante, mas a proliferação de opções como jogos, brincadeiras, atividades físicas / ou desportivas, desde que supervisionadas, podem transformar um ambiente agressivo e permissivo em função da pobreza de opções em um espaço lúdico e criativo”.

Quando questionados sobre quais as atividades desenvolvidas pelos profissionais com o intuito de orientar os estudantes nos tempos livres só 19 dos 22 dos que responderam que nas suas escolas há profissionais que orientam o tempo livre dos alunos, com atividades ou jogos identificaram as atividades desenvolvidas (tabela 14). Como se pode verificar pela análise da tabela as atividades em grupo no recreio foram as reportadas por mais AO (42,1%, n=8). Nestas atividades incluímos rodas cantadas, jogos, brincando com os alunos, macaca, jogos de bola e corda, dama, lenço. Utilizam, também, os materiais disponíveis nas suas instituições. Mendes (2009) refere que é importante para a redução do *bullying* nos recreios escolares equipar estes espaços com material lúdico e garantir maior supervisão e apoio aos alunos, durante a sua permanência no recreio.

TABELA 14: Orientação do tempo livre dos alunos

	n	%
<b>Ocupando-os no recreio com atividades em grupo</b>	8	42,1
<b>Na sala de convívio com jogos e televisão</b>	1	5,3
<b>Na biblioteca com jogos, pintura, leitura</b>	2	10,5
<b>Jogos de ping-pong, matraquilhos, ensinamos como se brinca</b>	1	5,3
<b>Mantendo as crianças ocupadas nos baloiços e cavalinhos</b>	1	5,3
<b>Vigiando para não haver problemas</b>	2	10,5
<b>Atividades e jogos em dias apropriados, por vezes realizados por profissionais na hora do recreio</b>	2	10,5
<b>AO e professores orientam os alunos e ensinando o que devem fazer</b>	2	10,5

Quando questionados sobre a estarem mais atentos a situações de violência desde que desempenham funções na instituição de ensino, responderam à questão 90% (n=62) dos participantes. Destes 95,2% (n=59) consideraram que sim.

Para identificar as atitudes que os AO observam nos alunos (tabela 15), foram fornecidas oito opções de comportamento, pedindo-lhes que mencionassem as mais e menos observáveis numa escala de 1 a 5, correspondendo o 1 à opção que observou menos vezes e 5 à opção que observou mais vezes. Responderam a esta questão 59 AO (85,5%). Verificou-se que “isola-se no recreio” foi um comportamento referenciado pela maioria (66,1%, n=39) dos participantes, seguido de “procura estar próximo de um adulto” (57,6%, n= 34) e “não brinca nem convive com os colegas” (49,2%, n= 29). As situações menos mencionadas em termos globais, foram “apresenta equimoses, arranhões, roupa rasgada” e “perde constantemente os seus pertences” (28,8%, n=17) ambas com o mesmo número de respondentes. O comportamento menos referido foi “falta às aulas com regularidade” (23,7%, n=14).

O comportamento “isola-se no recreio” foi como mencionado o mais reportado pelos AO, contudo 5,1% (n=2) consideraram que ocorria com a máxima frequência (5) e 43,6% (n=17) referiram-no como ocorrendo com uma frequência menor (1). O comportamento “não brinca nem convive com os colegas” como referido foi identificado por 49,2% (n= 29) dos AO. Destes 20,1% (n=6) consideraram que a frequência de ocorrência era máxima e igual % que era mínima.

O comportamento que menor percentagem de AO selecionou foi como mencionado “falta às aulas com alguma frequência” tendo a maioria (57,1%, n=8) considerado que ocorria com uma frequência mínima e 7,1% (n=1) com uma frequência máxima.

TABELA 15: Comportamentos observados pelos AO nos alunos vítimas de *bullying*

		1	2	3	4	5	Total
<b>Isola-se durante o recreio</b>	n	17	3	9	8	2	39
	%	43,6	7,7	23,1	20,5	5,1	66,1
<b>Não brinca nem convive com os colegas</b>	n	6	6	9	2	6	29
	%	20,1	20,1	31,0	6,9	20,1	49,2
<b>Procura estar próximo de um adulto</b>	n	13	5	5	5	6	34
	%	38,2	14,7	14,7	14,7	17,6	57,6
<b>Apresenta dificuldade em falar diante dos seus colegas de turma demonstrando desconforto ou ansiedade</b>	n	7	2	7	3	2	21
	%	33,3	9,5	33,3	14,3	9,5	35,6
<b>Apresenta frequentemente aspeto contrariado, triste, deprimido ou aflito</b>	n	7	6	7	3	1	24
	%	29,1	25	29,1	12,5	4,2	40,7
<b>Apresenta equimoses (nódoas negras), feridas, cortes, arranhões ou roupa rasgada</b>	n	6	4	1	3	3	17
	%	35,3	23,5	5,9	17,6	17,6	28,8
<b>Falta às aulas com alguma frequência</b>	n	8	2	3	0	1	14
	%	57,1	14,3	21,4	0,0	7,1	23,7
<b>Perde constantemente os seus pertences</b>	n	8	4	1	4	0	17
	%	47,1	23,5	5,9	23,5	0,0	28,8

Legenda: 1 - Ocorre menos vezes; 5 – Ocorre mais vezes

Podemos concluir que os AO observam, em alguns alunos, comportamentos que se coadunam com os tipificados pelas vítimas de *bullying*. Consideramos este dado importante pois é necessário identificar as situações para poder posteriormente intervir, como referem Lourenço [et al.] (2009, p. 211) “no que concerne à escola, os seus profissionais devem estar conscientes sobre essa forma de violência e devem ser capacitados para diagnosticar, intervir e preveni-la”.

No que se refere a comportamentos realizados por alunos que os AO referiram já ter observado (tabela 16), dos 51 (73,9%) que responderam a esta questão, concluiu-se que 68,6% (n=35) mencionaram “apelida ou chama pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas”, 66,7% (n=34) “Realiza ‘brincadeiras’ ou goza, rindo de modo desdenhoso e hostil dos colegas” e 60,8% (n=31) “Incomoda, intimida, empurra, bate, soca, pontapeia, belisca, puxa os cabelos”. A menos mencionada foi “apropria-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas” (27,5%, n=14).

Relativamente à avaliação realizada pelos participantes sobre a frequência de ocorrência de cada atitude numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a observou menos vezes e 5 a

observou mais vezes, verificou-se que o comportamento “Apropria-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas” foi o único que nenhum AO valorizou na opção 5 (observou mais vezes). O “Faz ameaças, dá ordens, domina e/ou subjuga os colegas” foi a que maior percentagem de AO valorizou na opção 5.

TABELA 16: Comportamentos observados pelos AO nos alunos agressores

		1	2	3	4	5	Total
<b>Realiza “brincadeiras” ou goza, rindo de modo desdenhoso e hostil dos colegas</b>	n	12	1	13	3	5	34
	%	35,3	2,9	38,2	8,8	14,7	66,7
<b>Apelida ou chama pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas</b>	n	8	7	8	6	6	35
	%	22,9	20	22,9	17,1	17,1	68,6
<b>Insulta, menospreza, ridiculariza e/ou difama os colegas</b>	n	2	5	3	3	3	16
	%	1,3	31,3	18,8	18,8	18,8	31,4
<b>Faz ameaças, dá ordens, domina e/ou subjuga os colegas</b>	n	2	3	5	2	4	16
	%	12,5	18,8	31,3	12,5	25	31,4
<b>Incomoda, intimida, empurra, bate, soca, pontapeia, belisca, puxa os cabelos</b>	n	8	4	8	6	5	31
	%	25,8	12,9	25,8	19,4	16,1	60,8
<b>Envolve-se em discussões e desentendimentos com os colegas</b>	n	4	3	6	6	3	22
	%	18,2	13,6	27,3	27,7	13,6	43,1
<b>Apropria-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas</b>	n	6	1	3	4	0	14
	%	42,9	7,1	21,4	28,6	0,00	27,5

Legenda: 1 - Ocorre menos vezes; 5 – Ocorre mais vezes.

A análise dos dados da tabela 16 permite concluir que a ocorrência de comportamentos considerados violentos que os AO já observaram ser realizados por um aluno ou grupo de alunos é elevada, o que corrobora o reportado pelo sistema de vigilância dos comportamentos de risco (2016) na posse da ESE de VFC no qual se constata que a violência em meio escolar é um dos problemas existente nas escolas Açorianas.

Relativamente à questão na escola existem técnicos especializados para apoiarem a resolução de situações de *bullying*, a maioria dos participantes (91,3%, n=63) respondeu. Destes, 81% (n=51) responderam que sim.

Quando inquiridos sobre que técnicos prestam o apoio especializado (tabela 17), concluiu-se que a maioria (92,2%, n=47) referiu os psicólogos, seguido dos professores (60,7%, n=31). Consideramos preocupante só 5,9% (n=3) referirem os enfermeiros como técnicos que prestam apoio na escola, uma vez que estes têm um papel muito importante na promoção da saúde no contexto escolar. O PNSE (2014, p. 18) refere “a saúde escolar tem um papel complementar dos Serviços de Saúde na melhoria da saúde da comunidade educativa, na disseminação de práticas preventivas e na referenciação de situações de saúde especiais”, a qual é representada pelos enfermeiros nas escolas”, além de a equipa de saúde escolar ter o dever de cooperar na dinâmica de gabinetes de informação e apoio aos alunos e em outras áreas relevantes para a escola (PNSE, 2014).

TABELA 17: Técnicos que apoiam na resolução de situações de *bullying*

	n	%
<b>Psicólogo</b>	47	92,2
<b>Professor</b>	31	60,7
<b>Enfermeiro</b>	3	5,9
<b>Assistente Social</b>	7	13,7
<b>Outros</b>	4	7,8

Podemos concluir que os AO reconhecem os técnicos especializados aptos para a resolução de problemas advindos de situações de violência / *bullying* entre alunos na escola onde desempenham funções. Este dado é importante, pois para que seja dada uma resposta efetiva aos envolvidos em situações de violência, todos os elementos da comunidade educativa deverão estar informados sobre o papel de cada um. Machado (2011, p. 18) refere que é “necessário, antes de mais, que a escola tome consciência que para um trabalho ser desenvolvido de forma eficaz haja colaboração estreita entre os diferentes intervenientes, sejam eles funcionários, professores, membros da direcção ou encarregados de educação”. Esta mesma autora refere que o psicólogo tem um papel muito importante no processo de prevenção de violência em meio escolar, no entanto, “só este elemento não faz diferença” (Machado, 2011, p. 18) pelo que se torna fundamental a envolvência de toda a comunidade educativa, inclusive dos enfermeiros.

Quando questionados sobre o que é que estes técnicos fazem para prevenir e combater a violência em meio escolar responderam 46,4% (n=32) participantes (tabela 18). Após análise

das respostas emergiram seis categorias: “conversam e orientam os alunos” (53,1%, n= 17), a mais vezes mencionada, seguida de “acompanham com mais atenção os alunos” (18,8%, n=6). As respostas menos referidas e numa mesma proporção (6,3%, n=2) foram “sensibilizam os pais” e “encaminham para o gabinete”. A menos proferida foi “encaminham para o CE”. De salientar que alguns participantes responderam que “não sabem” (12,5%, n=4) o que os profissionais fazem para combater a violência escolar.

TABELA 18: Estratégias usadas pelos técnicos para prevenir e combater a violência escolar

	n	%
<b>Conversam e orientam os alunos</b>	17	53,1
<b>Sensibilizam os pais</b>	2	6,3
<b>Acompanham com mais atenção os alunos</b>	6	18,8
<b>Encaminham para o Gabinete CVPC</b>	2	6,3
<b>Encaminham para o CE</b>	1	3,1
<b>Não sabem</b>	4	12,5

Da análise do discurso dos participantes, infere-se que nem todos sabem o que os técnicos fazem para prevenir e combater a violência no espaço escolar. A literatura consultada refere que para se conseguir a diminuição da violência e *bullying* em meio escolar, as escolas deverão apresentar de forma muito clara quais as estratégias e ações de prevenção a ser efetivadas, as quais implicam forçosamente um “esforço multidisciplinar, envolvendo pais, professores, funcionários da escola, (...)” (Lamb, Pepler e Craig, 2009, cit. Santos et al., 2013, p. 175). Neste sentido, é necessário que os AO façam parte integrante deste processo sabendo as medidas adotadas pelos técnicos especializados. Só quando se integrarem e todos souberem o que se faz, poderá eventualmente haver menos situações de violência entre alunos na escola.

No que concerne às estratégias e atividades de prevenção e combate à violência, desenvolvidas pelos técnicos na escola, contribuírem para a redução da violência responderam à questão 71% (n= 49) dos participantes. Destes, 89.8% (n=44) consideraram que as estratégias / atividades desenvolvidas pelos técnicos na escola têm contribuído para a redução da violência em meio escolar.

Por último apresentaram-se seis afirmações relativas ao tema em estudo “Os recreios escolares vigiados e orientados diminuem a ocorrência da violência / *bullying* escolar”; “É

fundamental o desenvolvimento de estratégias de prevenção da violência / *bullying* na escola”; “As estratégias de prevenção da violência / *bullying* adotadas devem ser do conhecimento de toda a comunidade escolar”; “A ocorrência da violência / *bullying* na escola pode ser reduzida com a implementação de estratégias para o seu controlo”; “O trabalho colaborativo entre alunos, pais e comunidade escolar contribui para a melhoria do comportamento dos alunos”; “O trabalho colaborativo entre alunos, pais e comunidade escolar contribui para a diminuição da violência / *bullying* na escola” e pedimos aos AO que assinalassem a que melhor refletia a sua opinião (tabela 19) e pedimos aos AO que para cada uma expressassem a sua opinião numa escala tipo *Likert*, sendo as possibilidades de resposta “Discordo totalmente”, “Discordo”, “Nem concordo nem discordo”, “Concordo” e “Concordo totalmente”.

TABELA 19: Opinião relativa às medidas de resolução da violência / *bullying* em meio escolar

		1	2	3	4	5	Total
<b>Os recreios escolares vigiados e orientados diminuem a ocorrência da violência / <i>bullying</i> escolar</b>	n	2	2	0	26	33	63
	%	3,1	3,1	0,0	41,3	52,4	91,3
<b>É fundamental o desenvolvimento de estratégias de prevenção da violência / <i>bullying</i> na escola</b>	n	0	0	2	36	21	59
	%	0,0	0,0	3,4	61	35,6	85,5
<b>As estratégias de prevenção da violência / <i>bullying</i> adotadas devem ser do conhecimento de toda a comunidade escolar</b>	n	0	1	0	32	24	57
	%	0,0	1,8	0,0	56,1	42,1	82,6
<b>A ocorrência da violência / <i>bullying</i> na escola pode ser reduzida com a implementação de estratégias para o seu controlo</b>	n	0	1	1	27	29	58
	%	0,0	1,7	1,7	46,6	50	84,1
<b>O trabalho colaborativo entre alunos, pais e comunidade escolar contribui para a melhoria do comportamento dos alunos</b>	n	0	0	1	37	22	60
	%	0,0	0,0	1,7	61,7	36,7	86,9
<b>O trabalho colaborativo entre alunos, pais e comunidade escolar contribui para a diminuição da violência / <i>bullying</i> na escola</b>	n	1	0	1	37	19	58
	%	1,7	0,0	1,7	63,8	32,8	84,1

Legenda: 1 - Discordo totalmente 2 - Discordo 3 – Não concordo nem discordo 4 – Concordo 5 - Concordo totalmente

Como se pode verificar pela análise da tabela todas as afirmações foram avaliadas pela maioria dos participantes com “Concordo” e “Concordo totalmente”, tendo a maioria (52,4%,

n=33) dos AO concordado totalmente com a afirmação “Os recreios escolares vigiados e orientados diminuem a ocorrência da violência / *bullying* escolar”. A afirmação que menor percentagem de participantes concordou totalmente foi “O trabalho colaborativo entre alunos, pais e comunidade escolar contribui para a diminuição da violência / *bullying* na escola” (32,8%, n=19). Assim conclui-se que os AO consideram que os espaços de recreio vigiados e orientados com atividades são medidas que contribuem para a diminuição da ocorrência de situações de violência e de *bullying* naquele espaço escolar, o que corrobora as intervenções recomendadas em alguns programas e estudos sobre intervenção naqueles espaços, “o acesso a equipamentos móveis de jogo e a supervisão são fatores que parecem estar associados à redução dos comportamentos de agressão / vitimização” (Pimenta, Pereira e Lourenço, 2011, p.126).

Finda a apresentação, análise e discussão dos dados iremos de seguida proceder à verificação das hipóteses do estudo.

#### **Hipótese 1 – Existe relação entre o sexo dos AO e o intervirem para evitar situações de *bullying* entre alunos**

Como se pode verificar pela análise da tabela 20 a maioria dos assistentes operacionais do sexo feminino e masculino intervêm quando presenciam situações de violência entre os alunos. Contudo a proporção é ligeiramente mais elevada nos do sexo feminino que nos do masculino (92.7%, n=51 vs 91.7%, n=11). Após a realização do teste de Fisher concluiu-se não existirem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos AO e o intervirem para evitarem situações de *bullying* entre alunos ( $p = 1.000$ ), o que nos leva a rejeitar a hipótese.

TABELA 20: Intervenções desenvolvidas pelos AO para evitarem situações de *bullying* em função do sexo

Costuma intervir		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Sim	n	11	51	62
	%	91,7	92,7	92,5
Não	n	1	4	5
	%	8,3	7,3	7,5
Total	n	12	55	67
	%	100,0	100,0	100,0

### Hipótese 2 – Existe associação entre o estado civil dos AO e o intervirem para evitar situações de *bullying* entre alunos

Para verificarmos se existia associação entre o estado civil dos AO e a intervenção para evitar situações de *bullying* entre alunos, a variável estado civil foi recodificada em duas categorias “casado” e “não casado”. A categoria “não casado” agrega todos os outros estados civis (divorciado, solteiro e viúvo). Após análise concluiu-se que a proporção de AO que intervém quando presenciam situações de violência entre os alunos é mais elevada no grupo dos casados comparativamente ao grupo que agrega os outros estados civis (93.6%, n=44 vs 89.5%, n=17). Após aplicação do teste de Fisher concluiu-se que a diferença não era estatisticamente significativa ( $p = .621$ ), o que nos levou a rejeitar a hipótese (tabela 21).

TABELA 21: Intervenção dos AO face a situações de *bullying* em função do estado civil

Intervenção		Estado civil		Total
		Não casado	Casado	
Sim	n	17	44	61
	%	89,5	93,6	92,4
Não	n	2	3	5
	%	10,5	6,4	7,6
Total	n	19	47	66
	%	100,0	100,0	100,0

### Hipótese 3 - Existe relação entre o vínculo dos AO com a instituição e o intervirem para evitar situações de *bullying* entre alunos

Para verificarmos se existia associação entre o vínculo laboral dos AO com as instituições de ensino e a sua intervenção para evitar situações de *bullying* entre alunos (tabela 22), a variável vínculo foi recodificada em duas categorias “contrato de trabalho” e “trabalho temporário”. A categoria “contrato de trabalho” abarca todos os vínculos com a instituição de ensino, nomeadamente, “contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado”; “contrato de trabalho em funções públicas por tempo resolutivo com termo certo” e “contrato de trabalho em funções públicas por tempo resolutivo com incerto”.

Após a análise verificou-se que a proporção de AO que intervém quando presenciam situações de violência entre os alunos é relativamente semelhante, independentemente do

vínculo (Teste de Fisher,  $p = 1.000$ ), o que nos leva a inferir que não há associação entre o tipo de vínculo com a instituição e a ação, rejeitamos, portanto, a hipótese.

Este resultado corrobora o obtido por Menezes e Monte (2013) que referem que não é possível diferenciar o trabalho prestado pelos trabalhadores em função do seu vínculo laboral.

TABELA 22: Relação entre a intervenção dos AO face a situações de *bullying* e o vínculo laboral

Costuma intervir		Vínculo		Total
		Contrato de trabalho	Trabalho temporário	
Sim	n	36	25	61
	%	92,3	92,6	92,4
Não	n	3	2	5
	%	7,7	7,4	7,6
Total	n	39	27	66
	%	100,0	100,0	100,0

#### Hipótese 4 – Existe relação entre a formação dos AO sobre *bullying* e o intervirem para evitar situações de *bullying* entre alunos

Pela análise da tabela 23 pode-se verificar que a proporção de AO que intervém quando presenciam situações de violência entre os alunos é mais elevada nos AO que frequentaram ações de formação sobre *bullying* (93.1%,  $n = 27$  vs 90.9%,  $n = 30$ ). Após a realização do teste de Fisher concluiu-se não existirem diferenças estatisticamente significativas entre o ser detentor de formação sobre *bullying* e o intervir para evitar situações de *bullying* entre alunos ( $p = 1.000$ ), o que nos leva a rejeitar a hipótese.

Este resultado contraria o que é mencionado na literatura, que refere que a formação sobre a violência e *bullying* em meio escolar fornece aos seus detentores competências para a deteção precoce, intervenção pronta e eficaz perante as situações de violência e *bullying* e a sua prevenção (Monteiro, 2012).

No entanto, tal como verificado na tabela 4, a maioria dos AO com formação referiu que a mesma teve duração de cerca de três horas. Como foi anteriormente questionado, será que este tempo de formação é suficiente para a aquisição de conhecimentos e competências necessários a uma intervenção eficaz perante situações de violência e *bullying*? Ou será que se pode aferir que os seus detentores possuem conhecimento similar aos que não possuem

formação na área e por isso a relação entre formação e intervenção não é visível neste estudo? Fica a questão!

TABELA 23: Intervenção dos AO perante situações de *bullying* em função da formação sobre a temática

Intervenção		Formação		Total
		Sim	Não	
<b>Sim</b>	n	27	30	57
	%	93,1	90,9	91,9
<b>Não</b>	n	2	3	5
	%	6,9	9,1	8,1
<b>Total</b>	n	29	33	62
	%	100,0	100,0	100,0

## CONCLUSÃO

Com este trabalho pretendemos conhecer o que sabem e como atuam os AO das UO do concelho de VFC perante situações de “*bullying* em meio escolar” e identificar as suas necessidades de formação sobre a temática pois, é inequívoco que são profissionais muito importantes na deteção precoce, resolução e prevenção destas situações, que acontecem em todas as escolas e que afetam todos os seus intervenientes, com consequências a curto e / ou a longo prazo.

Para conseguirmos atingir este conhecimento foram traçados dois objetivos, nomeadamente, analisar os conhecimentos sobre a violência e *bullying* dos AO das escolas do concelho de VFC e identificar como atuam, perante situações de violência e *bullying* entre estudantes, os assistentes operacionais das escolas do concelho de Vila Franca do Campo.

A análise dos conhecimentos dos AO sobre o *bullying* permitiu-nos concluir que a maioria (95,7%), já tinha ouvido falar de *bullying*, embora 54,7% dos respondentes referissem que não tinham frequentado nenhuma formação acerca da temática. Sobre o que é o *bullying* a maioria (58,2%) referiu que se trata de “maus tratos físico e psicológicos”. Relativamente aos diferentes tipos de *bullying*, aludiram a existência de seis tipos, nomeadamente “físico”, “verbal”, “psicológico”, “sexual”, “social” e “*cyberbullying*”, o que nos levou a concluir que os AO conhecem o *bullying* nos seus diferentes tipos.

A maioria dos inquiridos (73,4%) não só presenciou situações de violência no espaço escolar como também possui (77,8%) conhecimento da existência desse tipo de violência entre alunos no espaço escolar. O comportamento que mais AO referenciaram já ter observado nos alunos vítimas de *bullying* foi “isola-se no recreio” e dos comportamentos observados o que mais participantes valorizaram como ocorrendo com uma frequência máxima foi “não brinca nem convive com os colegas” (20,1%). O comportamento que mais AO referenciaram já ter observado nos alunos agressores foi “apelida ou chama pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas” e dos comportamentos observados o que mais

participantes valorizaram como ocorrendo com uma frequência máxima foi “faz ameaças, dá ordens, domina e/ou subjuga os colegas”.

Concluimos que a maioria já ouviu falar de *bullying*, mas não frequentou nenhuma formação sobre esta problemática. Esta situação apresenta-se à partida como uma lacuna pois estes profissionais são os responsáveis pela vigilância e zelo dos alunos no espaço escolar. Sendo, portanto, esperado que estejam aptos para a identificação de situações de *bullying* e saibam como atuar positivamente perante a situação identificada, pelo que é expectável que as escolas forneçam formação aos seus profissionais para estes estarem aptos para a identificação de situações de violência e capacitados para responderem positivamente perante as mesmas. No que se refere ao que entendem por *bullying* constatámos que a maioria não relevou o facto de serem comportamentos agressivos, por parte de um ou uns sobre outro, persistentes no tempo, com desigualdade de poder entre os intervenientes e com a intenção de causar dor e sofrimento na vítima. Este facto pode ser preocupante, pois o desconhecimento destas dimensões, poderá interferir na sua atuação. O que nos leva a concluir que necessitam de formação sobre esta problemática, pois para uma atuação eficaz é necessário conhecer a problemática em toda a sua dimensão, sendo fundamental garantir que todos os funcionários que supervisionam os alunos saibam de que forma o *bullying* pode ser praticado e como se manifesta, para que efetivamente possam reconhecê-lo e identificar eficazmente as situações que surgem.

No que concerne ao segundo objetivo do trabalho, identificar as ações que adotam para combater situações de *bullying*, inquirimos os AO sobre as atitudes que adotam para evitá-lo. A mais referida foi “diálogo com os alunos para que consigam conviver uns com os outros”. A maioria dos respondentes mencionou que costuma intervir quando presencia situações de violência, e que intervinha em todas as situações de violência que detetava (física, verbal e indireta), mas as que mais intervencionavam eram as situações de violência física. A razão mais mencionada para a sua intervenção foi por ser um “dever como cidadão e profissional”. A intervenção que a maioria referiu realizar foi “Falei com ambos (agressor e vítima) para que situações de violência não se repitam”.

Tendo em conta a dimensão desta problemática, as consequências que lhe são inerentes e a necessidade de consciencialização sobre este fenómeno por parte de todos os “atores” no cenário escola, para a adoção de comportamentos adequados à resolução do problema, torna-se necessário capacitar os AO para intervirem da forma mais adequada a cada situação. Na nossa investigação concluimos como Domingos (1995 cit. Matos e Ribeiro, 2015, p. 175)

que “aos funcionários é atribuído o papel de educadores morais nos espaços não letivos. Contudo, eles raramente manifestam possuir uma formação adequada ao desempenho deste papel”.

O enfermeiro, profissional fundamental na equipa de saúde escolar, deve contribuir para a erradicação deste problema, colaborando na construção de um modelo que vá ao encontro das reais necessidades dos envolvidos e que capacite os AO sobre o fenómeno, para ir ao encontro do que se almeja para as escolas promotoras de saúde, as quais

*Promovem a diversidade e garantem que as escolas são comunidades de aprendizagem, onde todos são valorizados e respeitados. É importante um bom relacionamento entre alunos, entre estes e o pessoal docente e não docente da escola, entre as escolas, os pais e a comunidade educativa (...) capacitam as crianças e jovens, o pessoal docente e não docente e de toda a comunidade educativa para se envolverem na fixação de objetivos relacionados com a promoção da saúde, levando a cabo ações na escola e na comunidade de forma a atingir esses mesmos objetivos (Vilnius, 2009, p.4).*

Os resultados da nossa investigação constituem-se como subsídios à proposta de formação que pretendemos apresentar para o plano de ação a desenvolver nas escolas alvo do estudo, no decurso deste ano letivo. Propomos, também, desenvolver algumas estratégias de intervenção, nomeadamente:

- ✓ Apresentação dos resultados desta investigação aos responsáveis pelos GCVPC de cada UO alvo do estudo;
- ✓ Apresentação dos resultados obtidos nesta investigação aos membros da rede interna e externa dos GCVPC das UO alvo do estudo;
- ✓ Planeamento da formação com os AO das UO alvo do estudo, tendo em conta as suas necessidades, com o objetivo de promover o conhecimento e desenvolver as suas competências de modo a capacitá-los para a prevenção, identificação precoce e atuação eficiente.

Os resultados deste estudo são fundamentais para a formulação de um diagnóstico de situação, basilar para a enunciação de uma atuação centrada nas necessidades dos AO das UO alvo do estudo. Assim, consideramos que esta investigação é um importante contributo da enfermagem em prol das crianças e adolescentes envolvidos em situações de violência e *bullying* em meio escolar pois, ao munir de conhecimentos os responsáveis pela vigia dos estudantes, contribuímos para a literacia em saúde da comunidade escolar e obtemos ganhos na mesma.

Estamos cientes de que o facto de o estudo não ter abrangido outros Concelhos da Ilha de São Miguel e ser confinado ao Concelho de Vila Franca do Campo possa transfigurar-se como limitação ao próprio estudo. Salientamos ainda como outras limitações a escassez de estudos encontrados sobre a temática abordada que envolvam AO, pelo que propomos que se realizem mais estudos que incluam estes profissionais, pois são uma população sempre presente nas escolas, com um papel muito importante na deteção, resolução e prevenção de situações de *bullying*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APAV. *Manual Crianças e Jovens vítimas de Violência: Conhecer, Intervir e Prevenir*. 2011. ISBN: 978-972-8852-50-4. [consult. 2016-1-11]. Disponível em: [http://www.apav.pt/pdf/Manual\\_Crianças\\_Jovens\\_PT.pdf](http://www.apav.pt/pdf/Manual_Crianças_Jovens_PT.pdf)

AZENHA, M.R.J.; RODRIGUES, S. M. A. e GALVÃO, D. M. P. G. Bullying e a criança com doença crónica. *Revista de Enfermagem Referência* [Em linha]. Março 2012, III Série, n.º 6, pp. 45-53. [consult. 2017-10-30]. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserIIIIn6/serIIIIn6a05.pdf>

BANDEIRA, C. M. *Bullying: Auto-Estima e Diferenças de Género*. Instituto de Psicologia [Em linha]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23014/000741093.pdf?sequen>

BANDEIRA, C. M. e HUTZ, C. S. As implicações do *bullying* na auto-estima de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional* [Em linha]. Jan-Junho 2010, vol. 14, n.º 1, pp. 131-138. [consult. 2016-10-20]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a14>

BARBOSA, E. F. P. e PINTO DOS SANTOS, F. A. C. Bullying – Modelo Intervenção. *Psicologia.com.pt. O Portal dos Psicólogos*. [Em linha]. 2010. [consult. 2016-10-20]. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0182.pdf>

BARROS, P. C., CARVALHO, J. E. e PEREIRA, M. B. O. Um Estudo sobre o *Bullying* no Contexto Escolar. In *IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*. 26-29 outubro 2009. PUCPR. pp 5738-5757. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf>

BOKOVA, I. In *Novo Relatório da UNESCO sobre Violência Escolar e Bullying é lançado em Simpósio Internacional sobre questão que afeta milhões em todo o mundo*. 2017. [Consult.2017-01-30]. Disponível em: [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abou-this-office/single-view/news/new\\_unesco\\_report\\_on\\_school\\_violence\\_and\\_bullying\\_to\\_be\\_rele/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abou-this-office/single-view/news/new_unesco_report_on_school_violence_and_bullying_to_be_rele/)

CACHOEIRA, R.D., et al. O Bullying no Contexto Escolar: Uma Sistematização de Estudos Precedentes. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia* [Em linha]. Enero 2015, n.º 13, pp. 81-100. [consult. 20-04-2017]. Disponível em: <http://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/reid/article/view/2158/1941>

CAMPOS, H.R e JORGE, S.D.C. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. *Em Aberto* [Em linha]. Março 2010, vol. 23, n.º 83, pp. 107-128. [consult. 2017-03-02]. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2254/2221>



Prevention. Atlanta, Georgia, 2016. Disponível em: <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/yv-technicalpackage.pdf>

FERNANDES, S. M. C. *Consumo de tabaco e de álcool nos adolescentes no Concelho de Mogadouro*. Escola Superior de Enfermagem do Porto, 2012. Dissertação de Mestrado.

FERNANDES, E. et al. *Bullying: Conhecer para Prevenir*. Millenium [Em linha]. Junho-dezembro 2015, n. 49, pp. 77-89. [consult. 2016-10-20]. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium49/5.pdf>

FERRAZ, S. e PEREIRA, B. Comportamentos de *Bullying*: Estudo numa Escola Técnico-Profissional. In: *Atividade Física, Saúde e Lazer. Educar e Formar*. [Em linha]. 2012. pp. 93-99. [consult. 2017-05-30]. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23305/1/Ferraz%2c%20S.%20%26%20Pereira%2c%20B.%20%282012%29.%20Comportamentos%20de%20bullying%20%281%29.pdf>

FERREIRA, M. M. S. R. S. - *Estilos de Vida na Adolescência: De Necessidades em Saúde à Intervenção de Enfermagem*. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, 2008. Dissertação de Doutoramento em Ciências de Enfermagem.

FORTIN, M. F. e CÔTÉ, J.F. *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidata, 2009. ISBN: 978-989-18-5.

FREITAS, L. F. F. *Necessidades de Formação em Educação para a Saúde em Contexto Escolar – Contributos para Currículos de Enfermagem*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2013. Tese de Doutoramento em Educação.

GERHARDT, T.E. e SILVEIRA, D.T. *Métodos de Pesquisa* [Em linha]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Editora UFRGS, 2009. [consult. 01 julho 2017]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>

GISI, M.L.; FILIPAK, S.T. e KERKOSKI, M.J. A manifestação do bullying na escola de educação básica – o espaço/tempo do recreio. In *IX Congresso Nacional de Educação– EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia* de 26 a 29 de outubro de 2009. pp.9547-9558. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2735\\_2196.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2735_2196.pdf)

GOMES, J.P. *As Escolas Promotoras de Saúde: uma via para promover a saúde e a educação para a saúde*. Revista Educação [Em linha]. jan. – abr. 2009, vol. 32, n.º 1, pp. 84-91. Disponível em: [revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/5229/3858](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/5229/3858)

GOUVEIA, S. J. S. *Bullying Escolar: Os observadores e o seu papel supremo no término deste fenómeno*. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, 2011. Dissertação de Mestrado. Disponível em: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5002/1/ulfpie039662\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5002/1/ulfpie039662_tm.pdf)

GOVERNO DOS AÇORES. Relatório Sistema de Vigilância de Comportamentos de Risco nos jovens RRA 2015/2016. 2016. [consult. 2016-10-14]. Disponível pela ESE VFC.

GOVERNO DOS AÇORES, *Decreto Legislativo Regional nº 11/2006/A, de 21 de Março – Estatuto do pessoal não docente do sistema educativo regional (R.A.A.)*. Disponível em: [http://www.azores.gov.pt/NR/rdonlyres/3E1F3639-1E1E-49C0-A7FD4AA32AA3E400/126333/DecLegReg11\\_2006\\_A.pdf](http://www.azores.gov.pt/NR/rdonlyres/3E1F3639-1E1E-49C0-A7FD4AA32AA3E400/126333/DecLegReg11_2006_A.pdf)

GUIMARÃES, M. S. F. e SILVA, L.R. *Conhecendo a Teoria das Transições e a sua aplicabilidade para enfermagem* [Em linha]. Rio de Janeiro 2016 [consult. 2017-12-30]. Disponível em:

<https://journaldedados.files.wordpress.com/2016/10/conhecendo-a-teoria-das-transic3a7c3b5es-e-sua-aplicabilidade.pdf>

HABER, J. e GLATZER, J. *Bullying: Manual Anti-agressão*. Alfragide: Editora Casa das Letras 2007.

HOCKENBERRY, M. J. e BARRERA, P. *Perspetivas de Enfermagem Pediátrica*. In: HOCHENBERRY, Marilyn J. e WILSON, David. WONG - *Enfermagem da Criança e do Adolescente*. 9ª ed. Loures: Lusociência, 2014, pp. 1-20.

LINHARES, A. A. *O Papel da Família, da Escola e do Estado diante das Práticas de Bullying Escolar*. WebArtigos [Em linha]. Fev. 2014. [consult. 2018-01-20]. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-papel-da-familia-da-escola-e-do-estado-diante-das-praticas-de-bullying-escolar/118368>

LOPEZ, R. et al. *Fatores implicados no fenómeno de bullying em contexto escolar: revisão integrada da literatura*. Revista de Enfermagem Referência [Em linha]. Dezembro 2011, III série, n.º 5, pp. 153-162. [consult. 2016-10-31]. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserIIIIn5/serIIIIn5a16.pdf>

LOURENÇO, L.M. et al. *A Gestão Educacional e o Bullying: Um Estudo em Escolas Portuguesas*. Revista-Journal Interações [Em linha]. 2009, vol.5, n.º 13, pp. 208-228. [consult. 2017-03-02]. ISSN: 1646-2335. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/404/358>

MAROOCO, J. *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS*. 3ª ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2007.

MACHADO, M. *Bullying em Contexto Escolar: Uma Proposta de Intervenção*. *Psicologia.PT O Portal dos Psicólogos* [Em linha]. set. 2011. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0577.pdf>

MATOS, M. G. et al. e Equipa Aventura Social. *A Saúde dos Adolescentes Portugueses. Relatório do estudo HBS 2010*. Editor: Centro de Malária e Outras Doenças Tropicais / IHMT/ UNL e FMH/ Universidade Técnica de Lisboa. 1ª Edição, março de 2012. Disponível em: [http://aventurasocial.com/arquivo/1334762276\\_Relatorio\\_HBSC\\_2010\\_PDF\\_Finalissimo.pdf](http://aventurasocial.com/arquivo/1334762276_Relatorio_HBSC_2010_PDF_Finalissimo.pdf)

MATOS, B. F. e RIBEIRO, C. *Prevenir a Indisciplina e Melhorar o Comportamento dos Alunos em Centros Escolares*. *Revista Gestão e Desenvolvimento* [Em linha]. 2015, vol.23, pp. 169-191. [consult. 2018-20-01]. Disponível em: [http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestaoDesenv/GD23/GD23\\_169.pdf](http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestaoDesenv/GD23/GD23_169.pdf)

MENDES, C. S. *Violência na escola: conhecer para intervir*. Revista Referência [Em linha]. Março 2010, II Série, n.º 12, pp. 71-82. [consult. 2016-10-20]. Disponível em: [https://web.esenfc.pt/v02/pa/conteudos/downloadArtigo.php?id\\_ficheiro=297](https://web.esenfc.pt/v02/pa/conteudos/downloadArtigo.php?id_ficheiro=297)

MENDES, C. S. *Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção*. Revista da Escola de Enfermagem da USP [Em linha]. 2011, vol. 3, n.º 3, pp. 581-588. [consult. 2016-10-20]. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/d1d9/41037fc74f57382608080b29782fbfeaea30.pdf>

MENEZES, T. A. e MONTE, P. A. *Relação entre o tipo de contrato de trabalho e a dedicação do trabalhador no emprego: evidências para as regiões metropolitanas brasileiras*. Revista Nova Economia [Em linha]. jan. - abr. 2013, vol. 23, n.º 1, pp. 51-72. [consult. 2018-01-15]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/neco/v23n1/02.pdf>

MONTEIRO, M. I. C. C. P.A. A Violência em Contexto Escolar “Bullying” e a Importância da Animação Sócioeducativa na Mediação de Conflitos e Apoio ao Aluno. Instituto Politécnico de Coimbra. Escola Superior de Educação. 2012. Relatório do Projeto de Investigação-Ação para obtenção do Grau de Mestre em Educação de Adultos e Desenvolvimento local. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/12720/1/MARIA\\_MONTEIRO.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/12720/1/MARIA_MONTEIRO.pdf)

MORAIS, M. T. Intervenções de Enfermagem com o Adolescente. Instituto de Ciências e Saúde. Universidade Católica Portuguesa. 2014. Relatório de Mestrado em Enfermagem com Especialização em Enfermagem de Saúde Mental. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18344/1/Interven%C3%A7%C3%B5es%20de%20enfermagem%20com%20o%20adolescente.%20Ganhos%20em%20Sa%C3%BAde.%20Lisboa%202014.pdf>

NASN School Nurse. *The role of the 21 st.- Century School Nurse. Position Statement.* [Em linha]. jan. 2017. [consult. 2018-01-27]. Vol. 32, N.º 1, pp. 56-58. Disponível em: <https://schoolnursenet.nasn.org/blogs/nasn-profile/2017/03/13/the-role-of-the-21st-century-school-nurse>

NETO, L.A.A. *Bullying – comportamento agressivo entre estudantes.* *Jornal de Pediatria* [Em linha]. 2005, vol. 81, n.º 5, pp. 164-172. [consult. 2017-04-24]. Disponível em: <http://www.uff.br/saudecultura/encontros/Bullyng.pdf>

OLIVEIRA, H.A. C. Violência entre colegas (bullying) em contexto escolar. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa. 2012. Dissertação de Mestrado. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2455/1/VIOL%C3%8ANCIA%20ENTRE%20COLEGAS\(Bullying%20\)em%20contexto%20escolar.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2455/1/VIOL%C3%8ANCIA%20ENTRE%20COLEGAS(Bullying%20)em%20contexto%20escolar.pdf)

OLIVEIRA, M. F. *Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração.* Universidade de Goiás – Campus Catalão – Curso de Administração. 2011. Disponível em: [https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual\\_de\\_metodologia\\_cientifica\\_-\\_Prof\\_Maxwell.pdf](https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf)

OLIVEIRA, A.S. e ANTÓNIO, P.S. *Sentimentos do Adolescente Relacionados ao Fenómeno Bullying: Possibilidades para a Assistência de Enfermagem Nesse Contexto.* *Revista Eletrónica Enfermagem* [Em linha]. 2006, vol. 8, n.º 1, pp. 30-41. [consult. 02-03-2017]. Disponível em: [https://www.fen.ufg.br/revista/revista8\\_1/pdf/v8n1a05.pdf](https://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/pdf/v8n1a05.pdf)

OLWEUS, D. *Bullying at School: What We Know and What We Can Do.* Oxford, England: Blackwell Publishing, 1993.

OMS. *Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência 2014.* Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo. 2015. [consult. 2017-03-24]. Disponível em: [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/145086/5/9789241564793\\_por.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/145086/5/9789241564793_por.pdf)

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos.* 2009. Disponível em: <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>

ORDEM DOS ENFERMEIROS. A Enfermagem é Importante – Investigação em Enfermagem: um instrumento de atuação. [Em linha]. s/a. [consult. 20-01-2018]. Disponível em: [http://www.ordemenfermeiros.pt/relacoesinternacionais/gri\\_documentacao/ICN\\_FolhasInformativas\\_vslNGePT/Fl\\_versao\\_PT/Investigacaoenfermageminstrumentoparaacao.pdf](http://www.ordemenfermeiros.pt/relacoesinternacionais/gri_documentacao/ICN_FolhasInformativas_vslNGePT/Fl_versao_PT/Investigacaoenfermageminstrumentoparaacao.pdf)

ORDEM DOS ENFERMEIROS. Código Deontológico – Inserido no Estatuto da Ordem dos Enfermeiros republicado como anexo pela Lei n.º 156/2015 de 16 de setembro. Disponível em:

<http://www.ordemenfermeiros.pt/legislacao/documents/legislacaooe/codigodeontologico.pdf>

PEREIRA, B. O. Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às actividades. In: 2.º Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde: "Novos modelos de análise e intervenção". 01-03 junho de 2005. Comunicação em congresso. [consult. 2016-11-05]. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3966/1/Recreios%20escolares%20e%20preven%C3%A7%C3%A3o%20da%20viol%C3%Aancia.pdf>

PEREIRA, B.; SILVA, M.I. e NUNES, B. *Descrever o Bullying na Escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal*. Revista Diálogo Educ., Curitiba. [consult. 2017-09-20]. Set.- dez. 2009, vol. 9, n.º28, pp. 455-466. ISSN: 1518-3483. Disponível em: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10118/1/BullyingDIALOGO-0004-00002826-artigo\\_03.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10118/1/BullyingDIALOGO-0004-00002826-artigo_03.pdf)

PEREIRA, A.C.S.; SANTINI, P.M. e WILLIAMS, L.C.A. *Um livro a se debater: Bullying: mentes perigosas nas escolas, de Ana Beatriz Barbosa Silva*. [Em linha] Revista Psicologia, 2012, vol. 14, n.º 1, pp. 197-202. [consult. 2017-12-23]. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v14n1/v14n1a15.pdf>

PESTANA, M.H. e GAGEIRO, J.N. *Análise de Dados para Ciências Sociais – A Complementaridade do SPSS*. 4ª ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2005.

PINHEIRO, L.O. *Bullying: O perfil da vítima*. Instituto de Ciências Sociais – Universidade do Minho. Relatório de Estágio de Licenciatura em Sociologia. Disponível em: [http://www.academia.edu/6399880/Bullying\\_o\\_perfil\\_da\\_v%C3%ADtima](http://www.academia.edu/6399880/Bullying_o_perfil_da_v%C3%ADtima)

PINTO, R.G. e BRANCO, A.U. *O Bullying na perspectiva sociocultural construtivista*. Revista Teoria e Prática da Educação [Em linha]. set.-dez. 2011, vol. 14, n.º 3, pp. 87-95. [consult. 2017-05-05]. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/18490/9645>

PIMENTA, E., PEREIRA, B. e LOURENÇO, L. M. *Bullying: efeitos de um programa de intervenção no recreio escolar*. In Barbosa, A.; Lourenço, L. e Pereira, B. (Orgs.), *Bullying*. Conhecer e Intervir. [Em linha]. 2011. pp. 125-139. [consult. 2017-10-15]. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/18312>

POLIT, D.F.; BECK, C.T. e HUNGLER, B.P. *Fundamentos da Pesquisa e Enfermagem – Métodos, avaliação e utilização*. 5ª ed. São Paulo: Artmed Editora, 2004. ISBN: 85-7307-984-3.

POLIT, D. e BECK, C. *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem*. 7ªed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PORTARIA n.º 272-A/2017. D.R. 1º Suplemento, Série I [Em linha]. (2017-09-13). Disponível em: <https://dre.pt/home/-/dre/108141749/details/maximized>

PORTUGAL. Programa Nacional de Saúde Escolar. 2006. Disponível em: <https://www.dgs.pt/paginas-de-sistema/saude-de-a-a-z/saude-escolar/programa-nacional-de-saude-escolar.aspx>

PORTUGAL. Direção Geral da Saúde. Programa Nacional de saúde Infantil e Juvenil. 2013. Disponível em: <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/programa-tipo-de-atuacao-em-saude-infantil-e-juvenil.aspx>

PORTUGAL. Programa Nacional de Saúde Escolar – 2014. Documento em discussão pública Disponível em: <https://www.dgs.pt/documentos-em-discussao-publica/programa-nacional-de-saude-escolar-2014-em-discussao-publica.aspx>

PORTUGAL. Programa Nacional de Saúde Escolar – 2015a. Disponível em: [http://www.spp.pt/UserFiles/file/EVIDENCIAS%20EM%20PEDIATRIA/015\\_2015\\_AGO.2015.pdf](http://www.spp.pt/UserFiles/file/EVIDENCIAS%20EM%20PEDIATRIA/015_2015_AGO.2015.pdf)

PORTUGAL. Serviço Nacional de Saúde. Saúde Escolar. Direção Geral da Saúde. Disponível em: <https://www.dgs.pt/pns-e-programas/programas-de-saude/saude-escolar.aspx>

PORTUGAL. D.R. Portaria n. 29 de 2015b. 1ª Série- N.º 30- 12-02-2015. [consult. 26-09-2017]. pp. 841-842. Disponível em: <https://dre.pt/application/file/a/66492908>

PORTUGAL. Diário da República – I Série- A. N.º 177 de 29 de julho de 2004. 4898-4914. Disponível em: [http://www.dgae.mec.pt/?wpfb\\_dl=1075](http://www.dgae.mec.pt/?wpfb_dl=1075)

PRODÓCIMO, E. et al. Violencia escolar: reflexiones sobre los espáacios de ocorrência. Revista Electrónica de Investigación Educativa [Em linha]. maio 2014, vol. 16, n.º 2, pp. 1-15. [consult. 2017-05-05]. Disponível em: <http://redie.uabc.mx/redie/article/view/513/940>

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. V. – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 4ª ed. Lisboa: Gradiva, 2005.

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. V. – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5ª Ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RIBEIRO, J.L.P. *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Editora Placebo. 2.ª Edição. 2010. ISBN: 978-989-8463-01-2.

RISO, B. A Construção da Escola como Lugar de Saúde - Contributo para uma reflexão sobre as políticas de saúde escolar na sociedade portuguesa contemporânea. Educação, Sociedade e Culturas [Em linha]. 2013, n.º 38, pp. 77-97. [consult. 2016-10-20]. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/06.BrigidaRiso.pdf>

ROBALO, I.M. Programa para a promoção de competências pessoais e sociais dos jovens “bullies”. Universidade Lusófona e das Humanidades e Tecnologias – Escola de Psicologia e Ciência da Vida. Lisboa. 2016. Dissertação de Mestrado. Disponível em: [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7607/Tese%20Final%20Junho%20\(I%20neida\)%20com%20j%C3%BAri.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7607/Tese%20Final%20Junho%20(I%20neida)%20com%20j%C3%BAri.pdf?sequence=1)

ROCHA, A. et al. Saúde Escolar em Construção: Que Projetos?. Revista Millenium [Em linha]. julho-dezembro 2011, n.º 41, pp 89-113. [consult. 2016-10-20]. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium41/7.pdf>

RODRIGUES, A.P.M. *Comportamentos Antissociais e Bullying: A Análise da Escola Sob a Perspetiva dos Profissionais de Ensino*. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, 2015. Dissertação de Mestrado.

RODRÍGUEZ, N.E. *Bullying, Guerra na Escola*. Lisboa: Editora Sinais de Fogo, 2004

SALEIRO, T. O direito e o dever de educar. Educare.pt. [Em linha]. Agosto 2014. [consult. 2018-01-20]. Disponível em: <https://www.educare.pt/opiniao/artigo/ver/?id=29242>

SALES, C. M. Segurança e Violência Escolar: Uma Visão Sistémica. Revista-Journal Interacções [Em linha]. 2009, vol.5, n.º 13, pp. 20-34. [consult. 2017-03-14]. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/395>

SALES, M.P e SOUSA, C.E.B. A manifestação da violência no espaço escolar. Estação Científica (UNIFAP) [Em linha]. jul-dez 2012, vol.2, n.º 2, pp. 55-64. [consult. 2017-03-14]. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article/view/731/salesv2n2.pdf>

SANTOS, N. P. *“Bullying” e as ações de enfermagem: uma revisão integrativa*. Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2010. Trabalho de conclusão de curso. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24883>

SANTOS, J. A. et al., Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. *Revista Salud Pública* [Em linha]. abril 2014. vol. 16, n.º2, pp. 173-183. [consult. 2018-01-20]. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsap/2014.v16n2/173-183/pt>SANTOS, C.A.F. *Experiências de Bullying e Vergonha Externa em Adolescentes do 3º Ciclo do Ensino Básico*. Instituto Superior Miguel Torga – Escola Superior de Altos Estudos. Coimbra. Dissertação de Mestrado, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/691/1/Tese%20Carina%20Santos.pdf>

SAVIOLI, K. C. et al. Violência física no contexto de adolescentes escolares: análise de aspetos individuais, sociais e familiares. In: *Acidentes e Violência: uma abordagem interdisciplinar* [Em linha]. 1ª Edição. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará – Ed UECE, 2015. Universidade Estadual do Ceará. 1ª Edição, pp. 124-146. [consult. 2017-06-20]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/293892123\\_VIOLENCIA](https://www.researchgate.net/publication/293892123_VIOLENCIA)

SEIXAS, S.R. Diferenças de género nos comportamentos de bullying: contributos da neurobiologia. *Revista Interações* [Em linha]. 2009, vol. 5, n.º 13, pp. 63-97. [consult. 2017-03-14]. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/398/352>

SILVA, J.L. et. al. Estudo exploratório sobre as concepções e estratégias de intervenção de professores em face do bullying escolar. *Revista Psicologia: Teoria e Prática* [Em linha]. setembro-dezembro 2015, vol. 3, n.17, pp. 189-199. [consult. 24-03-2017]. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872015000300015](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000300015)

SILVA, J.M.A.P. e SALLES, L.M.F. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Revista Educar em Revista* [Em linha]. 2010, n.º 2, pp. 217-232. [consult. 2017-04-15]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe2/13.pdf>

SILVA, M. A.I. Bullying entre pares na escola: desafio aos enfermeiros que atuam na atenção básica à saúde. *Revista Eletrónica de Enfermagem* [Em linha]. Jul-set 2013. [consult. 2017-10-15]. Vol. 15, n.º 3, pp. 603-604. Disponível em: [https://www.fen.ufg.br/fen\\_revista/v15/n3/pdf/v15n3a01.pdf](https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v15/n3/pdf/v15n3a01.pdf)

SCHULTZ, N.C.W. et al. A Compreensão Sistémica do *Bullying*. *Revista Psicologia em Estudo* [Em linha]. abr./jun. 2012, vol. 17, n.º 2, pp. 247-254. [consult. 26-12-2017]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n2/v17n2a07>

SHORE, K. *The ABC’s of Bullying Prevention: A Comprehensive Schoolwide Approach*. 2006. Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=bUKIAQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

SOUSA, V.D; DRIESSNACK, M e MENDES, I.A.C. Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem. Parte 1: Desenhos de pesquisa quantitativa. *Revista Latino-am Enfermagem* [Em linha]. maio-junho 2007, vol. 15, n.º3. [Consult. 2017-05-24]. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n3/pt\\_v15n3a22.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n3/pt_v15n3a22.pdf)

UNESCO. School Violence and Bullying – Global Status Report [Em linha]. Jan. 2017 [consult. 2017-05-18]. ISBN 978-92-3-100197-0. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002469/246970e.pdf>

VIEIRA, C.A.G. Inclusão e *Bullying*: Práticas, Prevenção e Intervenção dos professores de um agrupamento TEIP. Escola Superior de Educação São João de Deus, Lisboa. 2013. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5277/3/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20Clara%20Vieira.pdf>

VIRÃES, M.B.A.R.A. O papel da escola na educação de valores. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Educação. 2013. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Disponível em: [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4831/Maria\\_Betania\\_Vir%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4831/Maria_Betania_Vir%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1)

XAVIER, R.J.C. A violência Escolar e a sua relação com diferentes Psicopatologias. Universidade Fernando Pessoa, Porto. 2016. Dissertação de Mestrado em Criminologia. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5437/1/%E2%80%9CTESE%20-%20A%20viol%C3%A7%C3%A3o%20Escolar%20e%20a%20sua%20rela%C3%A7%C3%A3o%20com%20diferentes%20Psicopatologias%E2%80%9D%20%28final%29.pdf>

WOLKE, D. e LEREYA, S. T. Long-term effects of bullying. PubMed Central [Em linha]. sep. 2015, vol. 100, n.º 9, pp. 879-885. [consult. 09-01-2018]. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4552909/>

ZAIDER, T.V. e OLIVIA, S.A. Paradigmas de Investigación en Enfermería. Revista Ciencia y Enfermería [Em linha]. junho 2005, vol. 11, n.º 1, pp. 17-24. [consult. 2017-05-24]. ISSN: 0717-2079. Disponível em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0717-95532005000100003](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532005000100003)

ZEQUINÃO, M.A. et al. Bullying escolar: um fenómeno multifacetado. Revista de Educação e Pesquisa [Em linha]. jan.-mar. 2016, vol. 42, n.º 1, pp. 181-198. [consult. 2017-05-05]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0181.pdf>



## **ANEXOS**



## **ANEXO 1 - Questionário**

Caro(a) Senhor(a)!

O meu nome é Neusa Micaela Amaral Coutinho, sou enfermeira no Centro de Vila Franca do Campo, e encontro-me a frequentar o Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria da Escola Superior de Enfermagem do Porto. Neste âmbito estou a desenvolver um trabalho de investigação intitulado: “O que sabem e como atuam os Assistentes Operacionais em situações de Violência em Meio Escolar? Conhecer para Intervir!”, sob a orientação da Professora Doutora Maria Margarida da Silva Reis dos Santos Ferreira e coorientação da Professora Doutora Lúcia de Fátima Mota Ferreira Freitas. Este tem como objetivos analisar os conhecimentos e as medidas adotadas pelos assistentes operacionais das escolas do Concelho de Vila Franca do Campo sobre violência em meio escolar.

Solicito a sua colaboração no desenvolvimento deste estudo, através do preenchimento deste questionário.

O questionário é anónimo, não devendo, portanto, escrever a sua identificação em nenhum local, as suas respostas são confidenciais.

Por favor, responda a todas as questões e sempre de acordo com o que sabe, faz ou pensa.

Agradeço desde já a sua colaboração, a qual é imprescindível para o êxito do trabalho.

Para o preenchimento, por favor coloque um (X) dentro do  da opção que considerar correta.

### **1 – Identificação**

**Sexo:**

M       F

**Estado Civil:**

Solteiro/a  
Casado/a  
União de facto  
Divorciado/a  
Viúvo/a

**Idade:**

\_\_\_\_\_ anos

## 2 – Nível de Escolaridade

Menos que o primeiro Ciclo do Ensino Básico

1º Ciclo do Ensino Básico

2º Ciclo do Ensino Básico

3º Ciclo Ensino do Básico

Ensino Secundário

Licenciatura

Qual? \_\_\_\_\_

Outro \_\_\_\_\_

Qual? \_\_\_\_\_

## 3 – Vínculo com esta Instituição de Ensino na qual exerce funções

Contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado (efetivo)

Contrato de trabalho em funções públicas por tempo resolutivo com termo certo

Contrato de trabalho em funções públicas por tempo resolutivo com termo incerto

Trabalho temporário (Programas)

## 4 – Há quanto tempo trabalha nesta instituição de ensino?

\_\_\_\_\_

## VIOÊNCIA EM MEIO ESCOLAR – *BULLYING*

### 5 – Já ouviu falar de *Bullying*?

Sim

Não

### 6 – Para si, o que é o *Bullying*?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### 7 - Que tipos de *Bullying* conhece?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**8 – No dia-a-dia faz algo para evitar o *bullying* entre alunos na escola?**

Sim

Não

(Se respondeu **Não**, por favor passe para a pergunta 9)

8.1 – Se respondeu Sim, o que faz?

---

---

**9 – Frequentou alguma formação relacionada com violência em meio escolar (*bullying*)**

Sim

Não

(Se respondeu **Não**, por favor passe para a pergunta 10)

9.1- Se respondeu Sim:

9.1.1 – Quando?

Há menos de 6 meses

Entre 6 e 12 meses

Há mais de 12 meses

9.1.2- Onde realizou a formação? \_\_\_\_\_

9.1.3. – Quantas horas teve a formação? \_\_\_\_\_

9.1.4. – Foi proposta por:

Instituição

Iniciativa própria

**10 - Já presenciou alguma situação de violência entre alunos no espaço escolar?**

Sim

Não

**11 - Tem conhecimento da ocorrência de violência entre alunos na escola?**

Sim  
Não

**12 - Na sua opinião, que tipo de violência é mais comum na escola?** (Por favor assinale com (x) apenas as opções que considerar serem comuns na sua escola. O 1 corresponde às que ocorrem com **menos frequência**, o 2 às que ocorrem mais vezes que a hipótese 1 e o 3 às que ocorrem com **mais frequência**).

	1	2	3
<b>Física</b> (engloba agressão física, empurrões, cuspidelas, furto, estrago de objetos e submissão da vítima a atividades servis)			
<b>Verbal</b> (engloba insultos em público, tais como apelidos, provocações, injúrias e comentários que provocam mal-estar e humilhação)			
<b>Indireta</b> (engloba o espalhar boatos sobre a vítima, esta ser ignorada pelos outros, ou ameaças a outros colegas para que não se aproximem ou convivam com a vítima)			

**13 – Costuma intervir quando presencia situações de violência entre os alunos?**

Sim  
Não  
(Se respondeu **Não**, por favor passe para a pergunta 14)

13.1.– Se respondeu Sim:

13.1.1 - Em que situações intervém? (Por favor assinale todas as respostas de acordo com a sua intervenção)

Violência Física  
Violência Verbal  
Violência Indireta

13.1.2 –Porquê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

13.1.3- O que fez? (Por favor selecione todas as respostas que estão de acordo com o que fez quando assistiu à agressão).

- Coloquei-me no meio dos alunos e pedi-lhes que acabassem com a agressão
- Coloquei-me no meio dos alunos e ordenei-lhes que acabassem com a agressão
- Pedi ajuda
- A quem pediu ajuda? \_\_\_\_\_
- Falei com o agressor para não voltar a praticar violência
- Falei com a vítima para ajudá-la a defender-se
- Falei com ambos (agressor e vítima) para que situações de violência não se repitam
- Acompanhei o agressor ao Conselho Executivo
- Comuniquei a agressão ocorrida ao Diretor de Turma
- Comuniquei a agressão ocorrida a outras pessoas
- Quem? \_\_\_\_\_
- O que aconteceu à vítima? \_\_\_\_\_

**14 – Quais os locais na escola e suas imediações onde ocorre mais violência?** (Assinale na tabela seguinte, os locais, sendo que 1 é o local onde ocorre menos vezes e 5 o local onde ocorre mais vezes. Não tem de preencher todas as opções se não tiver conhecimento da ocorrência de violência em todos os locais mencionados).

Locais de ocorrência de violência em meio escolar	- vezes OCORRE + vezes				
	1	2	3	4	5
Nos recreios					
Nos corredores					
Nos espaços de refeição					
Parque de estacionamento					
Ruas perto da escola					
Outros					

Quais? \_\_\_\_\_

14.1- Os locais da escola onde ocorre violência são vigiados?

- Sim
- Não

14.2- Quem os vigia?

- Os assistentes operacionais
- Os professores
- Outros
- Quem? \_\_\_\_\_

14.3 – Nestes locais há profissionais que orientem o tempo livre dos alunos, com atividades ou jogos?

Sim

Não



14.3.1- Se sim, de que modo?

---

---

---

**15- Considera que desde que trabalha nesta instituição de ensino está mais atento (a) a situações de violência?**

Sim

Não



**16- Nas opções que se seguem, por favor assinale com (x) as que já observou serem realizadas por algum aluno ou alunos.**(Não tem de assinalar todas as opções. Só deve assinalar as que considerar já ter observado, sendo que 1 corresponde à opção que observou menos vezes e 5 à opção que observou mais vezes).

	- vezes OCORRE + vezes				
	1	2	3	4	5
Isola-se durante o recreio					
Não brinca nem convive com os colegas					
Procura estar próximo de um adulto					
Apresenta dificuldade em falar diante dos seus colegas de turma demonstrando desconforto ou ansiedade					
Apresenta frequentemente aspeto contrariado, triste, deprimido ou aflito					
Apresenta equimoses (nódoas negras), feridas, cortes, arranhões ou roupa rasgada					
Falta às aulas com alguma frequência					
Perde constantemente os seus pertences					

**17- Nas opções que se seguem, por favor assinale com (x) as que já observou serem realizadas por algum aluno ou alunos.** (Não tem de assinalar todas as opções. Só deve assinalar as que considerar já ter observado, sendo que 1 corresponde à opção que observou menos vezes e 5 à opção que observou mais vezes).

	- vezes OCORRE + vezes				
	1	2	3	4	5
Realiza “brincadeiras” ou goza, rindo de modo desdenhoso e hostil dos colegas					
Apelida ou chama pelo nome ou sobrenome de forma maldosa e desdenhosa os colegas					
Insulta, menospreza, ridiculariza e/ou difama os colegas					
Faz ameaças, dá ordens, domina e/ou subjuga os colegas					
Incomoda, intimida, empurra, bate, soca, pontapeia, belisca, puxa os cabelos					
Envolve-se em discussões e desentendimentos com os colegas					
Apropria-se de materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences sem o consentimento dos colegas					

**18- Na sua escola há apoio de técnicos especializados que apoiam a resolução de situações de violência escolar – *bullying*?**

Sim

Não

18.1- Se **Sim**, que técnicos?

Psicólogo (a)

Professor (a)

Enfermeiro (a)

Assistente Social

Outros

Quem? \_\_\_\_\_

18.2 –O que é que estes técnicos fazem para prevenir e combater a violência em meio escolar?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

18.3 – Na sua opinião, as estratégias/atividades de prevenção e combate à violência desenvolvidas pelos técnicos na escola, têm contribuído para a redução da violência em meio escolar?

Sim  
Não



**19-Para cada opção seguinte, assinale a que melhor reflete a sua opinião:**

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Os recreios escolares vigiados e orientados diminuem a ocorrência da violência / <i>bullying</i> escolar					
É fundamental o desenvolvimento de estratégias de prevenção da violência / <i>bullying</i> na escola					
As estratégias de prevenção da violência / <i>bullying</i> adotadas devem ser do conhecimento de toda a comunidade escolar					
A ocorrência da violência / <i>bullying</i> na escola pode ser reduzida com a implementação de estratégias para o seu controlo					
O trabalho colaborativo entre alunos, pais e comunidade escolar contribui para a melhoria do comportamento dos alunos					
O trabalho colaborativo entre alunos, pais e comunidade escolar contribui para a diminuição da violência/ <i>bullying</i> na escola					

Por favor, verifique se respondeu a todas as questões.

Muito obrigada pela sua colaboração!

## **ANEXO 2 - Pedido aos presidentes dos Conselhos Executivos das Unidades Orgânicas para a realização do estudo**

Ex<sup>ma</sup>.Senhora Presidente

do Conselho Executivo  
da Escola Básica e Secundária de  
Vila Franca do Campo  
Dr.<sup>a</sup> Graça Melo

**Assunto:** Pedido de aplicação de questionário sobre Violência em Meio Escolar – *Bullying*, aos Assistentes Operacionais desse Núcleo Orgânico.

Neusa Micaela Amaral Coutinho, enfermeira, a frequentar o Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria da Escola Superior de Enfermagem do Porto, no âmbito da sua dissertação mestrado está a desenvolver um estudo intitulado “O que sabem e como atuam os Assistentes Operacionais em situações de Violência em Meio Escolar? Conhecer para Intervir!”, sob orientação da Professora Doutora Maria Margarida da Silva Reis dos Santos Ferreira e coorientação da Professora Doutora Lúcia de Fátima Mota Ferreira Freitas, vem por este meio solicitar a sua autorização para a aplicação de um questionário aos Assistentes Operacionais desse Núcleo Orgânico, com o objetivo de perceber o que sabem sobre Violência em Meio Escolar – *Bullying* e como atuam perante a mesma, problemática em estudo neste mestrado.

Anexo o questionário e o termo de consentimento informado.

Com os melhores cumprimentos,

Vila Franca do Campo, 18 de outubro de 2017.

Pede deferimento

---

(Neusa Micaela Amaral Coutinho)

Correio eletrónico: [neusa.coutinho@hotmail.com](mailto:neusa.coutinho@hotmail.com)

Tm: 963594515

Ex<sup>mo</sup>. Senhor Presidente

do Conselho Executivo  
da Escola Básica e Integrada de  
Ponta Garça  
Dr.<sup>a</sup> João Reis

**Assunto:** Pedido de aplicação de questionário sobre Violência em Meio Escolar – *Bullying*, aos Assistentes Operacionais desse Núcleo Orgânico.

Neusa Micaela Amaral Coutinho, enfermeira, a frequentar o Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria da Escola Superior de Enfermagem do Porto, no âmbito da sua dissertação mestrado está a desenvolver um estudo intitulado “O que sabem e como atuam os Assistentes Operacionais em situações de Violência em Meio Escolar? Conhecer para Intervir!”, sob orientação da Professora Doutora Maria Margarida da Silva Reis dos Santos Ferreira e coorientação da Professora Doutora Lúcia de Fátima Mota Ferreira Freitas, vem por este meio solicitar a sua autorização para a aplicação de um questionário aos Assistentes Operacionais desse Núcleo Orgânico, com o objetivo de perceber o que sabem sobre Violência em Meio Escolar – *Bullying* e como atuam perante a mesma, problemática em estudo neste mestrado.

Anexo o questionário e o termo de consentimento informado.

Com os melhores cumprimentos,

Vila Franca do Campo, 23 de outubro de 2017.

Pede deferimento

---

(Neusa Micaela Amaral Coutinho)

Correio eletrónico: [neusa.coutinho@hotmail.com](mailto:neusa.coutinho@hotmail.com)

Tm: 963594515

## ANEXO 3 - Respostas dos Presidentes dos Conselhos Executivos das Unidades Orgânicas



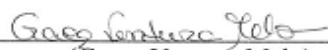
ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DE VILA FRANCA DO CAMPO

### Declaração

Eu, Graça de Fátima Bolarinho Ventura Melo, Presidente do Conselho Executivo da Escola Básica e Secundária de Vila Franca do Campo, declaro para os devidos efeitos, que a enfermeira Neusa Micaela Amaral Coutinho, no âmbito da sua dissertação de mestrado, estudo intitulado “O que sabem e como atuam os Assistentes Operacionais em situações de Violência em Meio Escolar? Conhecer para Intervir!”, sob orientação da Professora Doutora Maria Margarida da Silva Reis dos Santos Ferreira e coorientação da Professora Doutora Lúcia de Fátima Mota Ferreira Freitas, aplicou um questionário aos Assistentes Operacionais dessa Unidade Orgânica, durante o 1º período do ano letivo 2017/2018, com o objetivo de perceber o que sabem sobre Violência em Meio Escolar – Bullying e como atuam perante a mesma.

Vila Franca do Campo, 14 de dezembro de 2017

A Presidente do Conselho Executivo

  
\_\_\_\_\_  
(Graça Ventura Melo)

## Aplicação de questionário mestrado EBIPG

JR

João Reis <ceebi.pontagarca@azores.gov.pt>

### Responder

seg 23-10-2017, 11:27

Você

Respondeu em 24-10-2017 08:55.

Exma. Sra. Neuza Coutinho

Pelo presente, informo V. Exa. que autorizo a aplicação do questionário aos assistentes operacionais desta Unidade Orgânica.

Sem outro assunto de momento, subscrevo-me respeitosamente.

*O Presidente do Conselho Executivo*

*João Miguel Lopes dos Reis*

*Secretaria Regional da Educação e Cultura*

*Direção Regional da Educação*

*Escola Básica Integrada de Ponta Garça*

*Rua Prof.º Eduíno Terra Vargas s/n*

*9680 – 465 Ponta Garça*

*Tel: +351 296 539 500 FAX: 296 587 245*



## **ANEXO 4 - Declaração de Consentimento Informado**

### **DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

**O que sabem e como atuam os Assistentes Operacionais em situações de Violência em Meio Escolar?**

**Conhecer para Intervir!**

Eu, abaixo assinado, compreendi a explicação que me foi concedida acerca da minha participação na investigação que se tenciona realizar, na qual serei incluído(a). Foi-me dada a oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada está de acordo com os objetivos do trabalho. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar, a todo o tempo, a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte de papel serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do participante no estudo:

\_\_\_\_\_

A investigadora: Enfermeira Neusa Coutinho

Assinatura: \_\_\_\_\_